



Universidade da Beira Interior
Artes e Letras

Criação e inovação lexical nos textos literários: o caso do romance *Os Transparentes* de Ondjaki

Elsa Josina António

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Estudos Lusófonos
(2.º Ciclo de estudos)

Orientador: Professor Doutor José Ignacio Vázquez Diéguez

Covilhã, junho de 2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, minha família, amigos e colegas
Pelo apoio, força, incentivo, companheirismo e amizade. Sem
Eles nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

A materialização da presente dissertação é, naturalmente, resultado do nosso percurso nesta casa do saber. Portanto, cabe-nos, por esta razão, o dever e a responsabilidade de expressar os mais reconhecidos agradecimentos às entidades que sem as quais não teria sido possível a realização do referido trabalho, tão pouco todo o nosso percurso académico nesta instituição de ensino.

Agradeço a Deus todo poderoso, pela dádiva da vida e por permitir que, ao longo desta caminhada, pudesse conhecer pessoas incríveis. Desta feita, é com muita satisfação que expresso aqui os mais profundos agradecimentos a todos aqueles que tornaram a realização deste trabalho possível, especialmente ao Professor Doutor Ignacio Vázquez Diéguez, embora sobrecarregado pela acumulação de papéis que constituem o seu dia a dia, não hesitou um instante sequer em aceitar ao pedido que lhe endereçamos, no sentido de orientar este trabalho, ora em suas mãos, dando-nos o seu prestimoso apoio, incentivo, sugestões, correções à altura quando necessário sem nunca causar qualquer desmotivação; os meus agradecimentos pela paciência, pelo empenho e total disponibilidade demonstrada em todas as fases que levaram à concretização deste trabalho.

Aos professores deste Mestrado, pela dedicação, competência e rigor científico e também por todo o conhecimento partilhado durante os dois anos de formação. Muito obrigada.

Gostaria ainda de agradecer:

Ao Mestre Timóteo Muhongo por acreditar neste projeto e colaborado ativamente, fornecendo-nos os *softwares* com os quais trabalhamos; ao Aníbal Ifuquieto que de igual modo também acreditou neste projeto.

À Professora Doutora Teresa Costa, Chefe do Departamento de Língua Portuguesa do Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda, pela confiança e pela oportunidade de fazermos parte do projeto de formação de quadros do Ministério do Ensino Superior de Angola, a quem também endereçamos os nossos agradecimentos.

Aos meus colegas do Mestrado, especialmente à Maria Tona, amiga e colega de todas as horas, pela amizade, paciência, pelas trocas de conhecimentos e companhia mútua, nas horas de estudos intermináveis, a famosa direta. Ao Abel Luemba, Gilson José, Aníbal Ifuquieto, Salvador Tito, Yolanda Viamonte, Kenneth Pires, Domingos Arsénio, Edgar Mutunda, Kimavuidi Ferreira, pela pronta disponibilidade na revisão e correção linguística em diferentes momentos da realização do referido trabalho.

Os agradecimentos são extensivos aos irmãos da Igreja Adventista do Sétimo Dia do Fundão, especialmente à irmã Judith Bizarro, ao casal Teresa e José Santos, ao casal Suzana e Victor Gonçalves, por todo o apoio prestado nos momentos mais difíceis da nossa estada cá na Covilhã. Seremos eternamente gratos a vocês.

Às minhas amigas, Adelina Njele, Alzerina Medina, Andresa Morais, Ana Patrícia, Isabel Bragança, Edna Raimundo que, mesmo distantes, sempre se fizeram presentes com lembranças e palavras de incentivo. Muito obrigada por tudo.

Por último, mas sempre os primeiros. Aos meus pais Costino Francisco e Antonica Gomes Muanza, pelo apoio incondicional ao longo destes anos. Aos meus irmãos, Melícia Teresa António, Adácio Flaviano António, Alice Elizângela António e Adilson Fidel António, grata estou pela força.

A todos os meus amigos que ao longo desta caminhada nunca deixaram de me dirigir uma palavra de apreço e incentivo. Ninguém vence sozinho, e todos foram importantes na construção desta estrada.

MUITO OBRIGADA A TODOS!

RESUMO

A questão da inovação lexical é, obviamente, um assunto central para a Linguística, partindo da ideia de que a língua usada numa determinada comunidade linguística segue a dinâmica social, renovando-se constantemente; e o léxico da língua portuguesa usado em Angola, pelo que constatámos, está em constante evolução.

Este trabalho de pesquisa pretende apresentar alguns neologismos extraídos de um *corpus* literário – baseado no romance *Os Transparentes*, de Ondjaki –, classificados de acordo com os processos criativos, levando em consideração as unidades complexas (as expressões idiomáticas, também bastante produtivas no *corpus*). Fizemos a indicação do significado, para o caso dos lexemas por empréstimo linguístico e para os neologismos semânticos, e apresentámos o sentido em função do contexto frásico em que os mesmos ocorrem na obra. De igual forma, procedemos ao levamento e análise dos vários neologismos presentes nessa obra, recorrendo ao tratamento semiautomático com o auxílio do *software-hipertexto* de análise linguística, o *ConCapp*, porque nos interessou também, nesta investigação, verificar com que frequência aparecem esses neologismos, bem como a concordância e o contexto. Por fim, mas não menos importante, elaborámos um glossário e fichas lexicográficas dos neologismos constantes nessa obra, recorrendo ao *Access*, para a constituição de um dicionário de autor, de modo a facilitar o estudo das mesmas.

Na obra selecionada, *Os Transparentes*, encontrámos criações lexicais que afetam diversas áreas da vida dos luandenses. Isso demonstra claramente que os neologismos constantes nessa obra não surgem apenas da necessidade que o autor teve para designar novas realidades, mas também como uma das consequências da evolução da sociedade luandense; e os mesmos contribuem para explicar novas situações ou realidades sociais que vão surgindo fruto dessa evolução.

De facto, esses neologismos são uma ferramenta linguística essencial no estudo do léxico em sala de aula, uma vez que contribuem para a descrição e compreensão do universo lexical do português de Angola bem como o estudo mais facilitado da obra de Ondjaki.

Palavras - chave: neologismos, literatura, ensino, dicionário de autor.

ABSTRACT

The question of lexical innovation is, of course, a central issue for Linguistics, starting from the idea that the language used in a given linguistic community follows the social dynamics, constantly renewing itself. And the lexicon of the Portuguese language used in Angola, as we have seen, is constantly growing.

This research aims to present some neologisms extracted from a literary corpus – based on Ondjaki's novel *The Transparent*, classified according to creative processes, taking into account the complex units (idiomatic expressions, also quite productive in the corpus). In the case of linguistic loan lexemes and semantic neologisms, we have made the indication of the meaning and we have presented it according to the phasic context in which they occur in the work. In the same way, we proceeded to take up and analyze the various neologisms present in this work, using semiautomatic treatment with the help of the hypertext software of linguistic analysis, ConCapp, because we were also interested in this investigation to verify how often these neologisms appear, as well as the agreement and the context. Last but not least, we have developed a glossary and lexicographical indexes of the neologisms in this work, using Access to create an author's dictionary, in order to facilitate their study.

In the selected work, *The Transparents*, we have found lexical creations that affect various areas of Luanda's life. This clearly demonstrates that the neologisms in this work do not arise only from the author's need to designate new realities, but also as one of the consequences of the evolution of Luanda society; and they contribute to explain new situations or social realities that are emerging as a result of this evolution.

In fact, these neologisms are an essential linguistic tool in the study of the lexicon in the classroom since they contribute to the description and understanding of the lexical universe of the Angolan Portuguese as well as the more facilitated study of Ondjaki's work.

Key words: neologisms, literature, teaching, author 's dictionary.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1 - Hipertexto <i>ConCapp</i> . Fonte: Elaboração própria	34
Figura 2.2 - Página inicial <i>ConCapp</i> . Fonte: Elaboração própria.....	34
Figura 2.3 - Preparação do <i>corpus</i> para o tratamento semiautomático. Fonte: Elaboração própria com base em Almeida (2006).	35
Figura 2.4 - <i>Corpus</i> Os Transparentes txt. Fonte: Elaboração própria.....	35
Figura 2.5 - Dados estatísticos do <i>corpus</i> de extração. Fonte: Elaboração própria.	36
Figura 2.6 - Concordância de “mbumbi”. Fonte: Elaboração própria.....	37
Figura 2.7 - Contexto de “mbumbi”. Fonte: Elaboração própria	37
Figura 2.8 - Contexto definatório de “mbumbi”. Fonte: elaboração própria.	38
Figura 2.9 - Concordância de “pato”. Fonte: Elaboração própria.	38
Figura 2.10 - Contexto de “pato”. Fonte: Elaboração própria.	39
Figura 2.11 - Contexto definatório de “pato”. Fonte: Elaboração própria.	39
Figura 3.1 - Página inicial do modelo de ficha lexicográfica. Fonte: Elaboração própria.	56
Figura 3.2 - Ficha lexicográfica da entrada “bazar”. Fonte: Elaboração própria.....	57
Figura 3.3 - Ficha lexicográfica da entrada “bizno”. Fonte: Elaboração própria.	57
Figura 3.4 - Ficha lexicográfica da entrada “cartar”. Fonte: Elaboração própria.	58
Figura 3.5 - Ficha lexicográfica da entrada “dipanda”. Fonte: Elaboração própria.....	58
Figura 3.6 - Ficha lexicográfica da entrada “dodós”. Fonte: Elaboração própria.	59
Figura 3.7 - Ficha lexicográfica da entrada “gingongo”. Fonte: Elaboração própria.	59
Figura 3.8 - Ficha lexicográfica da entrada “Kilape”. Fonte: Elaboração própria.....	60
Figura 3.9 - Ficha lexicográfica da entrada “kínguilas”. Fonte: Elaboração própria.....	60
Figura 3.10 - Ficha lexicográfica da entrada “mbumbi”. Fonte: Elaboração própria.	61
Figura 3.11 - Ficha lexicográfica da entrada “zungar”. Fonte: Elaboração própria.....	61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 3.1 - Disposição das unidades lexicais por categoria gramatical. Fonte: Elaboração própria.	
.....	50
Gráfico 3.2 - Processos de formação de palavras mais frequentes no <i>corpus</i> . Fonte: Elaboração própria.	
.....	51
Gráfico 3.3 - Distribuição das unidades lexicais por língua de proveniência. Fonte: Elaboração própria.	
.....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1 - Breve apresentação do <i>corpus</i> de análise. Fonte: Elaboração própria	33
Tabela 3.1 - Disposição dos neologismos de acordo com o seu domínio de utilização. Fonte: Elaboração própria.	42

ÍNDICE

Dedicatória.....	II
Agradecimentos	III
Resumo	V
Abstract	VI
Lista de figuras	VII
Lista de gráficos.....	VIII
Lista de tabelas	IX
Índice	X
Introdução	1
CAPÍTULO I – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	4
Preâmbulo.....	4
1.1. Lexicologia e lexicografia	5
1.2. Léxico e vocabulário.....	6
1.3. Perspetiva histórica da evolução lexical do português.....	7
1.4. Inovação lexical e criação de novas unidades lexicais	8
1.5. Neologia e neologismos	8
1.6. Neologismos e literatura.....	11
1.7. Tipos de neologismos.....	14
1.8. Neologia formal	15
1.8.1. Processos de criação e inovação lexical mais frequentes no <i>corpus</i>	15
1.8.1.1. Derivação	17
1.8.1.2. Composição	18
1.8.2. Processos deformacionais de criação de novas unidades lexicais.....	19
1.8.2.1. Truncção ou abreviatura vocabular	19
1.8.2.2. Siglas e acrónimos	20
1.8.2.3. Hibridismo lexical	20
1.9. Neologia semântica	21
1.9.1. Extensão semântica	21
1.9.2. Neologia por empréstimo	22
1.9.2.1. Empréstimo externo	24
1.9.2.2. Empréstimo interno.....	25
1.9.3. Estrangeirismo	25
1.9.4. A gíria e o calão.....	26
1.9.5. Expressões idiomáticas	28
CAPÍTULO II – CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE PARA O TRATAMENTO SEMIATOMÁTICO	31

2.1 Linguística de <i>corpus</i>	31
2.2. Conceito de <i>corpus</i>	31
2.3. Constituição do <i>corpus</i>	32
2.4. Critério de seleção do <i>corpus</i>	40
2.5. Critério de classificação dos neologismos	40
CAPÍTULO III – RECOLHA E ANÁLISE: NEOLOGISMOS ENCONTRADOS NO ROMANCE OS TRANSPARENTES	42
3.1. Disposição dos neologismos encontrados na obra de acordo com o seu domínio de utilização.....	42
3.2. Disposição das unidades lexicais por categoria gramatical.....	43
3.2.1. Nome.....	43
3.2.2. Adjetivo	46
3.2.3. Interjeição	47
3.2.4. Verbo	47
3.2.5. Advérbio.....	47
3.2.6. Expressões idiomáticas	48
3.3. Organização das unidades lexicais por processos de formação de palavras.....	50
3.4. Distribuição das unidades lexicais de acordo com a língua de proveniência	51
3.5. Proposta de dicionário de autor	53
3.5.1. Elaboração da ficha lexicográfica ondjakiana	54
CONCLUSÕES	62
Referências bibliográficas	64
Bibliografia primária	64
Bibliografia secundária	68
Glossário dos neologismos encontrados	70

INTRODUÇÃO

A realização de qualquer trabalho, sobretudo de âmbito científico, deve ser sempre encarada com grande responsabilidade. Nesta dissertação enquadrada no contexto da Lexicologia e Lexicografia da língua portuguesa, centramo-nos, como não podia deixar de ser, em torno do elemento que constitui o nosso objeto de estudo, os neologismos, motivados pelo interesse que temos nos seguintes âmbitos: ensino, neologismo e literatura. Muito se tem discutido sobre os problemas das aulas de língua portuguesa, em específico, sobre o porquê de os programas de ensino não funcionarem e sobre o que realmente se ensina nas aulas de língua portuguesa. Isso talvez ocorra porque, apesar de existirem teses renovadoras, a prática ainda seja arcaica, ou seja, as mesmas aulas conservadoras com atividades de gramática que levam o aluno a uma aprendizagem deficiente.

Recorremos, entretanto, à Literatura para a constituição do nosso *corpus* de análise, uma vez que o nosso objetivo é identificar os neologismos lexicais presentes numa obra literária angolana. Desta feita, escolhemos a obra *Os Transparentes* do escritor angolano Ondjaki (Ndalu de Almeida), pelo que acreditamos que a mesma seja um recurso interessante para que se trabalhe o léxico em sala de aula. O estudo do vocabulário destas obras literárias, acreditamos que já é feito por muitos professores na aula, embora fique comprometido quando se apresentam palavras não lematizadas porque, muitas vezes, estas são criadas ou renovadas pelo autor do texto.

A partir da análise da obra *Os Transparentes* (doravante OT), é possível notar a riqueza vocabular presente em toda obra com vocábulos que por si ‘sós’ já caracterizam um dialeto social. Queríamos ressaltar que a escolha desta obra se fez em virtude da produtividade dos neologismos e partindo da hipótese de que a obra acima mencionada apresenta, pela caracterização da linguagem das personagens, um vocabulário especial, possivelmente de uso específico de certos grupos sociais. Pretendemos, deste modo, extrair desses vocabulários os mais variados tipos de neologismos lexicais (formal e semântico). Verificámos também um crescente número de novos vocábulos que vão surgindo e se juntam ao português falado em Luanda, fazendo, inclusive, parte do quotidiano de uma grande parte dos falantes desta urbe, como ilustra bem Ondjaki na sua obra. Assim, a criação de um dicionário de autor torna-se indispensável.

Para Jean Pruvost e Jean-François Sablayrolles (2012:18.) “... le néologisme littéraire participe pleinement du style de l’auteur, il relève de la production individuelle dans des circonstances données et donc de l’énonciation choisie”. Desta feita, o estudo desse fenómeno linguístico nas obras literárias torna-se possível graças a estratégias criativas dos escritores. Ora, ler a obra de Ondjaki implica obrigatoriamente compreender a língua que ele usa e o conhecimento que cada leitor tem do léxico da língua portuguesa, uma vez que a todo o momento, nos surgem vocábulos ‘novos’ que, muitas vezes, nos levam a interrogarmo-nos sobre a sua existência na língua portuguesa e se já foram adaptados pela comunidade linguística.

Atendendo ao tema que nos propusemos abordar e tendo em conta a riqueza lexical das obras literárias angolanas, particularmente a obra OT de Ondjaki, procuraremos visar os seguintes objetivos gerais:

- Identificar os neologismos presentes no romance OT de Ondjaki;
- Contribuir para aprofundar o estudo dos processos de formação de palavras neológicas;
- Propor a constituição de um dicionário de autor, de modo a facilitar o estudo das obras de Ondjaki – Dicionário *ondjakiano*.

Para abordar esses objetivos centrais do trabalho, procurámos distribuí-los em objetivos específicos de modo a facilitar a compreensão desse tema dissertativo:

- Descrever e classificar, do ponto de vista morfossintático e semântico, os neologismos lexicais presentes na obra;
- Identificar os processos de formação de palavras mais produtivos;
- Elaborar um *corpus* de neologismos a partir da obra referida, contribuindo para a descrição do universo lexical do português de Angola;
- Elaborar fichas Lexicográficas dos neologismos constantes na obra do referido autor.

Importa observar que a consecução dos objetivos traçados será apenas possível mediante a construção de um quadro teórico que dê suporte ao nosso estudo bem como a seleção de um *corpus* de análise que será obtido a partir da obra de Ondjaki.

Num trabalho de investigação científica, sobretudo na área que nos propusemos pesquisar, recorre-se a vários métodos e a sua adequação, assim, para a abordagem do problema que constitui o objeto de estudo – os neologismos – a nossa investigação foi desenvolvida em várias fases, fundada no levantamento da pesquisa bibliográfica. De seguida, procedemos à identificação e levantamento dos neologismos constantes na obra em estudo. Esse levantamento, assim constituído em *corpus*, foi organizado e analisado, tendo em conta os objetivos deste trabalho.

A partir da elaboração deste percurso metodológico, foi possível delinear a natureza desta pesquisa, sendo a mesma de natureza descritiva. Assim, para a concretização dos objetivos propostos neste trabalho de investigação foi importante buscarmos os pressupostos teóricos que fundamentem conceptualmente a referida investigação e a partir dos quais possamos fazer uma análise criteriosa do *corpus*.

O nosso trabalho está subdividido em três capítulos. No primeiro capítulo designado ‘marco teórico’, como o próprio nome já diz, fizemos uma incursão sobre as grandes teorias que norteiam a lexicologia e a lexicografia mais precisamente a neologia que constitui o objeto de análise do nosso trabalho, conceptualizando o léxico e a sua evolução ao longo da história do português, passando de seguida pela problematização dos neologismos e inovação lexical presentes na obra em estudo.

No segundo, fizemos uma descrição minuciosa da constituição do *corpus* usado para a extração dos neologismos. Debruçamo-nos sobre os pressupostos teóricos da Linguística de *corpus*, conceito de *corpus*, tipos de *corpus*, constituição do *corpus* e os critérios de seleção do *corpus*.

No último capítulo procedemos à análise dos neologismos, organizando-os de acordo com o seu domínio de utilização, categoria gramatical, por língua de proveniência, e por processos de formação de palavras. Por fim, procedemos à elaboração e apresentação de um glossário e fichas lexicográficas dos neologismos constantes nessa obra com ajuda da ferramenta *Access*, uma vez que pretendemos propor a elaboração de um dicionário de autor, para tal tivemos de fazer uma incursão breve à volta dos pressupostos teóricos da terminologia e da lexicografia, mas especificamente sobre os critérios a ter em conta na elaboração de dicionários.

CAPÍTULO I – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Preâmbulo

A possibilidade que o ser humano tem de se comunicar, interagir e trocar ideias só é possível mediante a aquisição da língua. A língua é um sistema organizado de signos ao serviço da sociedade humana. Esse sistema amplo e complexo possui propriedades que possibilitam a codificação, a estruturação das informações sensoriais, a captação e a transmissão de sentidos que favorecem a integração do homem na sociedade, pelo que, muitos linguistas têm sido despertados a estudar a variação diacrónica do léxico e a sua própria estrutura.

Apesar da riqueza do vocabulário, a língua necessita constantemente da criação de novas formas expressivas. Esses novos meios de expressão, inventados por quem fala e escreve um idioma, são chamados neologismos, facto que se comprova em todas as línguas do mundo, (se partirmos do princípio de que as línguas se alteram lenta, gradual e continuamente, se observadas no decorrer da história). São mudanças parciais (no âmbito fonético, sintático, morfológico, semântico, lexical e pragmático) quase sempre impercetíveis aos usuários, embora o mais estudado e analisado seja o fonético-fonológico que se atém às mudanças dos sons, pronúncia e tem a fala como material de suporte. Mesmo assim, precisa-se ter a clareza de que essas alterações atingem, simultaneamente, mais de um fator e/ou nível linguístico (cf. Costa, 2006) e elas nascem, geralmente, do contacto entre línguas, entre dialetos e/ou entre dialetos e línguas, favorecendo a introdução de novos elementos de uma das línguas na outra (cf. Mingas, 2000).

É importante observar que essas alterações ocorrem antes mais rapidamente na fala, para só depois chegar à escrita. Esta é mais conservadora, porque sofre controlo social rigoroso (por parte da elite), é mais formal, mantém certa distância da fala e é mais rica em possibilidade de uso. Mas é preciso certificar que a grande maioria das novas unidades lexicais surgidas não chegam a ser lematizadas ou utilizadas de forma convencional. Daí que, geralmente, estejam presas à condição social do grupo de usuários, sobrepondo-se às outras, incorporando-se ao sistema e tornando-se, muitas vezes, única para o uso da língua.

A língua é uma entidade dinâmica. Assim, da mesma forma que se constata evoluções no contexto de uma realidade cultural, no caso, heterogenia, incorporando a modalidade de novas formas de representação linguística dessa mesma realidade, de igual modo se deve reconhecer a contribuição dada pelos vários grupos de falantes das demais línguas existentes em Angola para a construção de formas distintas de as representar. Essa dinâmica é gerada pela própria sociedade, pelas relações entre as pessoas, pela necessidade, enfim, de se estabelecer um patamar de compreensão em que todos se insiram.

Constata-se a partir desse pressuposto que, na região de Luanda, os falantes tendem a aproximar progressivamente os dois sistemas linguísticos, português e kimbundu, introduzindo -lhes algumas modificações tanto na escrita quanto na oralidade¹.

Deste modo, iniciaremos, pois, esta fundamentação teórica sobre o tema da nossa dissertação pela conceptualização do léxico e sua evolução ao longo da história do português, passando de seguida pela problematização dos neologismos e inovação lexical presentes na obra em estudo.

1.1. Lexicologia e lexicografia

A lexicologia e a lexicografia são dois ramos da Linguística que têm como objeto de estudo o léxico. Contudo, Vilela (1994) chama a atenção no sentido de não se confundir os dois ramos, uma vez que lexicografia se ocupa da elaboração de dicionários e a lexicologia estuda as palavras de uma língua em todos os seus aspetos. A lexicologia também é definida como o dicionário ideal de uma língua porque nela se podem incluir processos de formação de palavras, a importação de palavras, a morfologia, a fonologia, a sintaxe e a semântica.

Lehmann & Martin-Berthet (2000:3) dizem que “La lexicologie a pour tâche d’établir la liste des unités qui constituent le lexique, et de décrire les relations entre ces unités”. Os mesmos autores alertam que não se pode olhar para o léxico como uma simples lista de unidades, que só podem ser ordenadas por ordem alfabética. Tendo o léxico como objeto de estudo (a semântica lexical e a morfologia), ele está organizado em dois níveis: (i) de significado e forma, ou seja, a semântica lexical estuda a organização semântica do léxico, analisa o significado das palavras e as relações de significado que elas mantêm entre elas, e (ii) a morfologia lexical estuda a organização do léxico: analisa a estrutura das palavras e as relações de forma entre elas.

Segundo Cabré (1999), a lexicologia, dentro da Linguística, trata do estudo das palavras, concentrando-se também na análise e descrição da competência lexical do falante, implicando que este tenha conhecimento de uma lista de entradas lexicais; da estrutura interna dos itens lexicais, assim como das relações entre os vários itens; e o conhecimento subjacente à capacidade de formar novas unidades lexicais (cf. Basílio, 1979).

Como já referenciámos, a lexicografia ocupa-se da realização de dicionários e léxicos. O termo pode ser também utilizado para designar o estudo teórico e a análise dos dicionários, da sua elaboração (metodologia) e da sua estrutura (lexicografia teórica), pois seu papel é decisivo para lidar com a seleção, organização e informações que devem ser dadas sobre as entradas lexicais num dicionário (cf. Ríos, 1998). Mas a lexicografia pode não implicar a realização de um dicionário, pode também implicar o recenseamento e a análise das formas e

¹A existência da língua portuguesa no nosso país ocorre numa sociedade caracterizada por uma forte estratificação linguística. A mesma partilha o mesmo espaço sociológico com os outros idiomas geneticamente distintos.

das significações das unidades lexicais, observados do ponto de vista das suas combinatórias de funções.

Sendo a lexicologia o estudo teórico do vocabulário nos seus múltiplos aspetos, para Vilela (1994) de um modo geral, ela incorpora no seu domínio todos os processos de derivação, de composição. Na lexicologia são utilizadas várias metodologias como a lexicologia estrutural e descritiva, a histórica, a aplicada, social, etc. Sem pretendermos fazer uma abordagem exaustiva sobre essa metodologia, gostaríamos, contudo, de destacar a lexicologia aplicada, que segundo Chicuna (2014) não se ocupa apenas da análise precisa das estruturas do léxico, mas também do estudo do texto literário, sobretudo, o estilo de um autor, permitindo ainda, a comparação de todos os contextos de uma unidade lexical usada pelo escritor na obra.

1.2. Léxico e vocabulário

O léxico tem como objeto de estudo a unidade lexical e estabelece relações com os diferentes níveis de análise linguística, tal como enfatiza Lorente (2004, *apud*, Alves, 2007:77) “o léxico está situado em uma espécie de interseção que absorve informações providas de caminhos diversos: dos sons, dos significados, dos morfemas, e das combinações sintagmáticas ou do uso linguístico e das situações comunicativas.”

De acordo com Vilela (1994), o léxico representa a totalidade das palavras de uma língua ou ainda o saber interiorizado, por parte dos falantes de uma determinada comunidade linguística.

As considerações mais recentes a respeito do léxico são apresentadas pelas autoras Correia & Lemos (2005:10), visto que consideram o léxico um “repertório de todas as unidades lexicais.” O léxico de uma língua corresponde ao “conjunto de palavras que dela fazem parte, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta os processos de construção de palavras disponíveis na língua” (Correia & Lemos, 2005:9). Essas palavras quando usadas no âmbito do discurso designam-se por vocábulos. O conjunto desses vocábulos atestados num determinado registo linguístico recebe o nome de vocabulário, segundo as autoras acima citadas.

Correia & Lemos (2005) afirmam o seguinte: “frequentemente gramáticos e textos teóricos apresentam o léxico como um número finito de unidades”. Deste modo, é possível aludir que o léxico é tão vasto que chega a ser difícil dizer que um falante conhece, na sua plenitude, todas as unidades que o constituem, pois, tendo em conta a dinâmica das sociedades bem como o contacto entre línguas, vocábulos são criados, outros são importados e inseridos no sistema linguístico e ainda outros tornam-se arcaicos (*cf.* Simões & Osório, 2014). Assim sendo, o léxico faz parte da vida de cada indivíduo e o seu aprendizado é contínuo².

² Segundo Marine e Barbosa (2010), as inovações do léxico só são produzidas a partir das necessidades expressivas do falante, é também seu eterno subjugado, já que é obrigado a aprender – e a apreender – o léxico da sua língua até ao final da sua vida.

As cogitações sobre o léxico remetem-nos inevitavelmente para Saussure (1968: 30-31) ao afirmar que o termo léxico se enquadra na “*langue*”, enquanto o termo vocábulo no discurso, fala ou “*parole*”.

Com base na perspectiva de Saussure, Lino *et alii* (1991) apresentam-nos quatro planos a ter em conta na abordagem da unidade lexical: no plano da língua, ela é designada por lexema; no plano do discurso, por vocábulo; no plano do dicionário por unidade lexicográfica, entrada lexical ou ainda verbete e no plano das línguas de especialidade (terminologia) por termo.

Assim, podemos concluir que o léxico, sendo o conjunto virtual das palavras de uma língua, pode ser entendido também como sinónimo de índice, glossário, vocabulário ou dicionário sucinto relativo à língua corrente, a uma ciência ou a um domínio especializado, a um autor ou a uma determinada época. E o seu aprendizado é feito durante toda a vida, uma vez que nenhum falante tem o domínio de todo o acervo lexical de uma determinada língua. O vocabulário não é um simples inventário rígido de elementos independentes e isolados, mas uma série de elementos combináveis que, estruturados em campos, constituem a totalidade do léxico (*cf.* Vilela, 1994).

1.3. Perspetiva histórica da evolução lexical do português

O estudo da história da língua portuguesa revela-nos que o seu léxico, basicamente de origem latina, tem ampliado o seu acervo lexical por meio de mecanismos oriundos do latim e de processos de formação de palavras como a derivação, a composição e não só.

A língua portuguesa, como todas as outras línguas, tem vindo a evoluir e a distanciar-se em relação à língua original (latim) devido, na maioria dos casos, à pluralidade de significados que as palavras comportam. O português enriqueceu o seu léxico graças à contribuição de quase todas as línguas do mundo. Esse enriquecimento lexical é resultado do contacto do português com as restantes línguas, recebendo delas muitas unidades lexicais. Um exemplo claro é o vocábulo *bué*, que foi fixado no sistema linguístico português em função do contacto deste sistema com o kimbundu³.

Ao longo do tempo, o português manteve e continua a manter contacto com outras línguas e desse contacto registam-se fenómenos de enriquecimento lexical. Sabemos que o léxico português é fundamentalmente proveniente do latim, mas outras línguas deram-lhe importantes contribuições. Todavia, a Linguística tem um papel importante na explicação desses fenómenos, uma vez que um dos seus interesses fulcrais recai na linguagem oral.

³ O kimbundu é uma língua de origem bantu falada em Angola, mais precisamente na capital do país, Luanda, e nas províncias de Malange, Kwanza Norte, Bengo. Importa aqui referir que o kimbundu cedeu ao léxico português muitas unidades lexicais (*Cf.* Mingas, 2000).

1.4. Inovação lexical e criação de novas unidades lexicais

Sendo a linguagem humana um organismo vivo, ela é caracterizada essencialmente pela mudança e pela inovação, uma vez que todas as línguas evoluem ao longo do tempo, daí o carácter diacrónico das mesmas.

O léxico, por ser um inventário aberto, permite inovação na língua. Desta feita, as alterações sociais, políticas, científicas e tecnológicas de uma sociedade são as que mais fornecem à língua novas unidades lexicais em consequência da necessidade de acompanhar a rápida evolução, tal como afirma Theodor Lewandowski (2000:240), “las causas del neologismo pueden ser nuevos fenómenos de la técnica, la cultura, la política, etc”.

Muitas palavras novas são adquiridas de forma natural e são utilizadas no discurso quotidiano, mesmo que os falantes não saibam ou venham a aprender o seu significado imediatamente, pois algumas dessas palavras são simplesmente usadas por imitação ou modismo. Convém aludir que outras ficam e perduram no tempo, chegando mesmo a serem lematizadas, perdendo, portanto, o seu carácter neológico⁴, tal como nos confirma também Ricardo Senabre (1999:36): “el concepto de neologismo es, pues, un concepto histórico, e históricamente cambiante. El uso que en un momento determinado se siente como neológico acaba por integrarse en la lengua e incorporarse a su léxico hasta que deja de percibirse su origen foráneo”.

A criação e a inovação lexical como se pode aferir ampliam o acervo lexical de uma língua, um assunto que de certo modo suscita interesse de estudo, pois permite-nos ter uma visão clara da evolução diacrónica da língua (Correia & Lemos, 2005). Essa evolução, como sabemos, está dependente de diferenças sociais, económicas e culturais.

As novas palavras surgem em consequência da necessidade de denominar novos conceitos e novas realidades, que todos os dias vão surgindo (Correia & Lemos, 2005) e acabam por ser resultados necessários e marcas infalíveis de vitalidade de uma língua (cf. Desmet, 2007).

1.5. Neologia e neologismos

A neologia é, certamente, um fenómeno que existe em todas as línguas, pois permite o enriquecimento e a renovação das línguas, participando na mudança e história da língua. O enriquecimento do léxico de uma língua acontece por meio desse processo, que de acordo com Carvalho (1983) é o estudo da criação de palavras ou conjunto de palavras, a sua produção e aparecimento, num momento da história da língua.

Falar de neologia implica necessariamente falar de lexicologia uma vez que a mesma abrange domínios como fenómenos de criação lexical (léxicogéne), importação e formação de unidades lexicais (Chicuna, 2004).

⁴ A palavra “bué” é um exemplo claro de resistência, e hoje é um termo que se pode encontrar nos dicionários de língua portuguesa, embora o seu uso seja ainda em contexto informal.

Do ponto de vista etimológico, o lexema neologia tem origem no grego véos “novo” + logos = λόγος “palavra”, significando o emprego de novas unidades lexicais ou de novas aceções.

Ao longo das últimas décadas, vários foram os linguistas que se debruçaram sobre essa temática, neologia, neologismos ou formação de novas palavras. E várias são as definições surgidas desses estudos, e pelo que constatámos os estudiosos não divergem muito quanto à conceituação de neologia e neologismos.

Apresentamos aqui algumas definições encontradas nos dicionários e obras de referências. O *Dicionário Houaiss da língua Portuguesa* (doravante DHL) (2003:2605) define a neologia como a criação ou emprego de palavras ou de aceções novas.

A encontrada no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (doravante DLPC) (2001:2.588) que define do seguinte modo:

processo de criação de palavras para designar novas realidades ou criação de novas aceções para as palavras já existentes, e vai muito mais além, definindo-a como sendo a criação de neologismos, unidade lexical recentemente criada ou proveniente de uma língua estrangeira e há pouco adoptada.

Já Correia & Lemos (2005) afirmam que a neologia é tradicionalmente entendida como uma denominação que corresponde a três conceitos distintos:

- A neologia traduz a capacidade de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas, os neologismos.
- A neologia é entendida, ainda, como estudo (observação, registo e datação descrição e análise) dos neologismos que vão surgindo na língua.
- A neologia também é o processo de variações contextuais produzindo um novo sentido, a partir de um mesmo significante, (por oposição ao produto desse processo: o neologismo de sentido), caso particular de polissemia.

Na visão de Chicuna (2014), a neologia é ainda o processo de adoção de uma unidade lexical proveniente de um sistema de uma língua estrangeira, sendo neste caso designado por empréstimo externo, o elemento adotado. Segundo o mesmo autor, distinguem-se dois tipos de neologia: neologia de forma (ou neologia formal) e neologia de sentido (ou neologia semântica). Lino (1991, *apud* Chicuna, 2015:54) define a neologia como “processo de formação de novas unidades lexicais ou adoção de algumas que já existem, para designar novas realidades”.

A neologia de forma consiste na criação de unidades lexicais por meio dos processos de composição, derivação, truncção, abreviaturas, siglas e acrónimos.

Ainda no âmbito do ponto de vista conceptual, Cabré (2015:13) afirma que “neologia es un campo de conocimiento y de trabajo que se ocupa de los fenómenos nuevos que aparecen en las lenguas”. Igualmente, Alves (1990:5) diz que “é um processo de criação de novas unidades lexicais”. Por sua vez, Sablayrolles (1990, *apud* Alves, 2010:83) apresenta outra visão de análise neológica, isto é, as suas considerações estão voltadas à neologia semântica e descreve-a assim “un signifié nouveau associé à un signifiant déjà attesté en langue est traditionnellement et automatiquement considéré comme relevant de la néologie sémantique et constituant un cas de polysémie”.

Diante do conceito apresentado por Sablayrolles é possível perceber que ele delimita a sua análise ao valor semântico da neologia. Apesar dos pontos convergentes nas definições de neologia, aqui apresentadas, concordamos, no entanto, com o autor quando afirma que da neologia semântica resultam casos de polissemia, frisando que uma unidade lexical apenas se pode considerar neologismo semântico caso seja portadora de uma linha semântica concebível entre o sentido original e o novo sentido; diferente de Alves (1990) que afirma que qualquer transformação semântica manifestada num dado item lexical ocasiona a criação de um novo elemento.

Os neologismos resultantes de criação neológica estilística existem primeiramente apenas no discurso, sendo geralmente formações efémeras entrando raramente no sistema da língua. São unidades que tendem a desaparecer rapidamente. São muito frequentes no discurso humorístico, literário e jornalístico, sobretudo no que diz respeito a títulos pelos caracteres original e apelativo que estes devem apresentar.

O neologismo é um produto da neologia, ou seja, é a nova unidade lexical criada numa determinada língua ou aceção nova de uma unidade lexical já existente. Também por neologismo entende-se ainda a unidade lexical que, proveniente de outra língua, é adaptada por outra (Mira Mateus *et alii*, 2005). Rey (1976) considera o neologismo não um *pseud-concept*, mas

une unité du lexique, mot, lexie ou syntagme, dont la forme signifiant ou la relation signifiant-signifié caractérisée par un fonctionnement effectif dans un modèle de communication déterminé, n'était pas réalisée au stade immédiatement antérieur du code de la langue.

De facto, ao realizarmos uma análise contrastiva entre os conceitos, aqui apresentados, chegamos à conclusão de que a sua proposta é a mais detalhada e abrangente tal como o conceito encontrado em Mira Mateus *et alii* (2005) na medida em que esta última obra também considera os neologismos como todas as palavras novas da língua que entraram há pouco tempo ou que ainda estão em processo de integração no léxico da língua. Este conceito não contempla apenas as palavras que se formaram dentro da língua, mas faz referência também às palavras provenientes de línguas estrangeiras.

O conceito de neologismo contempla também os vocábulos cujo uso não chega a generalizar-se e os vocábulos que permanecem na língua por pouco tempo (Mira Mateus *et alii*, 2005), visto que muitos desses neologismos não são partilhados em geral pela comunidade, mas a sua ocorrência é considerada parte do património linguístico dessa comunidade. O neologismo marca, portanto, a capacidade que a língua tem de se inventar e reinventar.

1.6. Neologismos e literatura

Para Michael Riffaterre (1973:59),

Le néologisme littéraire diffère profondément du néologisme dans la langue. Celui-ci est forgé pour exprimer un référent ou un signifié nouveau; son emploi dépend donc d'un rapport entre mots et choses, bref de facteurs non linguistiques; il est d'abord porteur d'une signification, et n'est pas nécessairement perçu comme forme insolite. Le néologisme littéraire, par contre, est toujours perçu comme une anomalie, et utilisé en raison de cette anomalie, parfois même indépendamment de son sens. Il ne peut pas attirer l'attention, parce qu'il est perçu en contraste avec son contexte, et que son emploi comme son effet dépendent de rapports qui se situent entièrement dans le langage. Qu'il s'agisse d'un mot nouveau, ou d'un sens nouveau, ou d'un transfert de catégorie grammaticale, il suspend l'automatisme perceptif, contraint le lecteur à prendre conscience de la forme du message qu'il déchiffre, prise de conscience qui est le propre de la communication littéraire. Du fait même de sa forme singulière, le néologisme réalise idéalement une condition essentielle de la littérarité.

Ainda no âmbito dos neologismos literários apresentamos a contribuição de Jean Pruvost e Jean-François Sablayrolles (2012:18) que afirmam o seguinte: “... le néologisme littéraire participe pleinement du style de l’auteur, il relève de la production individuelle dans des circonstances données et donc de l’énonciation choisie”. Para os autores referenciados os neologismos literários raramente são lematizados, permanecendo apenas na obra diferentes dos neologismos científicos e técnicos (Jean Pruvost e Jean-François Sablayrolles, 2012).

Com este postulado acreditamos que os neologismos presentes na literatura se distinguem dos outros pela possibilidade de não haver intenção por parte do autor de criar palavras novas, mas de produzir efeitos inéditos, pessoais e até coletivos, que despertem a curiosidade do leitor no ato da comunicação⁵, “obrigando-o a tomar conhecimento da forma da mensagem que ele descodifica, uma consciência que é característica da comunicação literária” (Riffaterre, 1973:59), tendo em conta que a literatura estabelece um grau satisfatório de adequação entre o conteúdo imaginativo do trabalho do autor e o seu meio linguístico (Souza, s/d).

Dubois (1973, *apud* Chicuna, 2014:55) conceitua neologia semântica como “processo de criação de unidades lexicais que consiste em empregar um significante, atribuindo-lhe um conteúdo que não tinha anteriormente, quer esse conteúdo seja conceptualmente novo, quer tenha sido até então expresso por outro significante”. Todavia, essa visão de Dubois leva-nos a deduzir que a literatura consiste e persiste na utilização de uma língua própria. Geralmente, o discurso utilizado difere, em parte, do discurso do quotidiano e normal, tendo em conta a

⁵ Consideramos ato de comunicação o processo de leitura da obra pelo leitor.

criatividade do autor, que faz com que o mesmo apresente um desvio ao que é padrão e adquira características próprias. Pelo que, os novos sentidos que o discurso literário cria podem ser apresentados por significantes, os quais têm a sua génese no primeiro significante, aquele que traduz o seu significado completo.

Em termos gerais, a narrativa ondjakiana é analisável em termos semântico, sintático e pragmático, o que faz com que estejamos diante de um discurso novo, cuja novidade advém fundamentalmente da conjugação de aspetos como:

- a) O léxico (re)criado sempre a partir do português de Angola e de outras línguas que com ele coabitam no espaço angolano. Este aspeto de (re)criação linguística traduz uma rutura fundamental na legibilidade da língua e orienta a leitura e governa a interpretação do texto.
- b) Aproximação ao português oral de Angola nos seus reflexos na organização sintática que serve o texto e na forma oral do discurso: o ritmo da frase, a colocação das palavras no texto. Ainda inúmeros exemplos de expressões da oralidade correspondentes a usos desviantes, em relação ao português europeu, foram registados no discurso das personagens de classe baixa.
- c) À expressão literária ondjakiana reconhecem-se-lhe alguns aspetos formais que vão da organização e cadência das frases e do não uso da inicial maiúscula a seguir o ponto, ao uso de um processo próprio de adjetivação e de uso de diminutivos com valores diversos.
- d) Os variados recursos estilísticos que abundantemente traduzem a imagética ondjakiana com um registo marcante de metáforas que transmitem uma mensagem simbólica com uma eficácia acrescida, assumindo-se como pano de fundo à criação de palavras, personagens, cenas ou situações.

Dentro desse quadro, salta-nos à vista a necessidade de haver um equilíbrio entre o conteúdo e a qualidade de imaginação do autor e a língua. E com este propósito, Irele (s/d:35-36) afirma o seguinte: “O africano escolarizado que se sente completamente à vontade tanto em sua cultura tradicional quanto na cultura europeia é, de fato, uma raridade. Pois uma grande maioria encontra-se em uma sombria região de ambiguidade cultural e linguística”. Esses problemas que a questão da língua coloca à criação literária, apontados por Irele, talvez não sejam facilmente encontrados num romance, uma vez que o autor do romance pode construir diálogos que quebrem e ignorem aquilo que é padrão, dando vida e deixando que as personagens sejam representadas na obra segundo a sua essência. Visão que podemos ver partilhada por Senabre (1999:36) quando afirma:

en todo escritor innovador se descubre siempre una inclinación a las acuñaciones neológicas, que sirven para crear ese necesario efecto de sorpresa que es el único modo de contrarrestar lo esperable, pero también para escapar de esa férrea cárcel del lenguaje en que todo escritor se siente preso alguna vez...

Tal situação é possível registar na obra em estudo, pois Ondjaki, nesse romance, usa uma linguagem que oscila, em grande medida, entre uma quase norma europeia da língua portuguesa e o produtivo português de Angola (variedade angolana do português), particularmente o falado em Luanda pelos diferentes grupos sociais e em diferentes níveis de língua, mostrando ter bastante criatividade e domínio dos dois códigos linguísticos (kimbundu e português)⁶.

Como sabemos, não há sociedade sem língua, nem língua sem sociedade que a fale. A universalidade desta coincidência sugere um parentesco profundo, uma implicação recíproca entre o linguístico e o social. Uma sociedade não pode subsistir sem um meio de comunicação entre os seus membros. Por sua vez, a língua não pode constituir-se fora do processo de comunicação em que se pode identificar a própria vida social (Kukanda, 1986).

Dessa dupla implicação nasceu a sociolinguística, ramo da Linguística que estuda a língua como fenómeno social e cultural e uma co-variação dos fenómenos linguísticos e sociais (Cunha & Cintra, 2006).

Se nos basearmos na afirmação anterior e a relacionarmos com a situação real do nosso país, podemos afirmar que, em Angola, temos várias sociedades, várias culturas e consequentemente várias línguas, nomeadamente, o kimbundu, o kikongo, o umbundu bem como as estrangeiras como por exemplo: o lingala⁷, o francês, o inglês e mais, recentemente, o mandarim. Importa salientar que cada uma dessas línguas possui a sua fonética, o seu léxico, a sua morfologia (embora sejam similares), e outras características particulares, ou seja, cada angolano, sobretudo, o que vive no meio rural ou no meio urbano, fala a língua da sua região ou tem-na como língua materna.

É importante frisar que há interferência entre as línguas regionais e a língua portuguesa, pelo facto de estarem em frequente contacto; e, por isso, nenhuma delas deve ser desvalorizada, pois cada uma é um importante veículo transportador de cultura de um povo. A situação sociolinguística dos falantes luandenses tem no seu cerne a coabitação do português com as línguas autóctones⁸ com maior destaque o kimbundu, bem como com as línguas estrangeiras de que já fizemos referência que o autor faz questão de as evidenciar na obra.

Os resultados do censo realizado e apresentado pelo Instituto Nacional de Estatística de Angola em 2014, dão conta de que a capital angolana, Luanda, possui a maior percentagem da densidade populacional do país, com habitantes oriundos de todas as regiões, perfazendo um total de 27%; aqui a guerra e a procura pelas melhores condições de vida surgem como principais

⁶ Ondjaki, numa entrevista conduzida por Ricardo Pelouro quando questionado a propósito da língua falada que o mesmo usa na escrita das suas obras respondeu o seguinte: Novamente é uma questão da utilidade literária que essa técnica exige. Se estou a escrever uma obra em que me aproximo mais da coloquialidade é porque a história assim o exige. Eu não me coíbo de ir por determinados caminhos. Se tiver que escrever uma história mais lírica, mais cuidada, hei-de fazê-lo. Para mim o que interessa é que tipo de história quero contar e que roupa tenho que usar para vestir essa história. Para isso é preciso estarmos atentos e desatentos também. Estarmos atentos se nos queremos aproximar das pessoas e desatentos se queremos encontrar o nosso mundo interior. In <https://www.ueangola.com/entrevistas/item/851-entrevista-a-ondjaki-a-capacidade-de-sobrepoe-a-boadispoc%C3%A7%C3%A3o-A0s-dificuldades-em-angola>.

⁷ Embora não tendo registo na obra em estudo, ela faz parte da comunidade linguística luandense, resultante do contacto com o povo da República Democrática do Congo.

⁸ Preferimos chamar línguas autóctones, seguindo a proposta apresentada por Mingas (2000).

fatores da heterogeneidade linguística nessa parcela do território, e isso faz com que a criatividade linguística seja um facto. E Ondjaki, filho de Luanda⁹, pertencente a essa realidade sociolinguística, apresenta na sua obra uma linguagem literária que incorpora esses falares, dando voz às personagens de todos os *status* sociais que Luanda tem.

Não pretendemos estender a nossa abordagem sobre esse fenómeno por não fazer parte dos objetivos do nosso trabalho. Mas vale referir que é um assunto que deve merecer bastante atenção, porque é necessário que se promovam investigações viradas ao estudo do léxico e das criações e inovações lexicais resultantes dessa coabitação entre o português e as línguas bantu de Angola bem como com as outras línguas estrangeiras.

Destacámos aqui os primeiros investigadores com trabalhos que de certo modo vêm cobrir um pouco a lacuna existente nessa área de investigação em Angola: Loureiro (2015), Costa (2013), Chicuna (2014) e Quivuna (2014).

O estudo desse fenómeno, neologismo, nas obras literárias torna-se possível graças às estratégias criativas dos escritores. Ora, ler a obra de Ondjaki implica obrigatoriamente compreender a língua que ele usa e o conhecimento que cada leitor tem do léxico da língua portuguesa, uma vez que constantemente nos surgem vocábulos “novos” que, muitas vezes, nos levam a interrogarmos se existem realmente na língua portuguesa e se já foram adaptados pela comunidade linguística.

Observámos que os neologismos encontrados na obra literária dificilmente perdem o seu carácter neológico (porque o neologismo literário tem função expressiva na obra), como ocorre com os termos tecnológicos criados por necessidade de se nomear nas línguas de especialidades (informática, medicina, etc.).

Podemos, portanto, aferir que o neologismo é uma força criativa. Aquele que é considerado desnecessário, aquele que tem na literatura seu assento natural, uma vez que a literatura se torna também um dos meios para o conhecimento e a difusão dos neologismos por toda a comunidade linguística.

1.7. Tipos de neologismos

Se tivermos em conta o conceito de neologismo proposto pelos mais diversos autores aqui referenciados, mais facilmente conseguiremos descrever os tipos de neologismos.

O neologismo pode ser de três tipos: neologismo formal, neologismo semântico e neologismo por empréstimo. Autores como Chicuna (2014) considera existirem apenas dois grandes tipos de neologismo, integrando o neologismo por empréstimo no tipo neologismo formal. O mesmo autor faz uma subdivisão do neologismo formal em dois grandes subtipos, a citar: neologismos formais internos (neologismos criados dentro da própria língua) e os neologismos formais externos ou empréstimos externos (criados a partir da importação de outras línguas).

⁹ A expressão “filho de Luanda” é usada para designar todo aquele que nasceu ou cresceu nessa região do País.

1.8. Neologia formal

Como já dissemos, a neologia formal apresenta duas formas principais que permitem a formação de novas formas: o empréstimo de palavras de outras línguas e a formação de novas palavras com recurso à derivação ou à composição. A principal diferença entre derivação e composição é que a derivação resulta da combinação de um componente independente e um componente dependente, enquanto a composição combina pelo menos dois elementos independentes.

1.8.1. Processos de criação e inovação lexical mais frequentes no *corpus*

Criar palavras novas é característica de todo ser humano. Basta que se tenha algum objeto ou alguma situação que precisem ser nomeados e neste momento surge então a representação linguística.

Se a necessidade de criação de novas palavras para se expressar ocorre com qualquer usuário da língua, os artistas de um modo geral não ficam à mercê desse fenómeno, e buscam na língua o material para suas criações. Estas novas palavras criadas recebem o nome de neologismos.

No campo lexical, as palavras ou alteram significados ou categorias habituais e remetem-nos para outras realidades; ou resultam da formação inovadora a partir de elementos conhecidos para juntos procurarem significados combinados e inexistentes ou substituem outras palavras em expressões de sentido comum para que se alargue ou se mude o sentido.

O neologismo, aqui, será visto por nós apenas no discurso literário, mas este discurso literário está ligado, na maioria das vezes, ao discurso do quotidiano, embora se diferencie, em parte, do discurso do quotidiano e normal, tendo em conta a criatividade do autor, que faz com que o mesmo apresente um desvio ao que é padrão e adquira características próprias, pelo que, os novos sentidos que o discurso literário cria podem ser apresentados por significantes, os quais têm a sua génese no primeiro significante, aquele que traduz o seu significado completo.

A partir da análise da obra OT, que constitui o nosso *corpus*, procurámos identificar os neologismos e as unidades lexicais candidatos a neologismos. Após a identificação dos neologismos e candidatos a neologismos, efetuamos a análise e classificação dos mesmos a partir dos seus processos de formação. Além disso, levantamos, na obra, os contextos de ocorrência e frequência de utilização das unidades neológicas identificadas. Posteriormente, elaboramos um glossário e fichas lexicográficas com as mesmas e, a partir dos neologismos encontrados, averiguámos os processos mais produtivos.

De forma geral, a obra em estudo apresenta uma confluência de vários processos formais lexicais e sintáticos, com os quais qualquer leitor angolano facilmente se identifica. Lexicalmente encontram-se diferentes tipos de inovações, que vão desde os neologismos

semânticos e as expressões idiomáticas bem como os empréstimos internos e externos ao kimbundu, até aos neologismos lexicais de base portuguesa, nomeadamente as derivações e composições. Quanto aos neologismos lexicais, eles não são partilhados em geral pela comunidade, referimo-nos àqueles que são formados ou que derivam da associação entre radicais, sufixos e prefixos já existentes no português. A ocorrência dos mesmos pode até ser considerada parte do património linguístico, uma vez que continuam a predominar as suas formas.

É preciso lembrar que as personagens da obra em estudo, como já fizemos referência, estão imersas num ambiente específico, muitas vezes incompreensível e isso evidencia a existência de diferenças entre si e outros grupos ou os restantes grupos da sociedade, mediante o uso da língua. Isso funciona como uma forma de preservar, unir e defender o grupo, atitude própria de grupos marginalizados, como é possível aferir na obra. Portanto, o estabelecimento de uma linguagem própria manifesta-se, principalmente, no léxico, uma vez que esse nível constitui a parte menos rígida de uma língua (cf. Mingas, 2000).

Truncamentos, acrónimos, sigla e abreviatura, estrangeirismos, configuram a lista dos tipos de formação de novas unidades lexicais também presentes na obra, embora encontrados de forma reduzida.

O procedimento morfológico de qualquer língua é um grande facilitador no processo de criação de novas unidades lexicais, mas ainda dentro do processo de inovação e criação lexical Correia & Lemos (2005:25) destacam quatro mecanismos importantes a ter em conta, a citar: “Construção de palavras, recorrendo a regras da própria língua; reutilização de palavras novas, atribuindo-lhes novos significados; importação de palavras de outras línguas e por último não menos importante é a criação de novas unidades lexicais a partir do nada (Criação de palavras *ex nihilo*)”.

Com a exceção do último processo (criação de palavras *ex nihilo*), que segundo as autoras supracitadas, se trata de um processo raro, podemos considerar que os três primeiros métodos se enquadram perfeitamente nas formas de criação lexical pelos processos morfológicos de formação de palavras, por mudança de sentido e por empréstimos.

No âmbito das leituras efetuadas para a compreensão do fenómeno da criação e inovação lexical, percebemos que o processo morfológico de formação de palavras bem como a derivação e a composição continuam a ser os métodos preferenciais segundo a norma da língua portuguesa como afirma Marques (2001, *apud* Chicuna, 2014:54), “os processos de derivação e de composição são fundamentais na criação de neologismos, sejam eles de forma ou de sentido”. Além desses processos neológicos, recorre-se também a outros como truncamento, abreviatura, sigla e acrónimo, amálgama, para o enriquecimento do léxico de uma língua, e os mesmos configuram na lista dos processos de formação de unidades lexicais presentes no romance, como mais adiante descreveremos.

1.8.1.1. Derivação

Muitos autores chegaram à conclusão de que a derivação é também um dos processos de inovação lexical mais produtivo em português. E segundo Correia & Lemos (2005:27) intervêm na mesma, pelo menos dois elementos: “a base, isto é, a unidade que é portadora de significado lexical à qual se lhe junta os afixos derivacionais e último, os afixos derivacionais, aqueles que se juntam à base morfológica da língua”.

A derivação é um processo de criação lexical que consiste na adição a uma base morfológica de uma mesma língua ou não de um prefixo e de um sufixo ou de ambos. Quem partilha a mesma ideia é Bechara (2006:357), quando conceitua a derivação da seguinte forma: “derivação consiste na formação de palavras novas a partir de afixos. Os afixos derivacionais podem ser sufixos ou prefixos. Consideram-se os seguintes tipos de derivação: sufixação, prefixação, parassíntese, derivação regressiva”.

a) Sufixação

Na derivação sufixal ocorre o crescimento de um sufixo no final de palavra já existente, ou seja, à direita da base, determinando a categoria bem como a sílaba tónica da mesma. Cunha & Cintra (2006:90) afirmam que pela “derivação sufixal se formam novos substantivos, adjetivos, verbos e até advérbios”. Das várias categorias advindas da derivação sufixal destacam-se as seguintes:

- I. Nominal, quando o sufixo se junta a um radical, dando origem a um substantivo ou a um adjetivo;
- II. Verbal, quando o sufixo se liga a um radical, dando origem a um verbo;
- III. Adverbial, quando o sufixo - *mente* aglutinado à forma feminina de um adjetivo (Cunha & Cintra, 2006).

Na obra encontramos alguns casos de criação lexical por derivação sufixal com o sufixo, -*mente* (modo). No primeiro caso, a base e a novidade lexical não têm a mesma categoria gramatical, sendo que no último caso a base e a novidade apresentam a mesma categoria gramatical. São, portanto, isocategorial e heterocategorial (Chicuna, 2014).

Exemplos:

“... eu preciso de me locomover *motorizadamente*, senhor doutor.”

“Na realidade, João Devagar era um homem pouco brilhante para as matemáticas e as economias, *apenasmente* fazia uso do seu poder palavroso...” (OT:103).

Na derivação sufixal, segundo Oliveira (2009:230) a formação de palavras com o sufixo -izar como em “flexível > flexibilizar, maleável > maleabilizar, responsável > responsabilizar, impermeável > impermeabilizar, prestável > prestabilizar e viável > viabilizar ocorre alomorfia: -vel (final) e -bil- (medial) ocorrem em contextos exclusivos”. Na obra encontramos um caso que se enquadra na visão apresentada pela autora.

“— há que *tentabilizar*, passar ao plano internacional, você não é menos do que outros, está a entender?” (OT:130).

b) Prefixação

Processo de formação de palavras que consiste em acrescentar um afixo à esquerda de uma base já existente. Muitas palavras em português formaram-se e continuam a formar-se recorrendo a prefixos de origem grega e latina.

Segundo Correia & Lemos (2005:31), a prefixação pode ou não alterar a categoria gramatical da base e manifesta-se em torno dos seguintes eixos semânticos:

- i. Negação/oposição/privação: in-, não-, des-, a-, anti-, contra-, sobre-;
- ii. Localização espaço-temporal: ante-, pré-, pós-, sub-, sobre-;
- iii. Quantificação/intensificação/avaliação: hipo-, híper-, bi-, micro-, tetra-, super-, mega-

Na obra em estudo, registámos também alguns neologismos derivados por prefixação, onde destacamos os prefixos *dês-*, *in-*. Cabe ressaltar que em termos de criações lexicais por derivação prefixal, as mais registadas são as formadas com o prefixo *des-*.

Exemplos:

“- e vocês falam na vossa língua? – eu *desqueci* a minha língua. Talvez no dia que eu encontrar a minha mãe” (OT:235).

“... o Carteiro despediu-se resignado à sua condição *desmotorizada*...” (OT:267).

“... as mãos enfurecidas tentavam retirar as roupas ou, *desconseguindo*¹⁰, descobriam caminho entre as roupas para roçar...” (OT:164).

No último exemplo, o vocábulo “desconseguido” formou-se a partir do crescimento do prefixo de negação *des-* a uma base, o verbo “conseguir”, resultando na formação de um novo vocábulo¹¹, sendo este antónimo do vocábulo primitivo.

1.8.1.2. Composição

Segundo Bechara (2006), a composição consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si.

Cunha & Cintra (2006) definem a composição como um instrumento de formação de novas palavras, resultante da união de dois ou mais radicais, como já o bem referencia Bechara (2006), cujo objetivo é a representação sempre de uma ideia única e autónoma.

A união dos elementos das palavras compostas acontece de duas formas:

- a) Justaposição
- b) Aglutinação

¹⁰ Expressão utilizada com certa frequência pelos falantes angolanos, sobretudo os das camadas sociais menos favorecidos, mas ela não passa despercebida até entre os académicos.

¹¹ Este vocábulo faz parte no léxico de uma grande parte da população angolana, ou seja, pode se afirmar que esta é uma realidade exclusiva do português de Angola (cf. Undolo (2016)).

Exemplos:

“... acorde mais cedo e demore menos tempo a *matabichar*...”

O neologismo acima surge da junção de dois elementos autônomos (verbo matar+bicho), o neologismo surge com o sentido de saciar a fome logo nas primeiras horas do dia, ou seja, tomar a primeira refeição do dia.

Correia & Lemos (2005) tal como Cunha & Cintra (2006), nas suas obras sobre o processo de formação de novas unidades lexicais por composição, apresentam mais três processos específicos de novas palavras, nomeadamente, a composição morfológica, a lexicalização de sintagmas e a recomposição. Aspetos que decidimos não abordar, uma vez que no *corpus* em análise foi apenas encontrado um caso de neologismo por processo de composição.

1.8.2. Processos deformacionais de criação de novas unidades lexicais

Segundo Correia & Lemos (2005), os processos deformacionais são todos os processos envolvidos na construção de amálgamas, trunicações, siglas e acrónimos. As mesmas autoras acrescentam que esses processos são um atentado à integridade fonológica dos radicais envolvidos na construção, pois estão apenas relacionados com a capacidade criativa dos falantes e das suas necessidades comunicativas, daí serem mais frequentes na linguagem de publicidade e *marketing* e na linguagem humorística. Contrariamente ao argumento apresentado pelas autoras acima, Costa (2006) diz que as interferências de ordem lexical constituem o tipo de contágio que menos afeta a estrutura interna e a identidade de uma língua. O seu objetivo é simplesmente o enriquecimento da língua, no entanto, já não se dirá das interferências de natureza lógico-gramatical que provocam ruturas algumas das quais profundas, na estrutura interna, que caracteriza o referido sistema linguístico.

1.8.2.1. Truncação ou abreviatura vocabular

Quando uma parte da sequência lexical é eliminada, a fim de se obter uma forma mais curta, estamos a falar de truncação ou abreviação lexical. Desta feita, ocorre uma verdadeira truncação quando a partir dela se obtém uma nova unidade lexical cujo significado é o mesmo da palavra original. Este processo é bastante produtivo quando se trata de palavras muito extensas. Um exemplo muito elucidativo são as palavras “Otorrinolaringologia e Pneumática”, ambas ficam reduzidas a Otorrino e Pneu.

No texto em estudo, encontramos palavras como *tuga* que é a truncação de Portugal e português, aquele de nacionalidade portuguesa.

Exemplo:

“— então e os *tugas* não mamam desta vez? — riu alguém.” (OT:172).

1.8.2.2. Siglas e Acrónimos

A siglação é frequente em quase todos os domínios da língua, por exemplo, a economia, a política, o desporto, a religião, o ensino, as denominações do estado e organizações. Formação resultante da combinação das letras iniciais de uma sequência de palavras que constitui um nome. Na obra encontramos *CIPEL* (Comissão Instaladora do Petróleo Encontrável em Luanda), isso ilustra bem o que acabamos de referir acima.

Segundo Teresa Lino (1991) e Correia & Lemos (2005), uma vez criada e vulgarizada, a Sigla acaba funcionando como uma efetiva unidade lexical simples, um substantivo, capaz, portanto, de formar derivados.

Ex. *Cipelino*, unidade lexical derivada da Sigla *CIPEL*.

O Acrónimo é um agrupamento das iniciais de várias palavras como é o caso do exemplo encontrado na obra em estudo *CIPEL*, formando uma abreviação geralmente pronunciável. Segundo Correia & Lemos, o acrónimo consiste numa unidade lexical que tem estrutura silábica própria da língua onde se forma.

Portanto, o que vai distinguir o acrónimo de uma sigla, na visão das mesmas autoras, é a sua concordância ou não concordância com a estrutura silábica própria da língua em causa.

1.8.2.3. Hibridismo lexical

O processo de criação de novas palavras vai muito além de processos como derivação e composição como já fizemos referência. Novas palavras podem surgir da união de elementos oriundos de diferentes línguas.

No que diz respeito à formação de palavras por hibridismo, Sablayrolles (2000, *apud* Chicuna, 2014:59) afirma o seguinte: “Les composés hybrides offrent la particularité que leurs deux éléments constitutifs n’appartiennent pas à la même langue.”

A criação por hibridização revela ser um processo importante e inovador para as línguas em contacto, uma vez que elas são indicadores da influência que as línguas exercem uma nas outras.

Neste caso específico, as palavras híbridas por nós identificadas na obra têm na sua composição elementos oriundos do kimbundu e do português.

Ex: *Kizombísticas* – (Kizomba+ística (s)) (OT:48).

O sufixo -ística da Língua Portuguesa juntou-se ao vocábulo kizomba da língua Kimbundu. *Zungueiro* – (Zunga+eiro). (OT:68).

Aqui trata-se de uma derivação por sufixação. O sufixo -eiro juntou-se a uma base nominal oriunda da língua kimbundu *zunga* que resulta na formação de nome derivado por sufixação.

“— És o primeiro *zungueiro* de conchas que conheço, mostra lá o material” (OT:68).

Segundo a perspectiva de Cunha & Cintra (2006), o sufixo -eiro é bastante produtivo, pois este participa na derivação de nomes a partir de outros nomes.

“... antes de capturarem o indivíduo com o *remendo no matako*” (OT:175).

Aqui, trata-se de um hibridismo, pois surge da união de dois elementos provenientes de línguas diferentes, neste caso, o português e o kimbundu. “Remendo no matako” significa ter as nádegas suturadas ou simplesmente cobertas por ligaduras. No nosso *corpus* quem teve as nádegas remendadas é a personagem Ciente como consequência de um tiro que levou por ter assaltado a loja de uma outra personagem, neste caso o Cardoso.

1.9. Neologia semântica

A Língua, por apresentar um carácter dinâmico, sofre mudanças ao longo do tempo. Essas mudanças, como sabemos, são fruto da convivência social, e verifica-se que as palavras acabam sofrendo mudanças de sentido, determinadas pelo meio. Este é um dos aspetos que torna a língua rica, pois além das diferenças causadas através do tempo, existe a diferença sociocultural, o que não impede uma real comunicação entre os grupos.

As palavras sofrem alterações semânticas determinadas pelo contexto nos quais são inseridas. Estas alterações que acontecem no âmbito do sentido são, muitas vezes, motivadas por uma série de fatores, nomeadamente a metáfora e metonímia, tal como afirma Desmet (2007:44) “la métaphore et la métonymie sont une source de créations lexicales”.

Por meio desse processo ocorre a alteração do significado de um significante já existente na língua, cuja desinência conceptual pode ser nova ou de outro significante.

A neologia semântica consiste na utilização de um significante já existente na língua com uma nova aceção. Para Dubois (1973, *apud* Chicuna, 2014:55) “a neologia semântica é o processo de criação de unidades lexicais que consiste em empregar um significante, atribuindo-lhe um conteúdo que não tinha anteriormente, quer esse conteúdo seja conceptualmente novo, quer tenha sido até então expresso por outro significante”.

1.9.1. Extensão semântica

Quando atribuímos um novo significado a um ou mais significantes já existentes na língua ocorre, portanto, o processo de formação de palavras por extensão semântica.

Para exemplificar a riqueza de sentido de uma palavra citaremos trechos da obra em estudo em que a palavra *cabeça* e *armado* são usadas nos mais diferentes contextos e sentidos.

No trecho: “Então, vão! já deviam ter ido... *usam a cabeça*, rapazes...” destacamos aqui a expressão “usam a cabeça”. Significa que alguém faça alguma coisa de forma inteligente. O cérebro fica na cabeça, portanto, “usar a cabeça” significa estar em condições de pensar, raciocinar, refletir, etc.

Na frase: “Já te disse, *furei* o gajo, tava *armado* que não me dava o telemóvel...” Encontramos a expressão “tava armado”. Segundo o DHLP *armado* significa estar munido de armas. Mas na frase acima exposta, a expressão quer enfatizar alguém que durante um assalto à mão armada mostra resistência, ou seja, se nega a entregar um determinado objeto solicitado pelo assaltante, levando-o à morte ou ferimentos graves. Na mesma frase encontrámos um outro lexema que se expandiu semanticamente, a expressão “furei o gajo” resulta da relação de semelhança entre a ideia “orifício que se faz em alguma coisa” e a ideia “ao orifício que a bala disparada por uma arma de fogo faz no corpo de alguém”, neste caso estamos perante um fenómeno designado por metáfora.

O outro exemplo segue com o lexema *pato*, que também é uma criação lexical por extensão semântica, pelo facto de ter adquirido outro significado, passando, logo, a designar um fenómeno social. O lexema mantém a sua categoria gramatical, mas passa para a categoria de seres humanos para designar aquele que participa de uma atividade festiva sem ser convidado.

Na mesma senda, encontrámos outras palavras como, *galheta*, *coro* e *arranhar* que apresentam novos significados; “bofetada”, “truque, mentira, fachada” e “falar uma língua ainda que mal”, diferente dos seus sentidos usuais: “sacristão”, “conjunto de vozes”, “unhar ou esgaravatar”.

Essas palavras, descritas acima, já existem na língua, entretanto, ganham apenas um novo sentido.

Seguem-se abaixo outros exemplos de criações lexicais por extensão semântica:

Barata: preço baixo;

Gasosa: suborno, gorjeta;

Raiz: folha medicinal;

Brinde: música;

Ensaíava: tocava;

Arranque: atitudes; truque; ralhetes;

Motorola: sandes feitos a base de frango e salada, consumida, normalmente, nos mercados informais, pelos vendedores ambulantes, engraxadores, lavadores de carros, colaboradores de táxi, mas nos últimos dias é bastante consumido pelos estudantes e funcionários públicos;

Bichinho: vírus da sida; alguém que seja portador do vírus.

1.9.2. Neologia por empréstimo

A entrada de unidades lexicais é um fenómeno que não se pode evitar, deste modo é importante que se façam reflexões sobre essas importações.

As unidades lexicais criadas a partir de uma matriz externa, ou seja, provenientes de outras línguas recebem o nome de empréstimos, como defendem Lino *et alii* (1991). Na visão de Chicuna, citando Christian Nicolas (1994) e Sablayrolles (2000), há distinção entre estrangeirismo e empréstimo na medida em que um conserva na língua recetora a estrutura lexical da língua

que transfere (a que Christian Nicolas denomina *Xenismo*) e outro que acaba não conservando a estrutura lexical das unidades que receciona, integrando-o no seu sistema lexical (a que Sablayrolles denomina *L'Emprunt*), a par desta distinção apresentadas por esses autores na década de 70, mais facilmente se chega à conclusão de que ambos (empréstimo e estrangeirismo) têm como fim único o enriquecimento do léxico.

O enriquecimento de uma língua acontece através de variadíssimas formas e o contacto entre línguas é uma delas, pois dá lugar a vários fenómenos linguísticos, nomeadamente o fenómeno de empréstimo linguístico que na visão de muitos autores como Correia & Lemos (2005:53) “é o processo de transferência de uma unidade lexical de um registo linguístico para o outro da mesma língua (empréstimo interno), ou de uma língua para outra (empréstimo externo).”

Louis Guilbert publica a obra *La créativité lexicale* (1975), nela define empréstimo como a introdução no interior do sistema de segmentos linguísticos de uma estrutura fonológica, sintática e semântica de outro sistema.

Carvalho (1989:22) argumenta o seguinte: “a ampliação do léxico, pelo empréstimo, é resultado não propriamente de uma inovação, mas de uma adoção que é a adequação da língua como saber linguístico à sua própria superação e tem como determinantes fins culturais, estéticos e funcionais”. Assim, os empréstimos têm liberdade para entrar, nomeando uma nova ocorrência social, ou sair, caso se tornem desnecessários, ou seja, criando um termo vernáculo para ser utilizado em seu lugar.

As novas unidades incorporadas no léxico como consequência do empréstimo linguístico nem sempre são bem aceites por alguns linguistas, pois consideram a hipótese que de o mesmo possa descaracterizar um determinado idioma, quando importadas unidades lexicais em grande número para substituir palavras vernáculas. Mas essa posição não é partilhada por todos os autores, pois segundo Carvalho (1987:39) “Os empréstimos linguísticos são assunto antigo quanto a história da língua, ou melhor, quanto, inclusive, a própria língua.” Deste modo, se tivermos em consideração o pressuposto de que a língua é um organismo vivo em constantes mutação, podemos considerar que este fenómeno é perfeitamente natural e a língua portuguesa como sabemos sempre lidou com a importação de palavras provenientes de outras línguas, fruto do contacto que ela manteve e continua a manter com essas línguas.

Em Angola, o português incorpora no seu léxico vocábulos oriundos das mais diversas línguas que compõem o seu mosaico sociolinguístico (cf. Chinuna, 2014). Um exemplo claro de que já fizemos referência é a palavra “bué” que proveniente do kimbundu se incorporou no português e é usada não só em Angola como também noutras paragens do espaço lusófono, nomeadamente Portugal. Concordamos com Alves (1990) quando afirma não ser possível a ampliação do léxico de uma língua exclusivamente por meio do acervo já existente, pois os contactos entre comunidades linguísticas constituem uma forma de desenvolvimento de unidades lexicais de uma língua.

Eles são, geralmente, resultado das grandes mudanças sociais e económicas no contacto com povos de outros lugares. O inglês é tido como a língua que mais exporta novos vocábulos para

as outras línguas fruto da evolução tecnológica, mas outras línguas como o francês, italiano, grego, espanhol, árabe também contribuem para a inovação lexical do português.

1.9.2.1. Empréstimo externo

A transferência de unidades lexicais de outras línguas é sempre encarada como um fator de inovação lexical, mas o certo é que nem todas as unidades importadas têm o mesmo impacto, porque muitas vezes já existem na língua recetora formas denominativas (*kitaba* = manteiga de amendoim; *kilape* = crédito; *kota* = velho/mais velho; *gingongos* = gémeos; *maka* = problemas; *matako* = nádegas; *mbumbi* = hérnia; *dipanda* = independência) e outras que por sua vez se vulgarizam na língua, levando em conta que o seu uso se mantém na comunicação informal (*cumbu* = dinheiro; *gamar* = roubar; *baicar* = morrer; *bué* = muito, demasiado; *maiuiado* = falso, contrafeito; *pitéu* = comida). E muitos autores classificam-nos de empréstimos desnecessários, porque o fim único é o efeito, ou seja, o efeito estilístico. Vejamos alguns exemplos:

“Clara voltou com outra cerveja e pires cheios de *kitaba* picante.” (OT:91).

“Vai, se for assim de *kilape*, tou fraco de kwanza.” (OT:27).

“- o *kota* sabe, nós temos respeito pelo *kota*...” (OT:56).

“... *gingongos* de merda, um gajo nem sabe se são gémeos de verdade...” (OT:103).

“*Maka* vossa, ficam com sede.” (OT:106).

“... seu filho com o exposto ferimento no *Matako*.” (OT:136).

“... que ninguém nunca mais se ia esquecer do seu *mbumbi*, Edú.” (OT:140).

“- mas é sempre bom andar com algum *cumbú*.” (OT:292).

“- foi esse que lhe apanhamos a *gamar* os carros dos *kotas*.” (OT:320).

“... se eu *baicar* antes disso, venho te buscar do outro mundo e afogo-te um desses baldes, tás a ouvir.” (OT:174).

“... tenho que falar *bué* só para convencer outros a comprar...” (OT:124).

“...então o *camome* vem cá...” (OT:191).

“... altamente *Maiuiado*! Tás a ver a coisa?” (OT:278).

“- esconda masé o material que se o subintendente vê isso, fica-me já com o *pitéu*.” (OT:274).

“...hoje à noite podes passar lá no meu *cúbico*.” (OT:86).

Como se pode observar os empréstimos externos vêm de um sistema linguístico estrangeiro. Estreiam na língua como um estrangeirismo e, posteriormente com o seu uso, tornam-se num empréstimo, ou seja, as unidades lexicais oriundas do kimbundu como nos ilustram os exemplos acima, acabam fixando-se na língua portuguesa, mesmo sem serem dicionarizadas.

1.9.2.2. Empréstimo interno

Resulta da transferência de uma unidade lexical de um registo linguístico para o outro da mesma língua, ocorrendo apenas mudanças no sentido, como se pode observar nos exemplos que mais tarde apresentaremos. Segundo Correia & Lemos (2005), os empréstimos internos são muito frequentes na constituição de linguagens científicas e/ou técnicas mediante processos metafóricos e metonímicos.

Exemplos de empréstimos internos encontrados no romance em estudo:

“... trilhas que davam acesso, em pouco tempo, a quantidades *astronómicas* de dinheiro.” (OT:167).

O lexema *astronómica* é aqui emprestado ao domínio da economia, ou seja, sai do domínio da astronomia para o domínio da economia.

“... o resto é peixe miúdo” (OT:168).

O lexema *peixe* é emprestado ao domínio da política.

“... vem com esses arranques. Sabe com quem está a falar?” (OT:88).

O lexema *arranque* é emprestado do subdomínio da mecânica para o subdomínio do comportamento humano.

1.9.3. Estrangeirismo

Ao resultado de incorporação de unidades lexicais estrangeiras no vocabulário de uma língua dá-se o nome de estrangeirismo e ele é resultado de grandes mudanças sociais e económicas.

Segundo Silvestre (2008) os estrangeirismos são uma subcategoria do empréstimo, uma vez que a palavra não é completamente assimilada pela língua recetora, subsistindo incompatibilidades fonológico-grafemáticas. A palavra mantém frequentemente a grafia da língua original, merecendo para tal um destaque tipográfico com o itálico ou aspas.

Carvalho (1989) lembra que a adoção de unidades lexicais estrangeiras é uma seleção, uma escolha, e que ela se adapta a um determinado momento numa determinada situação. Assim, os empréstimos têm liberdade para entrar, nomeando uma nova ocorrência social, ou sair, caso se tornem desnecessários, ou seja, criando um termo vernáculo para ser utilizado no seu lugar.

Os empréstimos de unidades lexicais neológicas de sistemas linguísticos estrangeiros incorporados em OT apresentam-se de forma reduzida.

Pelo que constatámos alguns estrangeirismos sofreram transformações não por falta de competência linguística do autor, mas deduzimos que seja em função das características das personagens da obra que o próprio autor projetou, como é o acaso do exemplo a seguir:

“– *Maneiger!*, hoje em dia todo mundo tem um maneiger. desde jogador de futebol, sapateiro e até o camarada presidente. como é que vocês querem biznar na Maianga sem terem um *maneiger*?...” (OT:103).

“então tá *naice*” (OT:250).

No primeiro exemplo, pode-se verificar que a personagem, tendo em conta o seu *status* social, ao proferir tal discurso tenha conhecimento do significado do referido estrangeirismo, mas pronuncia-o da forma que lhe parece mais familiar, talvez seja desse modo que tenha aprendido.

No segundo exemplo, tendo em conta as características da personagem, a impressão com que se fica é que a personagem em causa talvez não saiba o significado do estrangeirismo, mas isso não o impede de o usar e pronunciar da forma que lhe parece mais familiar. Desta feita, a expressão “tá *naice*” tendo em conta o contexto, apresenta o sentido de “entrar em acordo”, “combinar”, “algo que está bem”, ou seja, o sentido é mais ou menos o seguinte: “então tá combinado ou está tudo bem”.

É notória também no nosso *corpus* a presença de unidades lexicais estrangeiras que foram incorporadas no léxico sem perderem o seu caráter de estrangeirismo, ou seja, as transformações que nós verificámos no exemplo anterior não acontecem nas referidas unidades, uma vez que mantiveram originais a sua grafia e a sua fonética na língua recetora.

“... – o polícia pensava enquanto abria o saco -, não tem aqui mostarda nem *ketchup*, não?” (OT:245).

1.9.4. A gíria e o calão

A comunicação oral é um processo que marca um determinado grupo de pessoas. Todas elas desempenhados com um carácter social, profissional e que possuem uma característica inerente à forma da linguagem. Segundo Drucot & Todorov (1991:81) as modificações que um grupo socioprofissional traz à língua nacional, sobretudo ao léxico e à pronúncia é designado de gíria. A gíria é uma variação linguística própria de certos grupos restritos e coesos. Mas também é uma linguagem de carácter popular, criada e usada por determinados grupos sociais ou profissionais com finalidade de substituir termos ou conceitos de uso tradicionais. Segundo o *Dicionário Moderno da Língua Portuguesa* (doravante DMLP) (2011), gíria é uma linguagem usada por determinados grupos, geralmente incompreensível para quem não pertence ao grupo e que serve também como meio de realçar a sua especificidade.

Preti (1984) explica que para melhor compreensão das gírias é necessário distinguir os dois níveis: a “gíria de grupo”, de uso mais restrito, que se caracteriza como uma linguagem de identificação e de defesa, buscando comunicação e, ao mesmo tempo, a preservação de um grupo. E o segundo nível que é a “gíria comum”, amplamente difundida. A língua varia no tempo e no espaço, e as gírias estão sujeitas a essas variações, pois são palavras atualizadas de acordo com a dinâmica da sociedade, de geração em geração.

A gíria é um vocábulo característico de todas as comunidades linguísticas, determinada como linguagem especial, submetida a uma criptoanálise de um grupo social. Ela é tipicamente expressa por via oral, no entanto, é registado o seu aparecimento no decorrer da história e pontualiza-se a sua contribuição para a formação do léxico dos grupos sociais na

pós- modernidade.

Assim, a gíria é criada por determinados segmentos de uma comunidade que a divulgam para outros grupos até chegar aos médias. Os meios de comunicação de massa, como a televisão e a rádio, propagam os novos vocábulos e, às vezes, também inventam alguns. Mas Clare (2004) adverte que nem todas as metáforas que surgem como inovação lexical são adotadas, ou passam a fazer parte do sistema lexical de uma língua, citando por exemplo a gíria.

Karl Sorning (s/d:21) em relação à semântica da gíria afirma o seguinte:

Slang semantics is a kind of secondary semiotics which is motivated by the wish to distinguish itself from the “ordinary” use of words and consequently might be interpreted from both is semantic distance from its object and from the “ordinary” semantic function of a certain word.

Na visão de Drucot & Todorov (1991), o calão pode ser considerado um caso particular de gíria, pelo facto de se apresentar como signo de uma situação social não apenas particular, mas também marginal, uma vez que o recurso ao calão provoca uma conotação “associal”.

Na obra foram encontradas as seguintes ocorrências de gíria:

Gamar: v. t. esse termo significa *roubar*.

Mambo: s.m. significa coisa ou objeto, atualmente ganhou um outro sentido, passando da designação de objeto para o domínio dos seres humanos, significando *namorada(o)*, linguagem usada, sobretudo, pelos mais novos.

Baba: esta criação lexical significa polícia, sobretudo, aqueles com atitudes corruptas, pistola, revólver.

Bassula: s.m. queda; golpe em que o adversário é levado ao chão numa luta corporal.

Bizno: s.m. negócio; assunto; combinado; trato (corruptela de “business”).

Baicar: v.i. morrer.

Banga: s.m. estilo.

Bodar: v.i. farrar, celebrar, festejar, ir à festa.

Pitéu: s.m. comida, refeição.

Arranhar: v.t. falar ainda que mal uma determinada língua, expressão usado quando se trata de falar uma língua segunda.

Os gajos: s.m. pessoa cujo nome não se sabe ou não se quer revelar; indivíduo.

Gingão: s.m. aquele que dá passos de dança com sensualidade.

Ruca: s.m. carro.

Dodós: s.m. dinheiro norte-americano, o dólar.

Maiuiado: s.m. artigo falso ou contrafeito, artigo sem qualidade.

Boelo: adj. pessoa pouco inteligente, burro, desatento, distraído, fraco, parvo, estúpido, lento.

Cambaia: adj. alguém com pernas arqueadas.

Cuia: adj. agradável, bom, o que provoca prazer.

Cumbu: s.m. dinheiro.

Male: adv. bem.

Ngala: s.f. garrafa.

Vijus: adj. vivaços, espertalhões.

Vuzumunados: v.i. mortos, abatidos, agredidos.

Papo: s.m. conversa.

Farra: s.f. festa.

Cubico: s.m. casa.

Galar: v.t. olhar, prestar atenção.

Camone: s.m. amigo.

Pincho: s.m. espetada de carne, vendido nas ruas e nos mercados informais de Luanda, geralmente, pelas vendedoras oriundas da República Democrática do Congo.

Fezada: s.f. oportunidade, sorte, algo obtido sem muito esforço, boa coisa.

Galheta: s.f. bofetada.

Troika: s.f. conversa, história, acerto.

Estigar: v.t. gozar com alguém, fazer troça de alguém.

Mboa: s.f. rapariga, moça, namorada, esposa, mulher.

Bué: adv. muito.

Bazar: v.i. ir embora, fugir, morrer.

Coro: s.m. fachada, disfarce, mentira.

Puto: s.m. filho, irmão mais novo, rapaz, menino.

1.9.5. Expressões idiomáticas

As línguas dispõem de meios suficientes para que os acontecimentos, as ideias, as situações, sentimentos, etc. sejam manifestadas de forma objetiva, mas, ainda assim, o falante de uma língua recorre com alguma frequência ao uso de idiomatismos, com o objetivo de transmitir esses sentimentos, acontecimentos, etc., de forma mais expressiva.

Para Riva & Camacho (2010:196) “um idiomatismo aponta uma representação figurada da realidade como meio de caracterização pitoresca do que se pretende expressar”. Assim, ainda que uma expressão possa ser interpretada denotativamente, haverá sempre a produção de um efeito especial que resulte na transferência do sentido denotativo para o conotativo. Os mesmos autores argumentam que uma expressão é considerada idiomática, quando o seu significado depende dessa transferência de sentido (denotativo para conotativo) para um âmbito que não é o do objeto denominado por ela. Por essa razão Roncollato (2001:16-17) diz o seguinte: “a conotação é, sem dúvida, uma característica primordial das expressões idiomáticas [...] as expressões idiomáticas são frutos de um processo metafórico de criação”.

Um falante de Angola, por exemplo, para destacar um estado intenso de nervosismo, tem a possibilidade de usar o idiomatismo “ferver por dentro” em detrimento da sua paráfrase “estar muito nervoso”, evidenciando, assim, a intensidade do sentimento de raiva que o mesmo

descreve. Deste modo, o significado da expressão idiomática acima citada não deve partir dos significados individuais dos termos que a constituem, pois não haverá um sentido conotativo referente à expressão como um todo.

Xatara (2010:280) no seu artigo intitulado “Tipologia das expressões idiomáticas” define a expressão idiomática como sendo uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada num idioma pela tradição cultural. E mais adiante a mesma autora explica o porquê da designação de lexia complexa:

porque tem o formato de uma unidade locucional ou frasal; indecomponível porque constitui uma combinatória fechada, de distribuição única ou distribuição bastante restrita; conotativa porque sua interpretação semântica corresponde a pelo menos um primeiro nível de abstração calculada a partir da soma de seus elementos sem considerar os significados individuais destes; cristalizada porque sua significação é estável, em razão da frequência de emprego, o que a consagra.

As expressões idiomáticas, apesar de serem lexias complexas, comportam-se como unidades lexicais, uma vez que o seu significado não é atribuído de forma literal e nem de forma individual. Na obra em estudo, como veremos mais adiante, elas ocorrem com alguma frequência.

Arrastar alguém – expressão, usada em ambientes festivos, significando, convencer alguém a ter relações sexuais ocasionais. É uma locução verbal.

Arreiem o gajo – expressão usada, sobretudo, em ambientes de confusão. Significa, portanto, bater em alguém sob orientação de quem goza de alguma influência: poderio social ou financeiro.

Arte de patar – expressão usada para designar a frequência com que se vai a todas as festas que surgem sem sequer ser convidado.

Cabeças grandes – expressão para se referir a nota de 100 USD.

Caldo está entornado – expressão usada para fazer referência a gravidade de um problema.

Cara de limão – expressão usada para designar alguém que faz careta, ou que aparentemente esteja zangado ou nervoso.

Currículo feminino – expressão usada para designar o homem que tem ou teve muitas namoradas ao longo do tempo.

Enfiar o dedo no cu – expressão usada, normalmente em ambientes de revolta ao sistema político, para designar o povo que não reage, enquanto o sistema político engana-os sem medidas.

Ferida nacional – expressão, usada para designar a guerra, que assolou o nosso país, Angola.

Ficar doce – refere-se a alguém que está na moda.

Fritou miolagem – expressão usada para designar a alteração do estado psíquico de alguém.

Gente graúda – expressão para designar alguém com um certo poder económico ou social.

Grande exemplar – na obra, esta expressão faz referência a dimensão da hénia de uma das personagens.

Homem de costas quentes – refere-se a alguém com poderio económico, ou alguém que goza de alguma imunidade.

Levar nos cornos – expressão, normalmente, usada em ambientes de violência, significa, portanto, apanhar surra, ser agredido.

Linha limpa – expressão usada, normalmente, em ambientes vigiados, para designar que não há ninguém por perto, ou que a chamada mantida por via telefónica não está sob escuta.

Matar os micróbios – expressão usada para designar o saciar da sede.

Mil paus – expressão usada para designar a nota de mil Kwanzas, moeda nacional de Angola.

Muito grosso – refere-se a alguém que esteja sob efeito de drogas.

Patos profissionais – expressão usada para designar alguém que com alguma facilidade encontra festas e participa delas sem ser convidado, simulando conhecer os anfitriões.

Pessoas do fórum internacional – expressão usada para se referir a estrangeiros.

Poder palavroso – essa expressão faz referência à capacidade de persuasão.

Regular bem – expressão usada com objetivo de se apurar se alguém está no seu perfeito juízo, tendo em conta o comportamento manifestado.

Saltar a pataria – expressão usada, normalmente, em ambientes festivos para designar o processo de enxotar da festa todas as pessoas que não foram convidadas a participar da mesma.

Serviço de menina – expressão usada, normalmente, no ambiente de prostituição e por quem frequenta e faz uso dos serviços das prostitutas.

CAPÍTULO II – CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DE ANÁLISE PARA O TRATAMENTO SEMIATOMÁTICO

2.1. Linguística de *corpus*

A tarefa de análise do *corpus* digitalizado cabe à Linguística de *corpus* com o auxílio da linguística computacional através do uso de *softwares* de análise linguística, como por exemplo, o *AntConc*. Ela trata essencialmente de aferir os significados, contextos e concordâncias bem como a frequência, todos extraídos da compilação de textos em formato digital, que recebe, portanto, a designação de *corpus*. Segundo Costa (2015), a linguística de *corpus* faz referência a fenômenos sociais e observáveis, acessíveis através de evidências que advêm de *corpora* digitalizados.

Martin (2004:2) considera que “Today, corpus linguistics offers some of the most powerful new procedures for the analysis of language, and the impact of this dynamic and expanding sub-discipline is making itself felt in many areas of language study.”

2.2. Conceito de *corpus*

Uma vez que nos propusemos falar sobre os neologismos presentes na obra OT que constituem o nosso *corpus*, é por certo imperativo nos debruçarmos sobre o conceito que está subjacente ao vocábulo *corpus*; para que serve, tipos de *corpus*, como o constituímos e que critérios usamos para a sua seleção.

Tendo em conta as várias reflexões sobre o termo em análise, apresentaremos algumas conclusões procedentes da Linguística de *corpus*. Segundo Costa (2015) na sua tese de doutoramento, o conceito de *corpus* evoluiu nos anos 50, concretamente entre os anos 1950 e 1960, uma vez que não há casos anteriores que podem ser considerados como precursores deste tipo de recompilações, entretanto, Atkins e Zampolli (1994, *apud* Sánchez *et alii*, 1995:15-16) mencionam Friedrich Wilhelm Kaeding, quem em 1898 publicou uma lista de frequências com base num *corpus* de onze milhões de palavras, resultado da colecta e análise manual. Pouco depois, em 1907, Jean-Baptiste Estoup usou esses dados para realizar alguns cálculos estatísticos sobre a frequência das palavras ou formas no texto. Esse período (década de sessenta) foi considerado pelos linguistas como um marco para o desenvolvimento dos *corpora* linguísticos, uma vez que se começam a construir teorias e metodologias para a análise criteriosa e exploratória das línguas com base em *corpora* eletrónicos, nomeadamente orais e escritos.

Para Drucot & Todorov (1991:52) “estudar uma língua é, pois, antes de mais, reunir um conjunto, tão variado quanto possível, de enunciados efectivamente emitidos por utentes dessa língua numa dada época (esse conjunto = *corpus*).”

Ao conjunto de dados linguísticos sobre os quais se desenvolve a análise linguística Correia & Lemos (2015) denominam *corpus*. Em concordância com as autoras, Teresa Lino *et alii* (2010) acrescentam que se trata também de um conjunto de textos orais e/ou escritos em formato eletrônico/digital, concernentes a uma área do conhecimento, cuja estrutura resulta de critérios pré-estabelecidos.

Chicuna (2014) considera o *corpus* como determinante para uma investigação, pois dele dependem os objetivos e a descrição a serem efetuados. O mesmo autor citando Galisson & Coste (1976) define *corpus* como um conjunto finito de enunciados tomados como objeto de análise linguística ou como meio de verificação de hipóteses sobre a língua a estudar, e que poderão eventualmente conduzir à elaboração de um modelo explicativo dessa língua.

Segundo a investigação pretendida, trata-se de uma coleção de documentos, quer orais (registados e/ou transcritos), quer escritos, quer orais e escritos. As dimensões do *corpus* e o conjunto de enunciados característicos do fenómeno a estudar variam com o objetivo do investigador. Um *corpus* é dito exaustivo quando engloba todos os enunciados característicos. É dito seletivo quando só engloba uma parte desses enunciados. Fica, portanto, evidente que os resultados e a concretização dos objetivos traçados para a investigação dependem em grande medida do *corpus* construído.

Para a realização e cumprimento dos objetivos traçados utilizamos um *corpus* escrito, extraído da obra literária OT, extraímos e analisamos os neologismos e candidatos a neologismos. Tendo em conta a classificação que Chicuna (2014) faz do *corpus*, o nosso *corpus* é escrito e monolíngue, o autor serve-se da língua portuguesa para escrever a obra, apesar de o autor ter incorporado na obra lexemas do kimbundu, do francês e do Inglês.

2.3. Constituição do *corpus*

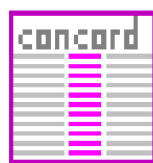
Torna-se necessário falar das dificuldades e os rigorosos passos que tivemos de seguir para constituir o nosso *corpus* textual de análise. Segundo Teresa Lino *et alii* (2010), para a constituição de *corpora* é necessário ter conta os seguintes passos: recolha e análise de dois tipos de *corpora*, escritos e orais, ou seja, é necessário organizar e sistematizar os mesmos. Para a nossa pesquisa optámos, naturalmente, por um *corpus* escrito.

Tabela 2.3.1 - Breve apresentação do *corpus* de análise. **Fonte:** Elaboração própria

Tipo de Corpus	<i>Corpus</i> monolingue	Escrito em língua portuguesa
	<i>Corpus</i>	A obra selecionada não sofreu qualquer alteração, ou seja, está na sua forma original.
Objetivo	Linguístico	<p>Confirmar os objetivos do trabalho previamente definidos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • identificar os neologismos presentes no <i>corpus</i>; • Elaborar fichas lexicográficas que servirão de base para a constituição da proposta de dicionário de autor; • Elaborar glossário com os neologismos presentes no <i>corpus</i>.
Configuração	Tamanho	<ul style="list-style-type: none"> • 431 páginas • 87.159 formas
	Suporte	texto escrito, sob a forma de formato físico. Transformado posteriormente em formato digital mediante critérios de conversão de ficheiros.
	Autor	<ul style="list-style-type: none"> • Ondjaki (Ndalú de Almeida).
	Tipologia textual	<ul style="list-style-type: none"> • Obra literária (Romance)

Os *corpora* textuais são trabalhados com ajuda de *software-hipertextos* projetados para esse fim e comumente conhecidos como programas de concordância como o *AntConc*¹², *ConCap*, importantes para a extração de termos, neologismos, e de metáforas terminológicas (Teresa Lino *et alii*, 2010). Esses programas segmentam todas as formas de palavras incluídas nos textos e as registam num índice para poderem ser localizadas mais tarde durante o processo de análise em busca de ocorrências, facilitando a consulta daquilo que se deseja com auxílio de um comando de busca, descarregando posteriormente os resultados no ecrã como veremos nas figuras subsequentes. Desta feita, como o nosso objetivo é fazer uma exploração da presença de neologismos no nosso *corpus*, procedemos ao tratamento semiautomático dos mesmos e optámos pelo uso do *software-hipertexto*, o *ConCap* por ser o mais completo.

¹² *AntConc* é um software gratuito para a realização de pesquisas de Linguística de *corpus* desenvolvido por Laurence Anthony, Professor da Faculdade de Ciência e Engenharia na Universidade de Waseda, no Japão.



CONCAPP_RC.EXE

Figura 2.3.1 - Hipertexto *ConCapp*. Fonte: Elaboração própria

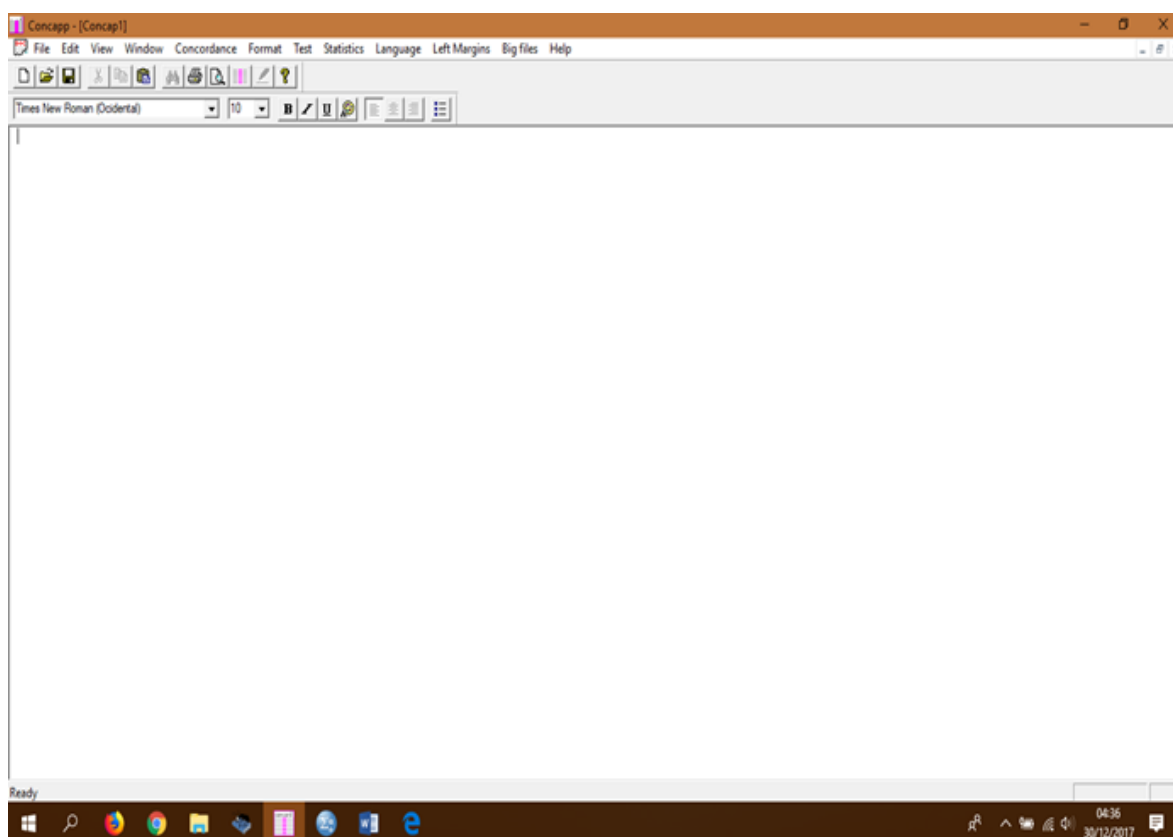


Figura 2.3.2 - Página inicial ConCapp. Fonte: Elaboração própria

Esse *software-hipertexto* permitiu-nos determinar a densidade do nosso *corpus* e extrair os contextos e concordâncias das unidades lexicais identificadas. No processo de constituição de um *corpus* concordámos com Meyer (2004) ao apresentar três elementos essenciais na criação real do *corpus* como a colecta, a informatização e a anotação de dados. No caso de *corpus* textual que não esteja em formato digital o mesmo autor aconselha a computorizá-lo com um *scanner* ótico ou reescrevê-lo manualmente, mas este último procedimento poderá não ser muito fiável, na medida em que se podem perder dados por digitalização ou por erros linguísticos.

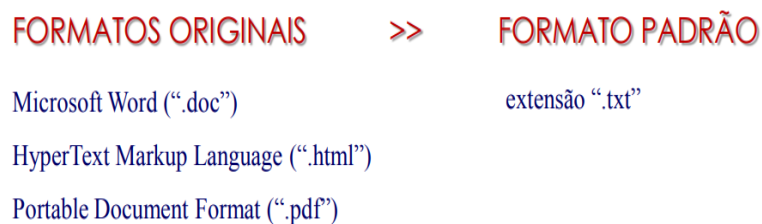


Figura 2.3.3 - Preparação do *corpus* para o tratamento semiautomático. **Fonte:** Elaboração própria com base em Almeida (2006).

Seguindo esses passos, procedemos à conversão do nosso *corpus*, ou seja, depois de termos o texto selecionado, no caso OT de Ondjaki, não tendo a obra em formato digital, digitalizámo-la, procedendo à conversão do formato (PDF) para o Word e seguidamente para o formato indicado para uso nessas ferramentas, no caso o formato txt (Texto Simples). Em geral, as amostras textuais que compõem um *corpus* são armazenadas, como uma coleção de arquivos separados. Como dissemos acima, foi necessária a realização dessa tarefa, pois seria mais fácil analisá-lo, usando as ferramentas em referência.



Os Transparentes.txt

Figura 2.3.4 - *Corpus* Os Transparentes.txt. **Fonte:** Elaboração própria

Desta feita, com ajuda do *software ConCap* foi possível determinar quantas ocorrências tem o nosso *corpus*, bem como a frequência das mesmas no *corpus*. Deste modo, notámos que o nosso *corpus* apresenta um total de 87.159 formas. Costa (2001, *apud* Plana, 2015:35) considera que “a noção de representatividade não pressupõe a noção de quantidade, dado que a produção de texto numa determinada área, numa língua determinada, pode ser diminuta, assumindo o tamanho de *corpus* um valor relativo”. Destacar que dentre as 87.159 formas, 11.761 são formas únicas, ou seja, formas que no *corpus* aparecem sem serem repetidas, como se pode observar na figura abaixo.

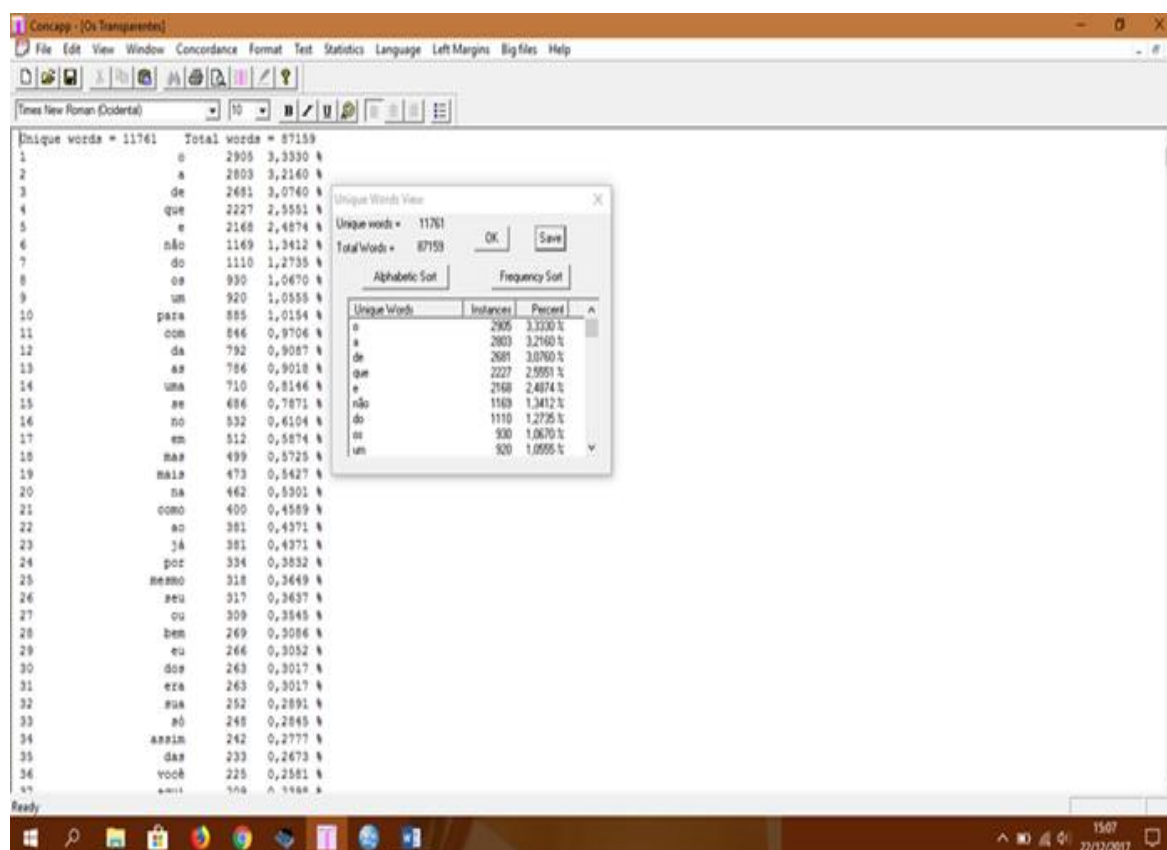


Figura 2.3.5 - Dados estatísticos do *corpus* de extração. Fonte: Elaboração própria.

Ainda na senda do tratamento semiautomático, procedemos de seguida à extração da concordância das unidades lexicais identificadas, usando o *software* ConCapp; o objetivo foi determinar o valor semântico e o número de ocorrência das mesmas no *corpus*. A localização da ocorrência pode ser muito útil para conhecer o contexto em que uma palavra ou forma aparece e verificar a sua distribuição no texto, por isso, recorre-se à técnica conhecida em linguística computacional como concordância. A concordância é o conjunto de ocorrências de uma forma ou palavra, com referência explícita ao contexto em que a referida forma aparece no *corpus*. (Cf. Cantos, 1995).

É importante verificar o lugar ocupado por cada forma na cadeia textual em relação às outras formas ou palavras: categoria gramatical, função sintática, usos linguísticos, locuções, etc. Esses dados só podem ser extraídos se conhecermos o contexto de cada forma ou palavra no *corpus*. O contexto fornecerá as informações necessárias para descobrir como cada forma age e se comporta quando é usada pelos falantes nativos de um idioma. E a técnica que nos permite obter os contextos que torneiam uma forma ou palavra é chamada de lista de concordâncias ou, simplesmente, concordâncias. O autor supracitado diz que lista de concordâncias é o procedimento mais completo e, ao mesmo tempo, o mais complexo, pois reúne todas as características expostas até agora: (i) índice de formas que aparecem num texto (*corpus*); (ii) número de vezes que tais formas ocorrem (frequência); (iii) a ordem em relação ao local específico de ocorrência e contextualização anterior e posterior de cada forma ou palavra.

Desta feita, vejamos dois exemplos; a concordância (contextos automáticos em torno de uma forma-pólo) das formas “mbumbi” e “pato”, analisámos como elas ocorrem dentro do eixo sintagmático bem como os seus sentidos dentro do contexto frásico (contexto fraseológico e contexto definatório). Observemos:

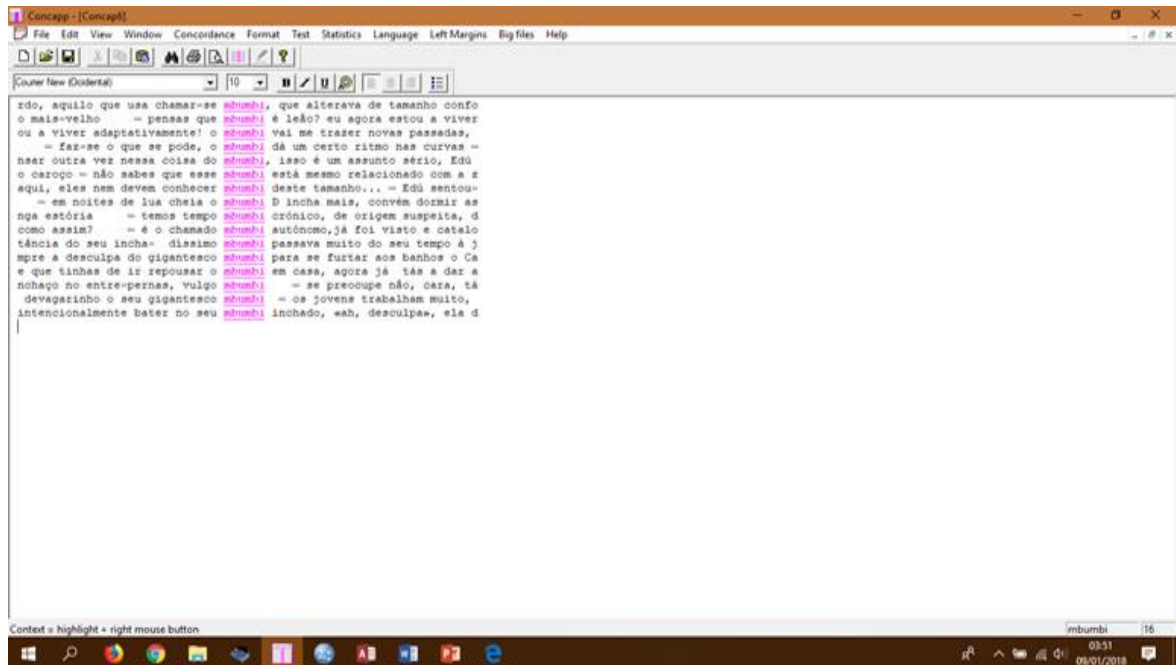


Figura 2.3.6 - Concordância de “mbumbi”. Fonte: Elaboração própria.

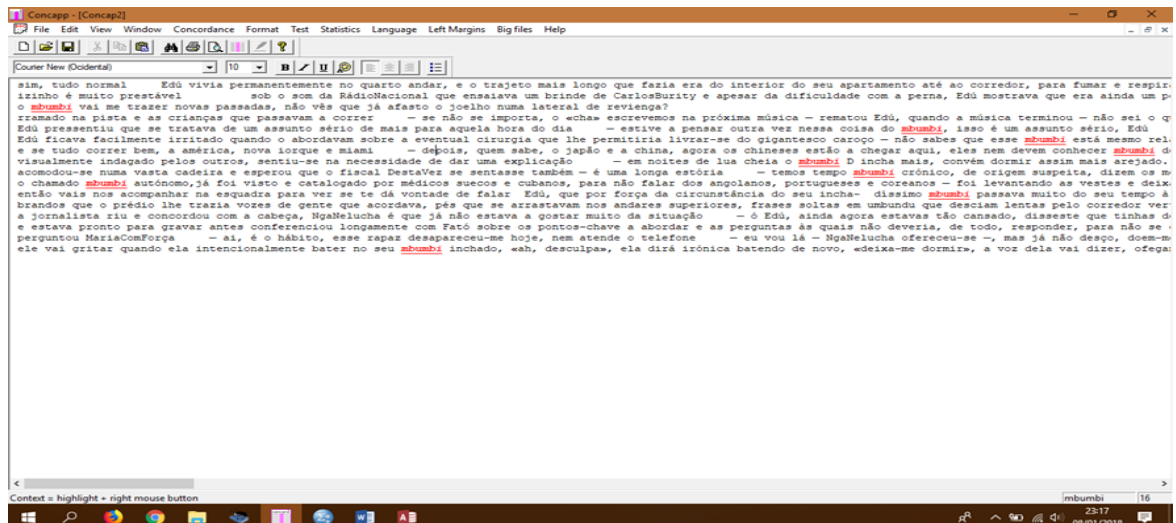


Figura 2.3.7 - Contexto de “mbumbi”. Fonte: Elaboração própria

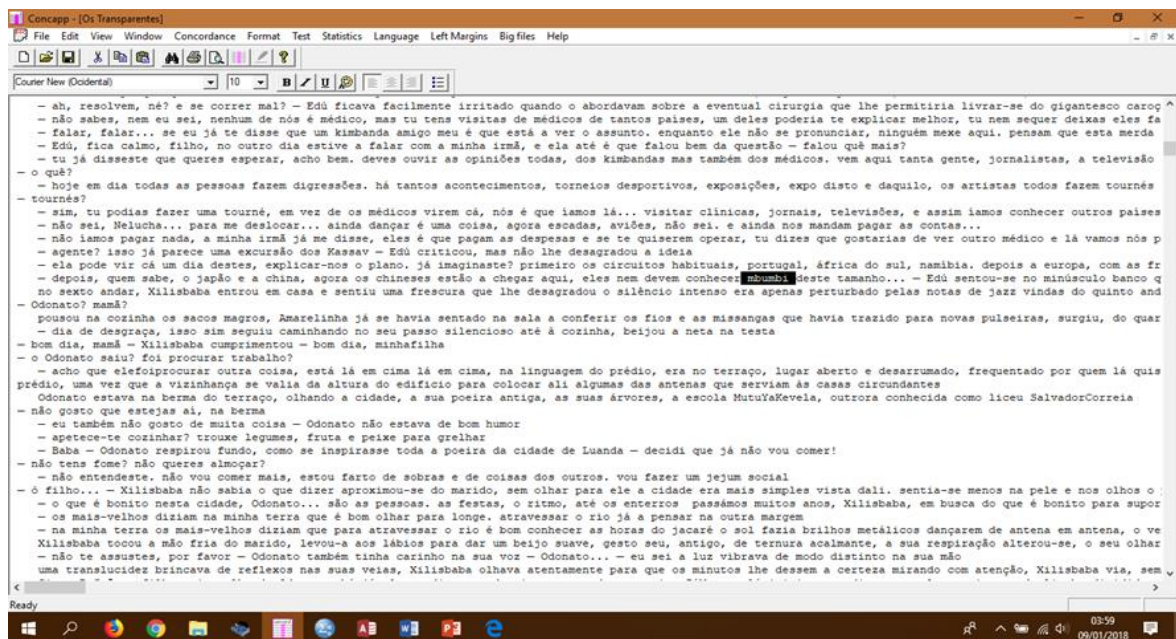


Figura 2.3.8 - Contexto definatório de “mbumbi”. Fonte: elaboração própria.

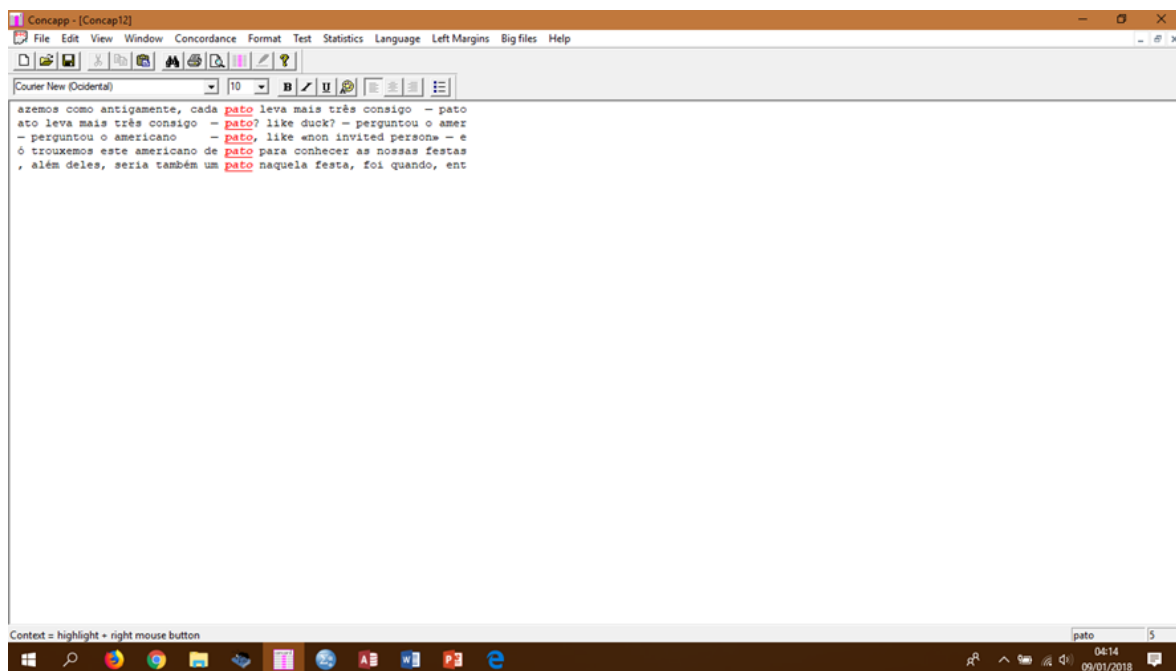


Figura 2.3.9 - Concordância de “pato”. Fonte: Elaboração própria.

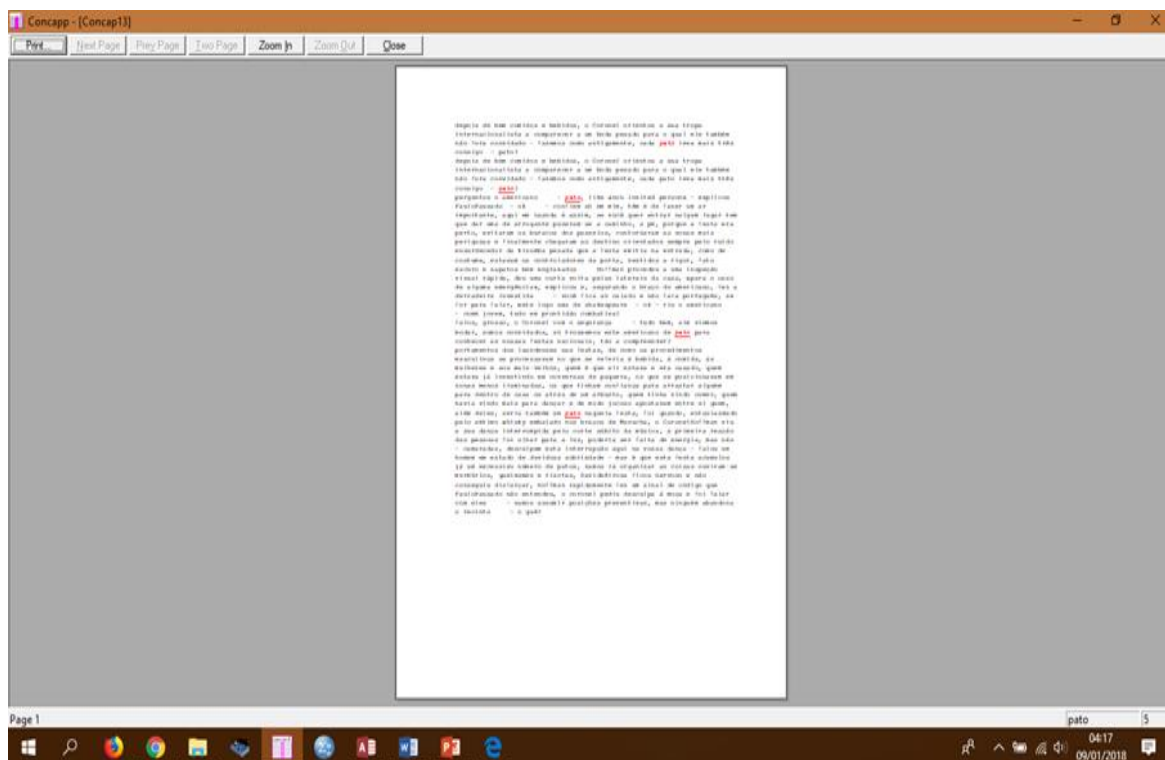


Figura 2.3.10 - Contexto de “pato”. Fonte: Elaboração própria.

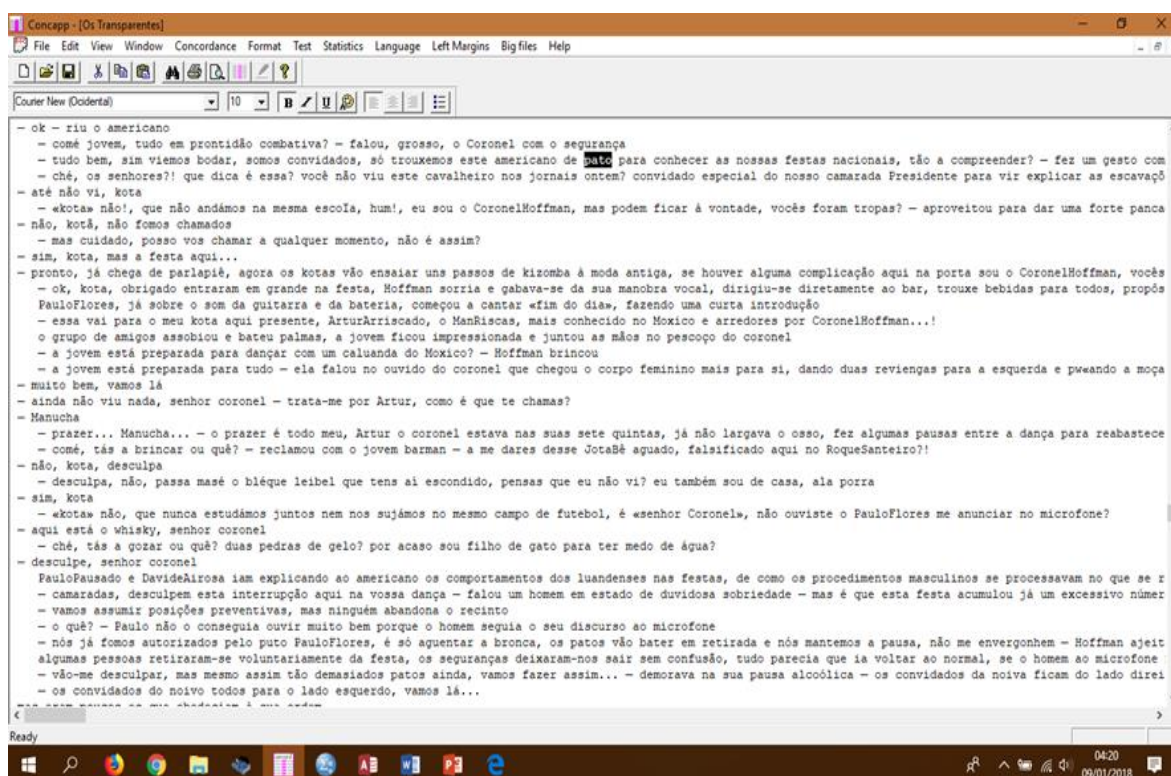


Figura 2.3.11 - Contexto definatório de “pato”. Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar, o contexto dessas duas formas tomadas como exemplo é variado. Para a forma “mbumbi” é monossêmico, mas para a forma “pato” já é polissêmico, pois apresenta dois sentidos, (neste contexto significa alguém que participa de um encontro festivo

sem ser convidado). Verificámos 17 (dezassete) ocorrências da forma “mbumbi” e 5 (cinco) ocorrências da forma “pato”. Tendo em conta a concordância dessas formas, foi possível determinar a categoria gramatical das mesmas (fraseologia), portanto, dentro do eixo sintagmático a forma “mbumbi” apresenta-se com a categoria gramatical de nome e a forma “pato” com a categoria gramatical de adjetivo.

2.4. Critério de seleção do *corpus*

No processo de seleção do *corpus* é importante que se tenham em conta critérios como a autenticidade e a representatividade propostos por Sardinha (2000) e Sinclair (2004). Em relação à autenticidade, os textos selecionados para a constituição do *corpus* devem ser escritos em língua natural e por um falante nativo preferencialmente. A representatividade diz respeito à extensão do *corpus*, ou seja, deve ter uma amostra suficiente para o que se pretende estudar ou analisar.

Portanto, seguindo a perspetiva dos autores já referenciados, procedemos à seleção do texto escrito numa língua natural e por um falante cuja língua materna é o português e, tendo em conta os objetivos do nosso trabalho foi relevante a seleção de um *corpus* que fosse abundante em neologismos.

2.5. Critério de classificação dos neologismos

Para a análise e classificação das unidades lexicais como neologismos seguiremos o critério lexicográfico, uma vez que diversos pesquisadores da área como Lino *et alii* (1991) consideram o dicionário como o único e principal instrumento para a verificação do estatuto neológico de uma palavra. Para eles, quando uma palavra, em pleno uso, não estiver lematizada, conserva o seu estatuto neológico, todavia, uma vez lematizada perde esse estatuto (Lino *et alii*, 2017), porém, Correia & Lemos (2005) consideram ser discutível a pertinência da entrada dessas unidades lexicais no dicionário, uma vez que o mesmo descreve apenas o vocabulário mais ou menos extenso de uma língua, mas não o léxico da língua, daí a justificação da sua constante atualização.

Tratando-se de neologismos extraídos de um *corpus* literário, a sua identificação será feita por critérios bastantes objetivos e simples, ou seja, vamos averiguar a sua lematização ou não. Portanto, neste trabalho, para a análise dos neologismos levantados na obra em estudo foi considerado como *corpus lexicográfico de exclusão*¹³ o DHLP (2003) e o DLPC (1996). Duas razões foram tidas em conta na escolha do *corpus* de exclusão: primeiro, essas obras lexicográficas foram selecionadas porque todas elas foram editadas antes da publicação da obra de que

¹³ Conjunto de dicionários de referência considerado representativo do léxico atual da língua, usado para a deteção de neologismos com objetivo de atestar o seu carácter neológico. (cf. Correia, 2009).

extraímos os neologismos, segundo, por serem dicionários que possuem nas suas entradas lexicais vocábulos oriundos do português falado pelos países africanos de expressão portuguesa, e esses enquadram-se perfeitamente na classificação de bons dicionários defendidos por Correia (2009:58-59) “os bons dicionários apresentam, normalmente, marcas de uso, que são indicações relativas ao uso das palavras no que respeita a registos não padronizados da língua em análise”. A mesma autora referencia que essas marcas podem dizer respeito a variação de natureza geográfica, temporal, social e registando, citando como exemplo, os usos específicos de um país de língua portuguesa (brasileirismos, angolanismos, etc.,) e usos próprios de uma dada região dentro do país. Assim, foram seleccionados os vocábulos que não constam nesses dicionários ou os que, embora constando, apresentem, nalguns casos, significados ou valores morfo-semânticos diferentes dos indicados.

Todos os vocábulos identificados e que correspondem à utilização criativa que o escritor Ondjaki faz da língua portuguesa obedecem criteriosamente a regras de formação de palavras nesta língua. De facto, não detetámos nenhuma exceção nas criações lexicais *ondjakianas*, o que confirma a nossa afirmação de que o experimentalismo linguístico do autor se baseia num profundo conhecimento da língua e numa utilização inovadora a partir desse conhecimento.

CAPÍTULO III – RECOLHA E ANÁLISE: NEOLOGISMOS ENCONTRADOS NO ROMANCE *OS TRANSPARENTES*

3.1. Disposição dos neologismos encontrados na obra de acordo com o seu domínio de utilização

Tabela 3.1.1 - Disposição dos neologismos de acordo com o seu domínio de utilização. **Fonte:** Elaboração própria.

Campo Lexical	Neologismos
Comércio	Bizno, zungar, zungueiro, cabeça grande, Kínguilas, faturação, kilape, cumbú, massa, dodós, maiuiado, quitanda, marketing, notas verdes, meia cabeça grande, barata, maneiger, biznar, quitandeira, candongueiro.
Parentesco	Camba, kota, dikota, puto, kadengue, ndengue, camone, bródueis.
Lazer/Diversão	Boda, farra, pato, técnicas kizombísticas, kizomba, rebita, hobby, brinde, patar, área vip, muito grosso
Amizade/Amor	Madame, camba, paquerar, dikelengo, currículo feminino, papo, troika, alembamento, nokia, meu ciente.
Denominação	Mbumbi, bunda, paneleiro, matako, kianda, matako, nokia, gajo, t-shirts, mauanas, kota, ngala, kinjango, tugas, kianda, hobby, flyer, catolotolo, picture, gingongos, baba, balázio, banga, bassula, bunda, bidon, capurroto, Dipanda, fezada, gasosa, mambo, mujimbo, vijús, cambaia, maka, tuga, gingão, armado, sniper, cambaia, muxima, cuia, gingão, comba, arranhar, t-shirt, nokia maltratado, grande exemplar, azarar, bué, dipanda, ngala.
Transporte	Candongueiro, machimbombo, ruca, candonga, desmotorizado.
Emprego/Atividade lucrativa	Candonga, kínguilas, maneiger, muata, bósse, serviço de meninas, magro salário .
Habitação	Cubico, cubículo.

Alimentação	Pitéu, pitar, quitutes, quitetas, mufete, funji, fuba, kizaka, ngongoénha, calulu, cacusso, ketchup, motorola, kitaba, pincho, bife, matabichar, jindungo, paracuca, muzonguê.
Verbos e expressões que indicam ações negativas	Gamar, biznar, coro, dikelengo, furar, cara de limão, estagiar, arreiar, estigar, candonga, mujimbo, boataria, balázio, bassula, gasosa, galheta, maka, boelo, paneleiro, bichinho, furar o gajo, arrastar alguém, muxoxo, enfiar o dedo no cu, arreiar o gajo, levar nos cornos.
Verbos e expressões que indicam ações do quotidiano	Baicar, pitar, galar, fezada, troika, usar a cabeça, deixar lembrança, desenrascar, poder palavroso, linha limpa, galar, estagiar, hobby.
Verbos e expressões que indicam movimento	Bazar, descruzar, zungar, cartar, tudem, Xaxualhar, vuzumunar, arrastar, bungular, tournés.

3.2. Disposição das unidades lexicais por categoria gramatical

A categoria gramatical dos neologismos foi determinada tendo em conta o seu contexto dentro do *corpus*. As categorias gramaticais encontradas são as seguintes: nomes, verbos, advérbios, adjetivos, interjeições. Verificámos também a presença de expressões idiomáticas que serão distribuídas desta forma:

3.2.1. Nome

Alembamento: tributo que um homem paga à família da noiva; casamento tradicional.

Arranque: ralhetes; chamada de atenção.

Baba: esta criação lexical significa polícia, sobretudo, aqueles com atitudes corruptas, pistola, revólver.

Balázio: tiros; disparos com arma de fogo.

Banga: vaidade, estilo.

Bassula: queda; golpe em que o adversário é levado ao chão numa luta corporal.

Bichinho: vírus do HIV Sida; portador da doença.

Bidon: recipiente para armazenamento de água.

Bife: fatia de carne com corte diferente do habitual, temperada e grelhada ou cozida.

Bizno: negócio; assunto; combinado; trato (corruptela de “business”).

Bléque: indivíduo de pele negra.

Boataria: notícias falsas que circulam de forma incontrollável.

Bósse: patrão, chefe.

Brinde: música de qualidade.

Bródueis: amigo; camarada; companheiro.

Bunda: nádegas.

Bungula: dança tradicional de Angola praticada, sobretudo em rituais.

Calulu: molho feito à base de peixe, legumes e óleo de palma acompanhado geralmente com o funji.

Cacusso: nome dado ao peixe da família dos pércidas cujo nome científico é tilápia

Camba: amigo, camarada, companheiro.

Camone: amigo, camarada, companheiro.

Candengue: miúdo; menor; irmão mais novo; filho.

Candonga: transporte de passageiros e mercadorias; contrabando de géneros alimentício e outros.

Candongueiro: alguém que exerça atividade de táxi; veículo destinado ao transporte de pessoas; táxi.

Capurroto: bebida fermentada feita a partir da cana de açúcar.

Catolotolo: doença que provoca febres e dores musculares.

Comba: reunião familiar realizada alguns dias ou meses depois do enterro de um ente querido.

Coro: agir disfarçadamente; mentira.

Cubico: casa; moradia ou casa muito pequena.

Cumbu: dinheiro, valor monetário.

Cumbuzito: pouco dinheiro.

Descaminho: maus caminhos; levar um estilo de vida fora dos padrões normais; delinquência.

Desfuncionamento: o que não funciona.

Desmotorizada: não ter uma motorizada para o exercício das funções laborais.

Desmunido: não ter alguma em posse.

Desoficiais: o que não é oficial.

Desrepouso: sair do estado de repouso; semi ereto.

Desvisuais: alguém com deficiência visual; aquele que não enxerga.

Dikota: mais velho, idoso, adulto.

Dikelengo: assunto; capacidade de persuasão, conversa fiada.

Dipanda: independência nacional; dia de Angola; Libertação do jugo colonial; autonomia.

Dodós: moeda norte-americano, o dólar.

Fezada: oportunidade; sorte; algo obtido sem esforço; boa coisa.

Flyer: panfletos publicitários.

Funji: pasta feita à base de farinha de mandioca, prato típico da zona norte de Angola.

Fuba: farinha de mandioca ou milho.

Gajo: pessoa cujo nome não se sabe ou não se quer revelar; indivíduo.

Galheta: bofetada:

Gasosa: suborno, gorjeta

Gingongos: irmãos gémeos; polícias e fiscais que trabalham em dupla.

Hobby: passatempo.

Jindungo: fruto picante usado como condimento.

Ketchup: molho cremoso com sabor adocicado feito de polpa de tomate e outros condimentos.

Kianda: sereia.

Kilape: empréstimo de valores monetários ou outros bens; negócio; crédito, dívida.

Kinguilas: pessoas que se dedicam ao cambio de moeda de forma ilegal.

Kinjango: órgão genital masculino com tamanho fora do normal, pénis avantajado.

Kitaba: pasta de amendoim.

Kizaka: comida feita de folhas da planta da mandioca.

Kizomba: dança e estilo musical angolano.

Kota: pessoa adulta; irmão mais velho; pessoa idónea.

Machimbombo: autocarro público destinado ao transporte de pessoas e bens.

Maka: problema; assunto; confusão.

Mambo: coisa; assunto.

Maneiger: representante dos interesses profissionais de alguém; agente.

Marketing: publicidade, divulgação.

Massa: dinheiro.

Matako: nádegas; glúteos.

Mauanas: óculos com armações enormes.

Mboa: rapariga, moça, namorada, esposa, mulher.

Mbumbi: hérnia; inflamação nos testículos.

Motorola: sandes feito à base de pão, frango e salada de repolho, consumida normalmente nos mercados informais, sobretudo por vendedores ambulantes, lavadores de carro, engraxadores e até mesmo por funcionários públicos sem tempo de fazer o pequeno almoço em casa.

Muata: chefe; alguém financeiramente abastado.

Mujimbo: boatos; informações cujas fontes são desconhecidas.

Muxima: coração.

Muxoxo: som agudo produzido pela boca por compreensão de ar, em sinal de desdém ou desprezo.

Muzonguê: caldo a base de peixe preparado com óleo de palma ou vegetal.

Naice: acordo; combinar.

Ngala: garrafa.

Ngongoénha: preparado de farinha com açúcar.

Papo: conversa, cuja finalidade é a persuasão.

Paracuca: doce de amendoim torrado.

Pataria: grupo de pessoas que participam de uma festa sem sequer serem convidadas.

Picture: ter uma ideia do comportamento de uma determinada pessoa.

Pincho: espetada de carne, geralmente vendida nas ruas de Luanda por vendedoras oriundas da República Democrática do Congo.

Piscinagem: água acumulada resultante de uma rotura de tubagem.

Pitéu: comida, refeição.

Puto: filho; menor de idade; criança.

Quitanda: mercado informal.

Quitandeira: vendedora dos mercados informais.

Quitetas: iguarias do mar, mariscos.

Quitutes: iguarias; comida típica de Angola.

Raiz: planta com efeito medicinal.

Rebita: dança tradicional angolana.

Ruca: carro; viatura.

Tickets: etiquetas.

Tournés: sair da zona de conforto, viajar; ir ao encontro de.

Troika: conversa, história, acerto.

T-shirts: camisola.

Tuga: cidadão de nacionalidade portuguesa; Portugal.

Ungentos: pomada com efeito analgésico preparado à base de plantas medicinais.

Vuzumunados: mortos, abatidos, agredidos.

Zungueiro: vendedor ambulante.

3.2.2. Adjetivo

Armado: achado; convencido.

Barata: algo de pouco valor; preço baixo.

Biutiful: linda, bonita.

Boelo: pessoa pouco inteligente, burro, desatento, distraído, fraco, parvo, estúpido, lento.

Cambaia: alguém com pernas arqueadas.

Cuía: agradável, bom, o que provoca prazer.

Gingão: vaidoso; alguém com estilo, aquele que dá passos de dança com sensualidade.

Maiuiado: artigo falso ou contrafeito, artigo sem qualidade.

Paneleiro: nome pejorativo atribuído às pessoas que têm uma orientação sexual diferente, ou seja, homossexuais.

Pato: alguém que participa de festa sem ser convidado.

Sniper: atirador.

Vijus: vivaços, espertalhões

Vip: importante, privilegiado

3.2.3. Interjeição

Ai uê: expressão de lamentação ou dor por alguma coisa ou situação.

Pópilas: exprimir indignação por alguma situação.

3.2.4. Verbo

Arranhar: falar ainda que mal uma determinada língua, expressão usado quando se trata de falar uma língua segunda.

Azarar: procurar por desgraça ou problemas.

Baicar: morrer.

Bazar: partir; ir embora; fugir.

Biznar: roubar, apropriação indevida da coisa alheia; mentir; trapacear; aldrabar, desenvolver alguma atividade comercial.

Bodar: farrar, celebrar, festejar, ir à festa.

Cartar: acarretar água com baldes à cabeça.

Chutar: gerar muitos filhos sem qualquer planificação familiar.

Desconseguido: não conseguir fazer alguma coisa; não ser capaz de realizar determinada tarefa.

Desenrascar: encontrar uma solução de qualquer forma.

Desprometer: deixar de cumprir o que se prometeu.

Desqueci: não se lembrar de alguma coisa; deixar de falar uma língua em detrimento de outra.

Desvisitar: cancelar a visita de um determinado sítio.

Ensaiaava: tocava.

Estagiar: alguém que pelo seu comportamento aparenta não estar em pleno uso das suas faculdades mentais.

Estigar: zombar; fazer troça de alguém.

Galar: ver; controlar algo por alguém; prestar atenção.

Gamar: roubar; enganar.

Matabichar: tomar o pequeno almoço, ou seja, a primeira refeição do dia.

Pitar: comer.

Tentabilizar: encontrar solução para alguma coisa.

Tundem: sair, enxotar alguém.

Xaxualhar: sussurrar das árvores por ação do vento.

Ximbicar: remar; orientar a vida.

3.2.5. Advérbio

Apenasmente: a função é apenas dar ênfase, uma vez que o sentido se mantém. somente, unicamente.

Bué: muito; abundância; fartura.

Hojemente: a função é apenas dar ênfase, uma vez que o sentido se mantém.

Male: bem; também serve para designar alguma coisa que esteja muito bom.

3.2.6. Expressões Idiomáticas

Acontecência audiovisuais: entrevista concedida a vários programas de televisão.

Arrastar alguém: expressão, normalmente, usada, em ambientes festivos, significando, portanto, convencer alguém a ter relações sexuais ocasionais.

Arreiem o gajo: expressão usada, sobretudo, em ambientes de violência física. Significa, portanto, bater em alguém sob orientação de quem tem alguma influência: poderio social ou financeiro.

Arte de patar: expressão usada para designar a frequência com que alguém vai às festas sem ser convidado.

Cabeças grandes: expressão usada para se referir à nota de 100 dólares americano.

O caldo está entornado: expressão usada para fazer referência à gravidade do problema.

Cara de limão: expressão usada para designar alguém que faz careta, ou que aparentemente esteja zangado ou nervoso, para evitar ser confrontado.

Currículo feminino: expressão usada para classificar o homem que ao longo dos anos teve ou tem muitas namoradas.

Deixar lembrança: expressão usada, normalmente, em ambientes comerciais, para designar a gorjeta que os clientes deixam para os funcionários em serviço.

Enfiar o dedo no cu: expressão usada em contexto de revolta e protesto contra o regime político, para designar a não reação do povo face ação enganadora do governo.

Ferida nacional: expressão usada para se referir à guerra colonial e civil que assolou o País.

Ficar doce: expressão para designar alguém ou algo que está na moda.

Fritou miolagem: expressão usada para designar a alteração do estado psíquico de alguém.

Furei o gajo: essa expressão significa balar alguém.

Gente graúda: expressão usada para designar alguém com um certo poderio económico ou social.

Grande exemplar: na obra em estudo, essa expressão faz referência à dimensão exagerada da hérnia testicular de uma das personagens.

Homem de costas largas: refere-se a alguém com poderio económico, ou que goza de algum privilégio ou imunidade.

Levar nos cornos: expressão usada, normalmente, em ambientes de violência, significa, portanto, apanhar surra, ser agredido fisicamente.

Linha limpa: expressão usada, normalmente, em ambientes vigiados, para designar que não há ninguém por perto, ou que a ligação por via telefónica não está sob escuta.

Magro salário: expressão usada, para se referir à disparidade entre o desempenho profissional e o salário auferido.

Maka crónica: expressão para designar a gravidade do problema.

Matako avariado: expressão usada para designar ferimentos na zona das nádegas.

Matar os micróbios: expressão para designar o saciar da sede.

Meia cabeça grande: expressão usada para se referir à nota de 50 dólares americano.

Meu ciente: expressão usada nas relações interpessoais para designar alguém muito próximo, ou seja, um amigo.

Mil paus: expressão usada para se referir à nota de 1000 kwanzas, moeda de Angola.

Muito grosso: expressão usada para designar alguém que está sob efeito do álcool ou das drogas.

Filmes de malcriados: expressão usada para se referir aos filmes com conteúdos explícitos, ou seja, pornográficos.

Nokia maltratado: expressão usada para designar um aparelho de telemóvel em mau estado de conservação em função do uso.

Jovens com velhos dentro deles: expressão usada para designar alguém que apesar de muito jovem tem maturidade suficiente.

Os tugas não mamam desta vez: os portugueses desta vez não farão parte do projeto.

Patos profissionais: pessoas que participam frequentemente de festas sem serem convidados.

Patrocínio da nocal: expressão usada para se referir à cerveja garantida para a ocasião, uma vez que “nocal” é nome de uma fábrica de cerveja com o mesmo nome.

Peixe miúdo: alguém sem poderio financeiro ou social.

Pessoas do fórum internacional: expressão usada para se referir aos estrangeiros.

Poder palavroso: expressão usada para designar alguém com grande capacidade de persuasão.

Regular bem: estar em pleno uso das faculdades mentais.

Remendo no matako: expressão para se referir as ligaduras que cobrem as feridas na zona das nádegas de alguém.

Saltar a pataria: expressão usada, normalmente, em ambientes festivos, significando expulsão de todas aquelas pessoas que não foram convidadas a participar da festa.

Serviço de menina: expressão usada em ambiente de prostituição para designar o serviço prestado pelas prostitutas aos seus clientes.

Técnicas kizombísticas: passos certos da dança kizomba

Usar a cabeça: significa que alguém faça alguma coisa de forma inteligente. O cérebro fica na cabeça, portanto, “usar a cabeça” significa estar em condições de pensar, raciocinar, refletir, etc.

Zona matakal: expressão usada para designar a região das nádegas.

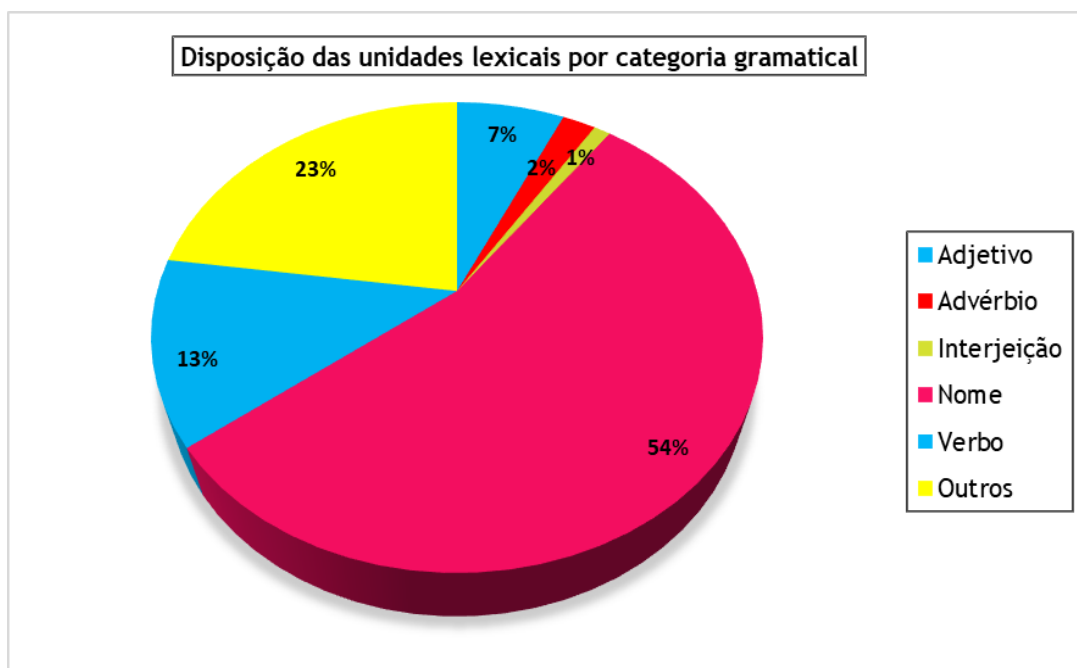


Gráfico 3.2.6.1 - Disposição das unidades lexicais por categoria gramatical. **Fonte:** Elaboração própria.

3.3. Organização das unidades lexicais por processos de formação de palavras

Após a leitura da obra, usámos o método de extração manual, no sentido de procedermos ao levantamento dos neologismos, chegando a uma lista de 186 formas. Desta feita, para estudar as características quantitativas dos neologismos por processos de formação de palavras utilizámos um método estatístico com a ajuda do *Excel*, para facilitar a manipulação dos dados, pois deu-nos a possibilidade de construir gráfico, permitindo assim uma apresentação visual dos resultados obtidos, uma vez que um dos nossos objetivos foi definirmos quais os tipos de neologismos mais representativos no nosso *corpus*, tendo em conta os processos de formação de palavras.

Em geral, os processos de formação de palavras mais utilizados são os formais: a derivação, neologismos por empréstimos e outros processos de formação de palavras. Os resultados percentuais que apresentamos em seguida correspondem à distribuição dos termos neológicos por processos de formação de palavras, onde se pode observar com mais precisão os processos mais utilizados.

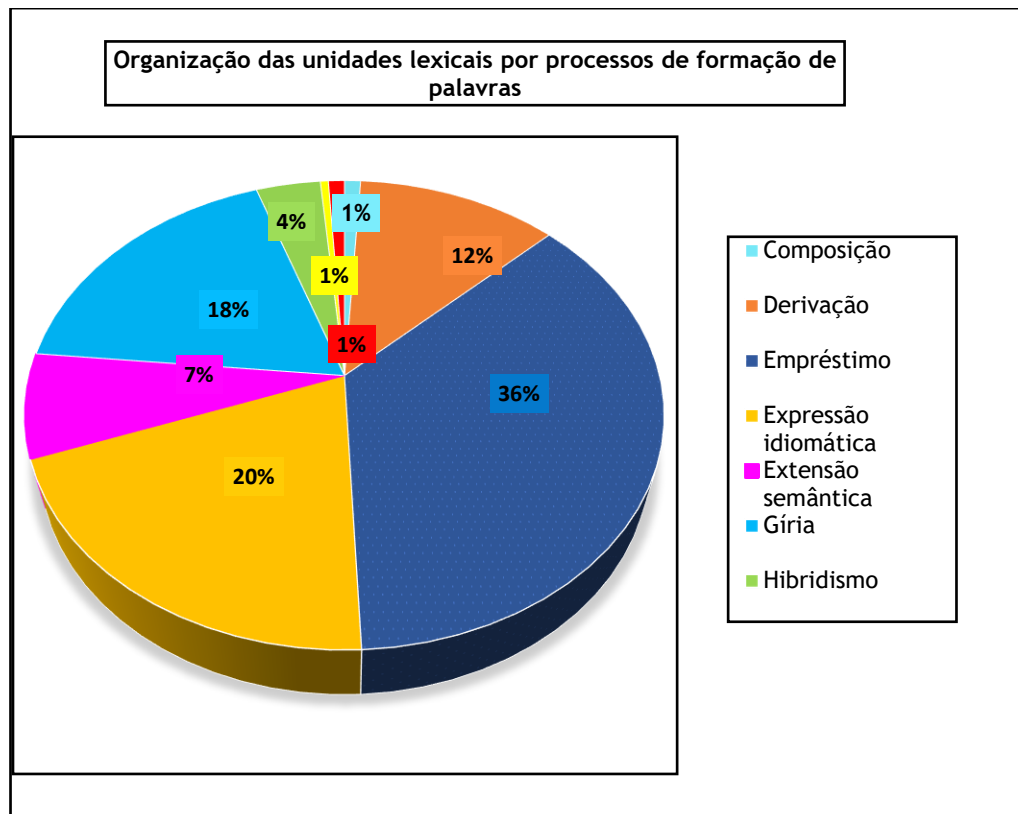


Gráfico 3.3.1 - Processos de formação de palavras mais frequentes no *corpus*. Fonte: Elaboração própria.

No total registámos 189 ocorrências, sendo os empréstimos externos os mais utilizados no nosso *corpus* com 76 unidades, que correspondem a 36% dos neologismos presentes no *corpus*. Em segundo lugar com 20% estão as expressões idiomáticas, com 18%, estão as gírias e com 12% está a derivação, com 7% está a extensão semântica e o hibridismo com 4%. Os processos menos utilizados no nosso *corpus* são a composição, a truncação e a sigla com apenas 1%.

3.4. Distribuição das unidades lexicais de acordo com a língua de proveniência

Dividimos as unidades neológicas encontradas no nosso *corpus* em cinco conjuntos tendo em conta a língua de origem dos mesmos; assim sendo, de um total de 186 neologismos, os neologismos em português são em número de 102; os neologismos híbridos são 8; os empréstimos ao kimbundu 64; ao inglês 10; ao francês 2. Como resultado, as proporções, em ordem decrescente, são as seguintes: os neologismos em português correspondem a 54,8%; os neologismos híbridos a 4,3% e ao kimbundu 34,4%, por fim, os empréstimos a outras línguas com o francês com 1,1% e ao inglês com 5,4%. A proporção de neologismos por empréstimo ao português é esmagadora, estes constituem o grupo melhor representado. O empréstimo linguístico ao kimbundu e ao inglês estão em segundo lugar. Finalmente, os conjuntos menos

representados são os dos neologismos híbridos e empréstimos ao francês. Estes resultados podem ser representados da seguinte forma:

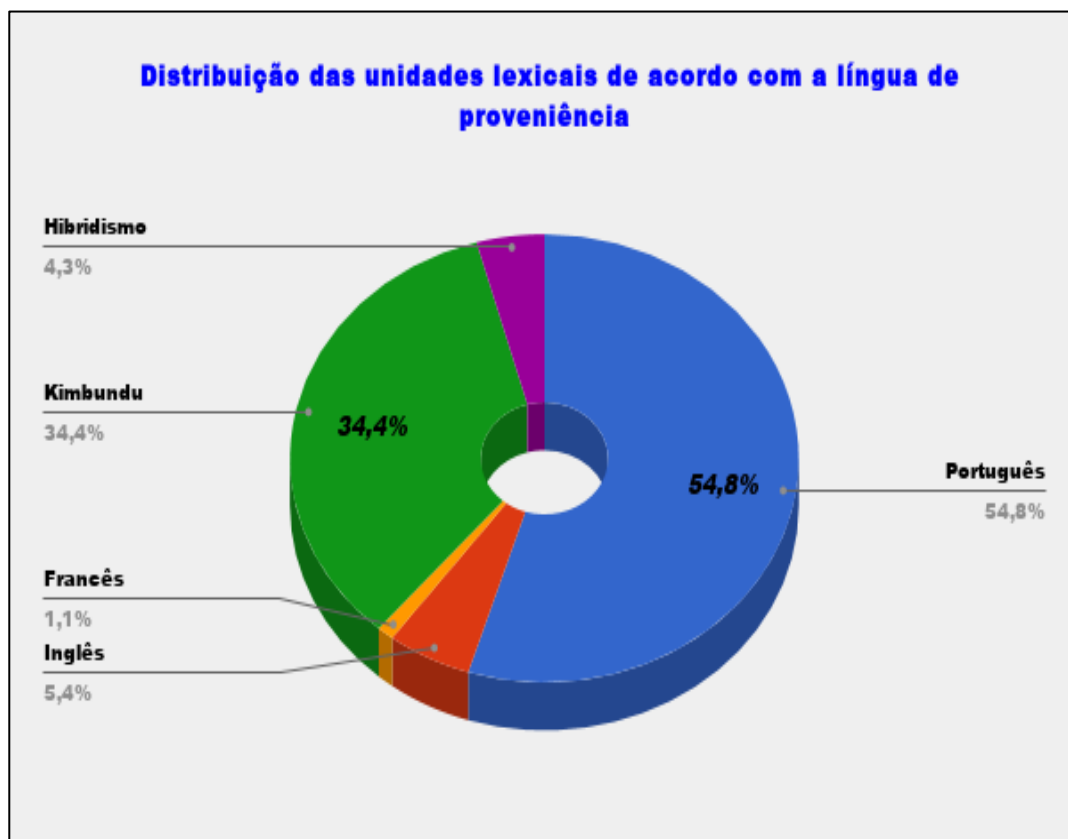


Gráfico 3.4.1 - Distribuição das unidades lexicais por língua de proveniência. Fonte: Elaboração própria.

A partir dos resultados obtidos, podemos notar uma disparidade numérica evidente. Na verdade, os neologismos híbridos, longe de estarem ausentes de nosso *corpus*, são representados por uma proporção relativamente pequena, correspondendo 4,3%. Os neologismos franceses (1%) são menos numerosos do que as unidades lexicais provenientes do inglês com cerca de 5,4%. Essas proporções mostram que a neologia literária usada no nosso *corpus* não se baseia apenas em hibridações e unidades lexicais estrangeiras, pelo contrário, é uma inovação lexical que se baseia nas fontes da língua portuguesa com 54,8% e empréstimos à língua kimbundu com 34,4%, tendo em conta que ambas fazem parte do mosaico sociolinguístico de Angola.

3.5. Proposta de dicionário de autor

Antes de avançarmos a nossa proposta é necessário tecer-se algumas considerações à volta do termo dicionário bem como os critérios para a sua constituição. Várias são as definições propostas, mas consideramos a mais completa a de Dubois *et alii* (1973) na medida em que a sua definição abrange não apenas os dicionários monolíngues, mas também os bilingues, mostrando claramente a sua utilidade, uma vez que considera o dicionário como sendo um objeto cultural que apresenta o léxico de uma língua em forma alfabética, fornecendo em cada verbete ou entrada, informações como a pronúncia, etimologia, categoria gramatical, definição, construção, exemplos de uso, sinónimos, expressão idiomática. O mesmo autor acrescenta que estas informações prestadas pelo dicionário visam essencialmente permitir ao leitor traduzir uma língua ou mesmo até preencher as lacunas que não lhe permitiram compreender um texto na sua própria língua.

A estrutura de um dicionário baseia-se em duas estruturas essenciais, a macro e a microestrutura, pressuposto comum à terminologia e à lexicografia tal como afirma Cabré (1993:86) “que tanto una como otra se ocupa de las palabras; ambas presentan una vertiente teórica y una vertiente aplicada; el objeto aplicado de ambas es la elaboración de diccionários”. Essa estrutura foi proposta por Rey-Debove (1970;1971) baseada na conceção estruturalista de Saussure e Hjelmslev. Entretanto, tendo em conta a natureza do dicionário, a sua estrutura foi ampliada, contando não só com a macro e a microestrutura, mas também com a hiperestrutura que segundo Morán (1997:46, *apud* Vázquez Diéguez, 2001:19) “se concibe así como aquella estructura jerárquica superior en la que se agrupan y ordenan globalmente los componentes básicos del diccionario”. A macroestrutura compreende a nomenclatura selecionada, ou seja, a organização por ordem alfabética das entradas, o número de entradas bem como as partes complementares, parte introdutória, guia de utilização, a lista de abreviaturas, a lista de símbolos fonéticos caso se aplique e por fim os diversos apêndices que podem conter na obra. A microestrutura corresponde ao conjunto de informações contidas nos verbetes (cf. Correia, 2009:23-24).

Ridel (s/d) considera que o dicionário deve estar direcionado a um público definido. Deste modo, a nossa proposta seguirá seguramente este critério. Será, naturalmente, um dicionário de autor cujo léxico do português angolano estará em evidência e o público alvo é a camada estudantil do ensino secundário. Estes poderão usá-lo, principalmente, nas aulas de língua portuguesa, uma vez que o texto literário está presente nela, ainda que recortado.

Deste modo, para a elaboração da nossa proposta de dicionário de autor, levamos em consideração as três estruturas essenciais, hiperestrutura, a macroestrutura e a microestrutura. Considerando que o referido dicionário terá como público alvo os estudantes da disciplina de língua portuguesa do ensino secundário, e não sendo eles especialistas em matéria de terminologia e lexicografia, é necessário que a macroestrutura seja organizada em ordem alfabética para lhes proporcionar maior praticidade no manuseamento do dicionário. A

microestrutura do dicionário, sendo a estrutura interna dos verbetes, será formada com informações que se julgam pertinentes ao usuário final do dicionário de autor, por fim, não menos importante, a hiperestrutura será a ferramenta informática, uma vez que pretendemos inicialmente propor um dicionário informatizado. Assim, para a elaboração futura do dicionário de autor, foi necessária a criação de fichas lexicográficas para cada unidade selecionada no nosso *corpus*. Conforme já referenciado, as definições foram obtidas utilizando o próprio *corpus*, de modo a garantir que a definição refletisse efetivamente o contexto em que a mesma está inserida. Além disso, quando necessário, consultamos outras fontes externas ao *corpus* a fim de tornar a definição mais precisa ou esclarecer dúvidas relativamente a sua grafia bem como o seu significado, no caso dos empréstimos.

Para Correia (2009), hoje em dia, o ideal é que o dicionário seja construído de raiz a partir de um *corpus* textual e com auxílio de *software* específico, para extrair as informações a serem incluídas no dicionário, tais como a lista das unidades que integrarão a nomenclatura, as aceções de cada unidade, os exemplos de uso, etc. Segundo a mesma autora, para além do *corpus* textual, é necessário ter-se em conta também as obras de referências, nomeadamente os dicionários, mas adverte no sentido de as mesmas serem utilizadas apenas como fonte de consulta e não como fonte de extração de informação para o trabalho que se quer realizar. De acordo com isso, para a nossa proposta de dicionário de autor usámos um *corpus* textual, como já foi referido, para a realização do trabalho lexicográfico.

3.5.1. Elaboração da ficha lexicográfica ondjakiana

Nesta etapa, foram elaboradas fichas lexicográficas para cada unidade lexical selecionada que servirão de base para a elaboração da nossa proposta de dicionário de autor. Segundo Cabré (1993), essas fichas são materiais estruturados que devem conter informações relevantes sobre uma determinada unidade e essas informações devem ser extraídas da documentação de referência, no caso o *corpus* que deverão ser apresentadas de acordo com critérios previamente definidos. Na ficha constam os seguintes campos: identificação do termo, termo de entrada, fonte do termo, categoria gramatical, área temática, definição, fonte da definição, contexto, fonte do contexto, remissão a termos conceito da remissão, outros tipos de remissão, conceito de cada tipo de remissão, autor e redator da ficha, notas para informações não previstas, equivalências em outras línguas (com indicação da língua), e fonte de cada equivalência.

A mesma autora refere que alguns desses campos podem ser excluídos e outros campos podem ser adicionados tendo em conta os objetivos de cada trabalho lexicográfico ou terminológico. Seguindo os critérios acima descritos, elaborou-se uma ficha que pudesse subsidiar todas as informações a serem apresentadas na microestrutura do dicionário. Desta forma, as fichas lexicográficas deste trabalho foram formadas com os seguintes campos: entrada, categoria gramatical, abreviatura, domínio, língua de origem, definição da entrada, fonte da definição, contexto, fonte do contexto, fraseologia, forma vernácula, variante, imagem e notas.

Segue abaixo a explanação de cada um dos campos presentes na ficha lexicográfica elaborada para este trabalho:

- Entrada: refere-se à unidade lexical organizada por ordem alfabética e escrita tal como aparece no nosso *corpus*;
- Língua de origem: a língua de que provém a unidade lexical;
- Forma vernácula: a unidade lexical original na língua de que provém;
- Categoria gramatical: facilitará a concordância da forma no ato elocutório;
- Variante gráfica: as distintas grafias apresentam como se escrevem as referidas unidades lexicais em relação à unidade de referência;
- Definição: explicação breve e clara da unidade lexical¹⁴. As informações foram extraídas dos conceitos encontrados no *corpus* mediante o contexto em que se encontravam no referido *corpus*, importa referir que outras fontes foram consultadas, como dicionários, por exemplo;
- Fonte de definição: de modo a facilitar pesquisas posteriores sobre a unidade lexical em questão, uma vez que foram utilizadas outras fontes para a sua definição;
- Fraseologia: permite ver como a unidade lexical ocorre no eixo sintagmático;
- Contexto: exemplo real de aplicação da unidade lexical junto ao seu contexto no *corpus*;
- Fonte de contexto: referência ao exemplo retirado do *corpus*;
- Imagem: ilustração ou figura que retrata a unidade lexical em causa;
- Domínio: apresentar-se-á a área em que se enquadra a unidade lexical em causa¹⁵;
- Abreviatura: representação da unidade lexical (entrada) de forma abreviada, caso se aplique;
- Nota: breve comentário para apresentar uma explicação que se considere pertinente à volta da unidade lexical.

A seguir, apresentámos o modelo de ficha lexicográfica, cuja designação ficou figurada nesses termos: *ficha lexicográfica ondjakiana*.

¹⁴ A informação expressa constitui um importante testemunho da inovação lexical, revelando sobretudo a maior permeabilidade em relação à influência dos contactos linguísticos (Silvestre, 2008).

¹⁵ A informação diatécnica permitirá ao consulente associar uma palavra ou expressão a uma determinada área do conhecimento. Esta divisão em do léxico em domínios não pressupõe que o seu uso seja restrito a um grupo específico (Xavier e Mateus, 1992, *apud* Silvestre, 2008:202).

FICHA LEXICOGRÁFICA ONDJAKIANA					
ID	<input type="text" value="1"/>	Categoria gramatical	<input type="text"/>	Abreviatura	<input type="text"/>
Entrada	<input type="text"/>	Lingua de origem	<input type="text"/>	Fraseologia	<input type="text"/>
Definição	<input type="text"/>			Forma vernácula	<input type="text"/>
Fonte de definição	<input type="text"/>			Imagem	<input type="text"/>
Contexto	<input type="text"/>			Nota	<input type="text"/>
Fonte de contexto	<input type="text"/>				

Figura 3.5.1.1 - Página inicial do modelo de ficha lexicográfica. **Fonte:** Elaboração própria.

Na fase final da nossa proposta para a elaboração do dicionário de autor, procedemos ao recorte das informações das fichas lexicográficas elaboradas com o auxílio da ferramenta Access, num número de dez fichas, organizadas por ordem alfabética e com unidades lexicais retiradas no nosso *corpus* de análise.


FICHA LEXICOGRÁFICA ONDJAKIANA							
ID	1	Categoria gramatical	verb.	Abreviatura	-	Domínio	-
Entrada	Bazar	Língua de origem	Kimbundu	Fraseologia	...qual gerador é esse?, nem precisamos! é só a luz bazar, toda a cidade às escuras, e		
Definição	1. Ir embora; partir. 2. Fugir. 3. Enxotar.			Forma vernácula	Kubaza	Variante	-
Fonte de definição	Dicionário de kimbundu-português			Imagem			
Contexto	- meu- começou ZéMesmo - viver aqui ao pé do chefe é que cuia, nunca falta água nem luz, qual gerador é esse?, nem precisamos! é só a luz bazar, toda a cidade às escuras, e nós nada!			Nota	Vou bazar amanhã à Universidade da Beira Interior.		
Fonte de contexto	Os Transparentes, p.54.						

Figura 3.5.1.2 - Ficha lexicográfica da entrada “bazar”. Fonte: Elaboração própria.


FICHA LEXICOGRÁFICA ONDJAKIANA							
ID	2	Categoria gramatical	n.m	Abreviatura	-	Domínio	Comércio
Entrada	Bizno	Língua de origem	Inglês	Fraseologia	- sabemos que o kota tem bizno lá em baixo com as kinguilas.		
Definição	1. Negócio; trato. 2. Assunto; combinado.			Forma vernácula	business	Variante	-
Fonte de definição	Os Transparentes			Imagem			
Contexto	- num tá a ver merda nunhuma, porque você num sabe fumar, fica logo liambado, mas num tem maka, agora eu vou te oreintar num mambo que tenho aí... puro bizno, mas tu é que vais			Nota	Esta unidade lexical é corruptela de "Business" e é muito usado no português		
Fonte de contexto	Os Transparentes, p.55.						

Figura 3.5.1.3 - Ficha lexicográfica da entrada “bizno”. Fonte: Elaboração própria.


FICHA LEXICOGRÁFICA ONDJAKIANA							
ID	3	Categoria gramatical	verb.	Abreviatura	-	Domínio	Hídrico
Entrada	Cartar	Língua de origem	Português	Fraseologia	...prédio em troca desses baldes de água que andas a cartar com essa cara de		
Definição	Transportar água à cabeça ou em carrinhos de mão.			Forma vernáculo	Acarretar	Variante	-
Fonte de definição	Os Transparentes			Imagem			
Contexto	<p>- cala a boca, seu filha da puta, pensas que eu sou o meu pai que te deixa viver aqui neste prédio em troca desses baldes de água que andas a cartar com essa cara de coitadinho?</p>			Nota	Na minha casa não tem água, por isso vou cartar pelo menos dois baldes para cozinhar		
Fonte de contexto	Os Transparentes, p.55.						

Figura 3.5.1.4 - Ficha lexicográfica da entrada “cartar”. Fonte: Elaboração própria.


FICHA LEXICOGRÁFICA ONDJAKIANA							
ID	4	Categoria gramatical	n.f	Abreviatura	-	Domínio	Política
Entrada	Dipanda	Língua de origem	Kimbundu	Fraseologia	... o falecido camarada Presidente Neto mandou guardar aqui, horas antes da pura dipanda!...		
Definição	<p>1. Independência nacional 2. Dia de Angola 3. Libertação do jugo colonial; autonomia.</p>			Forma vernáculo	-	Variante	-
Fonte de definição	Os Transparentes			Imagem			
Contexto	<p>- isto queria muita gente saber... ter. mas não é para todos! não se esqueçam, meus amigos - dizia com a voz banhada em orgulho - foi desta arca que saíram as cervejas de celebração do dia da independência, incluindo as garrafas de</p>			Nota	Os actos centrais do dia da dipanda será realizado na província do Cunene.		
Fonte de contexto	Os Transparentes, p. 170						

Figura 3.5.1.5 - Ficha lexicográfica da entrada “dipanda”. Fonte: Elaboração própria.


FICHA LEXICOGRÁFICA ONDJAKIANA			
ID	5	Categoria gramatical	n.m
Entrada	Dodós	Língua de origem	Inglês
Definição	Moeda monetária americana.		
Fonte de definição	Os Transparentes		
Contexto	- bem... não sei... não posso prometer em desprometer. Já tentei envolver o subintendente nisso, mas ele não vai com batatas fritas, só se forem verdes - verdes? Notas verdes, dodós, cabeças grandes		
Fonte de contexto	Os Transparentes, p.276		
Abreviatura	-	Domínio	Política
Fraseologia	- notas verdes, dodós, cabeças grandes		
Forma vernácula	Dólar	Variante	Dólar
Imagem			
Nota	Está difícil encontrar dodós, assim, corro o risco de não viajar mais.		

Figura 3.5.1.6 - Ficha lexicográfica da entrada “dodós”. Fonte: Elaboração própria.


FICHA LEXICOGRÁFICA ONDJAKIANA			
ID	6	Categoria gramatical	n.m
Entrada	Gingongo	Língua de origem	Kimbundu
Definição	1. Irmãos gémeos. 2. Dois frutos irmanados. 3. Independência nacional. 4. Dia de Angola.		
Fonte de definição	Dicionário de kimbundu-português		
Contexto	- bem... não sei... não posso prometer em desprometer. Já tentei envolver o subintendente nisso, mas ele não vai com batatas fritas, só se forem verdes - verdes? Notas verdes, dodós, cabeças grandes		
Fonte de contexto	Os Transparentes, p. 103		
Abreviatura	-	Domínio	Administração pública
Fraseologia	- notas verdes, dodós, cabeças grandes		
Forma vernácula	Jingongo	Variante	Ngongo
Imagem			
Nota	Esta unidade lexical também é usada para designar casais que tenham muitos anos de convivência.		

Figura 3.5.1.7 - Ficha lexicográfica da entrada “gingongo”. Fonte: Elaboração própria.


FICHA LEXICOGRÁFICA ONDJAKIANA			
ID	7	Categoria gramatical	n.m
Entrada	Kilape	Língua de origem	Kimbundu
Definição	1. Empréstimo de valor monetário ou outros bens. 2. Negócio. 3. Crédito, dívida.		
Fonte de definição	Os transparentes		
Contexto	- não vai um pincho quente, camarada Carteiro? - perguntou Maria Com Força enquanto fazia dançar as brasas - vai, se for assim de kilape, tou fraco de kwanzas		
Fonte de contexto	Os Transparentes, p. 27		
Abreviatura	-	Domínio	Economia
Fraseologia	- vai, se for assim de kilape, tou fraco de kwanzas		
Forma vernácula	kilapi	Variante	-
Imagem			
Nota	Segundo Undolo (2016) esta unidade entrou no português angolano em princípios da década de 90.		

Figura 3.5.1.8 - Ficha lexicográfica da entrada “Kilape”. Fonte: Elaboração própria.


FICHA LEXICOGRÁFICA ONDJAKIANA			
ID	8	Categoria gramatical	n.f
Entrada	Kingilla	Língua de origem	Kimbundu
Definição	1. Esperar 2. Pessoas que se dedicam ao câmbio de moeda nas ruas de forma ilegal		
Fonte de definição	Os transparentes		
Contexto	João Devogar limpou o suor da testa, ajeitou nas mãos um bloco onde anotava as dívidas e os acertos financeiros das kingillas que tinham assento no passeio exterior do prédio, não eram controladas por ele, como ele mesmo fazia		
Fonte de contexto	Os Transparentes, p. 103		
Abreviatura	-	Domínio	Economia
Fraseologia	- sabemos que o kota tem bizno lá em baixo com as kingillas. Anda a fazer nota com as notas, câmbios e		
Forma vernácula	Kingilla	Variante	Kukingilla
Imagem			
Nota	Segundo Undolo (2016) esta unidade entrou no português angolano em princípios da década de 90, com a economia instaurada no país.		

Figura 3.5.1.9 - Ficha lexicográfica da entrada “kingillas”. Fonte: Elaboração própria.


FICHA LEXICOGRÁFICA ONDJAKIANA			
ID	9	Categoria gramatical	n.m
Entrada	Mbumbi	Língua de origem	Kimbundu
Definição	1. Tumor formado pela deslocação de uma víscera ou acumulação de serosidade no escroto. 2. Hérnia testicular.		
Fonte de definição	Dicionário de kimbundu - português		
Contexto	- ah, resolvem, né? e se correr mal? - Edú ficava facilmente irritado quando o abordavam sobre a eventual cirurgia que lhe permitiria livrar-se do gigantesco caroço - não sabes que esse mbumbi está mesmo relacionado com a zona testicular?		
Fonte de contexto	Os Transparentes, p. 49		
Abreviatura	-	Domínio	anatomia
Fraseologia	Edú, que por força do seu inchadíssimo mbumbi passava muito do seu tempo à janela, entendeu o		
Forma vernácula	Mbúmbi	Variante	-
Imagem			
Nota	Segundo Undolo (2016) esta unidade entrou no português angolano em princípios da década de 90, com a economia instaurada no país.		

Figura 3.5.1.10 - Ficha lexicográfica da entrada “mbumbi”. Fonte: Elaboração própria.


FICHA LEXICOGRÁFICA ONDJAKIANA			
ID	10	Categoria gramatical	verb
Entrada	Zungar	Língua de origem	Kimbundu
Definição	1. Andar, às vezes, sem objetivo. 2. Prática de venda ambulante.		
Fonte de definição	Dicionário de kimbundu - português		
Contexto	- seu pai? - não, meu amigo. Andamos juntos a zungar - és o primeiro zungueiro de conchas que conheço, mostra lá o material		
Fonte de contexto	Os Transparentes, p. 68		
Abreviatura	-	Domínio	Comércio
Fraseologia	- não, meu amigo. Andamos juntos a zungar		
Forma vernácula	Nzunga	Variante	-
Imagem			
Nota	Em Luanda, muitas mulheres para garantir o sustento da família têm de zungar com os seus produtos na cabeça.		

Figura 3.5.1.11 - Ficha lexicográfica da entrada “zungar”. Fonte: Elaboração própria

CONCLUSÕES

Qualquer inovação lexical deve ser analisada mediante as suas condições de concepção e utilização. Durante esta fase da análise do *corpus*, o nosso objetivo era identificar e analisar os neologismos para melhor compreendermos o seu funcionamento através do contexto, sendo que muitos desses neologismos não estão lematizados. A metodologia adotada ao estudo do léxico nas escolas é ainda muito mecanizada, ou seja, os livros didáticos (linhas metodológicas), bem como professores, não se preocupam em fazer um estudo mais detalhado da nova palavra encontrada no texto, limitando-se, unicamente, a atribuir o sentido, usando um único elemento de exclusão. Nota-se, entretanto, a ausência no material didático e na atividade dos docentes de uma análise mais significativa, para explicar, de forma mais detalhada, aos alunos os processos formadores de neologismos lexicais.

A recriação de palavras e um registo lexical próprio emprestam à leitura de obras literárias, mais especificamente às obras de Ondjaki, uma oportunidade de se conhecer o que verbalmente é dito e de se apreciar também uma utilização criteriosa da língua. É importante salientar que Ondjaki não inventa nunca do nada, já que o português é língua de suporte, mas sabemos que a inovação lexical não acontece apenas tendo como suporte o português, outros processos como os empréstimos linguísticos devem merecer atenção, deste modo citamos aqui, como exemplo, o kimbundu, que acreditamos ser do domínio do autor. A sua criação artística, longe de ser uma simples invenção de quem arbitrariamente codifica a realidade, é consequência do emprego das regras linguísticas e o reflexo das vozes angolanas que quotidianamente transformam essa língua. Não pretendemos com isso dizer que o escritor se restringe apenas a ser influenciado pela sociedade (cf. Wellek & Warren, 1976).

Além do mais, verificámos, na obra, uma estreita ligação entre a escrita e a oralidade. Esse versátil sistema linguístico de Ondjaki coloca ao leitor um desafio tão grande na compreensão da referida obra, que vai do conhecimento do sistema linguístico angolano, passando pelo cultural, até à vivência do quotidiano da província de Luanda e quiçá de Angola. Por isso, não representa surpresa que a criação de novas palavras seja tão habitual, surgindo, dia após dia no seio dos distintos grupos sociais que formam a *Pólis*, Luanda. Entre os luandenses nota-se uma atitude curiosa, visto que quase ninguém coloca em causa a existência destas palavras criadas ou inovadas; deste modo concordamos com Sablayrolles (2000) quando diz não ser tão relevante saber da proveniência dos neologismos nem mesmo como foram criados e quem os criou. Para o referido autor os neologismos são sempre traços da evolução das línguas e constituem o reflexo daquilo que pensam as pessoas inseridas num determinado grupo linguístico, naquele preciso momento.

Tal atitude contribui, em certa medida, na propagação dos mesmos, apesar de não ser fator preponderante para a sua lematização, como afirmam Correia e Lemos (2005), pois muitas vezes resultam de simples necessidades comunicativas pontuais.

Neste romance, o autor usa uma linguagem que oscila, em grande medida, entre uma quase norma europeia do português e o produtivo português de Angola (variedade do português angolano), particularmente o falado em Luanda, pelos diferentes grupos sociais e em diferentes níveis de linguagem, mostrando ter criatividade e domínio da realidade sociolinguística de Angola.

Esses neologismos revelam uma técnica expressiva e inovadora do autor, em virtude de este se basear num profundo conhecimento linguístico e numa utilização inovadora a partir desse conhecimento. Constata-se, através da obra, o advento de novas unidades no português que se fala em Luanda e este fenómeno tem origem nos diferentes grupos sociais da realidade demográfica de Luanda, como bem ilustra a obra.

Para atestar o sentido de uma palavra procuramos sempre um dicionário nas suas mais variadas tipologias, então, entendemos o dicionário como um meio que leva qualquer consulente a entender o sentido de uma palavra; também leva o aluno a entender o texto, ou seja, o texto literário, mas os textos da literatura angolana, como indica a palavra, mostram uma realidade própria do contexto angolano no âmbito dos diferentes domínios linguísticos, mais especificamente do léxico. Portanto, consideramos ser importante a utilização do dicionário de autor, de forma a que seja facilitador na exploração vocabular dos textos literários, visto que uma parte desse léxico não se encontra lematizado, pelo que um dicionário de autor auxiliará o aluno do ensino secundário na ampliação do seu reportório linguístico por intermédio do estudo desses textos (recurso interessante a fim de se estudar o léxico).

Desta feita, para seguirmos adiante com a nossa proposta foi necessário termos em conta todas as orientações teórico-metodológicas na conceção do dicionário. Entretanto, embora tenhamos definido o nosso público não foi possível estudar um *corpus* mais amplo, ou seja, analisar todas as obras de Ondjaki, e também não foi possível averiguar a proficiência lexical dos alunos relativamente às obras do referido autor, visto que as suas obras não estão ainda contempladas no programa de língua portuguesa, no nosso país; mas ainda assim, consideramos que este trabalho é também um caminho no estudo do léxico, e também para que se tenha uma visão mais abrangente do universo lexical angolano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia primária

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos (2006). *Corpus para pesquisa Linguística: compilação, gerenciamento e manipulação por meio de ferramentas computacionais*. Disponível em: http://ccsl.ime.usp.br/files/GladisAlmeida_Lingu%C3%ADsticaCorpus.pdf (acedido a 14 de fevereiro de 2018).

ALVES, Ieda Maria (1990). *Neologismo: Criação Lexical*. São Paulo, Editora Ática.

_____. (2000). *Um Estudo sobre a Neologia Lexical: os microssistemas prefixais no português contemporâneo*. Tese de livre-docência. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri (2007). *As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, Vº III, Campo Grande, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

ALVES, Ieda Maria; LINO, Teresa (coord) (2017). *Simpósio 76: Neologismos no Português Cotidiano*, IV Simpósio Mundial de Língua Portuguesa, Santarém.

ATKINS, Beryl T. Sue; ZAMPOLII, Antonio (1994). *Computational approaches to the Léxicon*. New York, Oxford University Press.

BASÍLIO, Margarida (1980). *Estruturas Lexicais do Português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis, Editora Vozes.

BECHARA, Ivanildo (2006). *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed., Rio de Janeiro, Lucerna.

CABRÉ, Maria Teresa (2015). “La neologia: un nou camp a la cerca de la seva consolidació científica”. *Caplletra*. Revista Internacional de Filologia, nº59, p.13. Disponível em: <http://doi.org/0214-8188.v>

_____. (1993). *La terminologia: teoria, metodologia, aplicaciones*. Barcelona, Editorial Empuries.

CANTOS, Pascual (1995). “Tratamiento informático y obtención de resultados”, in SÁNCHEZ, Aquilino et alii. *Corpus Lingüístico del español contemporáneo: Fundamentos, metodología y aplicaciones*. Madrid, Sociedad General Española de Librería.

CARVALHO, Nelly (1983). *Linguagem Jornalística: Aspectos Inovadores*. Recife, Associação de Imprensa de Pernambuco.

_____. (1987). *O que é Neologismo?* 2ª ed., São Paulo, Editora Brasiliense.

_____. (2006). *Publicidade: A linguagem da Sedução*, 3ª ed., São Paulo, Editora Ática.

CHICUNA, Alexandre Mavungu (2014). *Portuguesismos nas línguas bantu: para um dicionário Português-kiyombe*. Lisboa, Edições Colibri.

CLARE, Nícia de Andrade Verdini (2004). *Léxico: continuidade linguística, empréstimo vocabular e formação vernácula*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiifelin/27.htm> (acedido a 14 de fevereiro de 2018).

- CORREIA, Margarida (2009). *Os dicionários portugueses*. Lisboa, Editorial Caminho.
- CORREIA, Margarida; LEMOS, Lúcia San Payo de (2005). *Inovação Lexical em Português*. Lisboa, Edições Colibri e Associação de Professores de Português.
- COSTA, António Fernandes (2006). *Rupturas Estruturais do Português e Línguas Bantu em Angola: para uma Análise Diferencial*. Luanda, Universidade Católica de Angola.
- COSTA, Maria Rute Vilhena (2001). *O Termo como Veículo de Especialidades Conceptuais e Semânticas*. Edições Colibri, Centro de Linguística, Universidade Nova de Lisboa.
- COSTA, Teresa Manuela Camacha José da (2013). *Os Empréstimos das Línguas Bantu no Português Falado em Angola: Um estudo Lexicológico da Variante Angolana*. Luanda, Edição do Autor, Luanda.
- _____ (2015). *Umbundismos no português de Angola: Proposta de um dicionário de umbundismos*. Universidade Nova de Lisboa, Tese de Doutoramento em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- CUNHA, António Geraldo da (1982). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley (2006). *Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, ed. João Sá da Costa.
- [DH] HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Edições Objetiva.
- [DLPC] Verbo Editora (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporâneo*. Lisboa.
- DUBOIS, Jean *et alii* (1973). *Dicionário de linguística*. Trad. Izidoro Blikstein (coord.), São Paulo, Editora Cultrix.
- DRUCOT, Oswald; TODOROV, Tzvetan (1991). *Dicionário das Ciências da Linguagem*. 7ªed., Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- MORÁN, María Teresa Fuentes (1997). “Gramática en la lexicografía bilingüe. Morfología y sintaxis”. in *Diccionarios español-alemán desde el punto de vista del germanohablante*, Tübingen, Max Niemayer Verlag, Lexicographica, nº 81.
- GALISSON, Robert; COSTE, Daniel (eds.) (1976). *Dictionnaire de didactique des langues*. Paris, Hachettes.
- IRELE, Abiola (s/d). “A Literatura Africana e a questão da Língua”, in SOUZA, Wander Emediato de. *A Tradição Oral*. Belo Horizonte, UFMG, pp. 25-41.
- KUKANDA, Vatomene (1986). *Notas de Introdução à sociolinguística Bantu*. Lubango, Departamento de Letras Modernas.
- LEHMANN, Alise; MARTIN-BARTHAT, Françoise (2000). *Introduction à la Lexicologie: sémantique et morphologie*. Paris, Éditions Nathan.
- LEWANDOWSKI, Theodor (2000). *Dicionário de Linguística*. Trad. Maria Garcia-Denche Navarro e Enrique Bernárdez, Madrid, Ediciones Cátedra.
- LINO, Maria Teresa da Fonseca *et alii* (1991). *Terminologia da lexicologia e lexicografia e terminologia e terminografia*. Universidade Nova de Lisboa.

- _____. (2010). “Neologia, terminologia e lexicultura: a língua portuguesa em situação de contacto de línguas”. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*, nº 12(2), p. 187-200, Lisboa.
- LORENTE, Mercé (2004). “A lexicologia como ponte de encontro entre a gramática e a semântica”, in ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, Vº II, Campo Grande, UFMS, p. 77.
- LOUREIRO, Ana Bela Pereira (2015). *Neologismos do Português de Angola: Proposta de constituição de base de dados com vista à construção de um Observatório Linguístico*. Dissertação de Mestrado em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- MARINE, Talita de Cássia; BARBOSA, Juliana Bertucci (2010). “O processo de recontextualização lexical no português brasileiro”. *Revista de lexicografia* nº16, pp. 89-100. ISSN: 1134-4539 <http://hdl.handle.net/2183/8438>.
- MARQUES, Maria Emília Ricardo (1995). *Sociolinguística*. Lisboa, Universidade Aberta.
- MARTINS, Ana Maria; CARRILHO, Ernestina (eds.) (2016). *Manual de Linguística Portuguesa*, Berlin, Editora Walter de Gruyter.
- MATEUS, Maria Helena *et alii* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho, 5ª ed., revista e aumentada.
- _____. (2005). *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa, Editorial Caminho.
- MEYER, Charles F. (2004). *English corpus linguistics: an introduction*. Cambridge University Press.
- MINGAS, Amélia (2000). *Interferência do Kimbundu no português falado em Lwanda*. Luanda, Edições Chá de Caxinde.
- MORA, José Joaquín de (2013). *El Neologismo*. Madrid, Editorial Biblioteca Nueva.
- OLIVEIRA, Solange MENDES (2009). *Aspectos da derivação prefixal e sufixal no português do Brasil*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina.
- ONDJAKI (2015). *Os Transparentes*, 8ª ed., Lisboa, Editorial Caminhos.
- PLANA, Isalino Fortunato (2015). *Variação terminológica formal no diploma regulador do subsistema e no estatuto orgânico do Ministério do Ensino Superior – Angola*. Dissertação de Mestrado em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade, Universidade Nova de Lisboa.
- PRETI, Dino (1984). *A gíria e outros temas*. São Paulo, EDUSP.
- PRUVOST, Jean; SABLAYROLLES, Jean-François (2012). *Les néologismes*. 2nd ed, Paris, Pesses Universitaires de France.
- QUIVUNA, Manuel (2014). *Lexicologia Aplicada ao Ensino do Léxico em Português Língua não Materna*. Lisboa, Edições Colibri.
- REY, Alain (1976). “Néologisme: Un pseudo-concept?”, in *Cahiers de Lexicologie*. Paris, v. n.º 28, pp.3-17.
- REY-DEBOVE, J (1970). “Le domaine du dictionnaire”, *Langages*, Paris, Larousse.
- _____. (1971). *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. La Haya-Paris, Mouton.

- RIFFATERE, Michael (1973). “Poétique du néologisme”, in *Caheirs de l’ Association internationale de études francaises*, Paris, vº 25, p. 59.
- RÍOS, Enrique Jiménez (2000). “Aspectos de lexicografía y traducción”, in RUHSTALLER, Stefan; ARAGONÉS, Josefina Prado (eds.) (2000). *Tendencias en la investigación lexicográfica del espanhol: el diccionario como objeto de estudio lingüístico y didáctico*. Junta de Andalucía, Universidad de Huelva.
- RIDEL, Elisabeth (s/d). *Reflexions autour des Dictionnaires Bilingues et Multilingues: Introduction à la problématique*. Université de Caen.
- RIVA, Heuélinton Cassiano; CAMACHO, Beatriz Fancincani (2010). “Expressão idiomática”, In BARROS, Lídia Almeida; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.) (2010). *O Léxico em Foco: múltiplos olhares*. São Paulo, Cultura Acadêmica Editora, p.196.
- RONCOLATTO, Eliane (2001). *Expressões idiomáticas do Português e do espanhol da Colômbia: análise, classificação e equivalências*. Tese de doutoramento em Filologia e Lingüística Portuguesa, Faculdade de ciências e letras, Universidade Estadual Paulista, Assis.
- SABLAYROLLES, Jean -François (2010). “Néologisme homonymique, néologisme polysémique et évolution de sens”, in ALVES, Ieda Maria (org.). *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas*. São Paulo, Editora Paulista, p. 83.
- _____ (2000). *La Néologie en Français Contemporain: Examen du Concept et analyse de Productions Néologiques Récentes*. Paris, Honoré Champion Éditeur.
- SÁNCHEZ, Aquilino et alii (1995). *Corpus Lingüístico del espanhol contemporâneo: Fundamentos, metodologia y aplicaciones*. Madrid, Sociedad General Española de Librería.
- SENABRE, Ricardo (1999). “El neologismo en el uso literário” in GONZÁLEZ, José Manuel et alii (orgs.). *V Jornadas de metodologia y didáctica de la lengua española: El neologismo*. Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones do Instituto de Ciencias de la Educación, p.36.
- SILVESTRE, João Paulo (2008). *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- SIMÕES, Darcilia; OSÓRIO, Paulo (orgs.) (2014). *Léxico: Investigação e Ensino*. Rio de Janeiro, Dialogarts.
- SORNIG, Karl (1981). *Lexical innovation: a study of slang, colloquialisms and casual speech*. Amsterdam, John Benjamins.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1967). *Cours de linguistique générale*. Paris, Éditions Payot.
- UNDOLO, Márcio (2016). *A norma do português em Angola*. Caxito, Escola Superior Pedagógica do Bengo.
- SINCLAIR, John (2004). “Corpus and Text – Basic Principles” in MARTIN, Wynne (ed.). *Developing Linguistic Corpora: a Guide to Good Practice*. Disponível em: <http://www.ahds.ac.uk/creating/guides/linguistic-corpora/index.htm> (Acedido a 14 de fevereiro de 2018).
- WELLEK, René; WARREN, Austin (1976). *Teoria da Literatura*. Mem Martins, Publicações Europa-América.

VÁZQUEZ DIÉGUEZ, Ignacio (2001). *Análisis crítico del Diccionario Xerais castelán-galego de usos, frases e sinónimos*. Universitat de Barcelona, tese de mestrado.

VILELA, Mário (1994). *Estudos Lexicográficos do Português*. Coimbra, Editora Almedina.

XAVIER, Maria Francisca; Mateus, Maria Helena (orgs.) (1992). *Dicionário de Termos Linguísticos*, Vº I e II, Lisboa, Edições Cosmos.

<http://piwik.seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4274/3863> Cláudia Maria Xatara. Expressões Idiomáticas.

<https://www.ueangola.com/entrevistas/item/851-entrevista-a-ondjaki-a-capacidade-de-sobrepoe-a-boadisposi%C3%A7%C3%A3o-A0s-dificuldades-em-angola>.

Bibliografia secundária

ABBOT NEBOT, Francisco (1997). *Cuestiones de Lexicología y Lexicografía*. Madrid, UNED, Cuadernos de la UNED.

BARBOSA, Maria Aparecida (1998): “Da neologia à neologia na literatura”, in OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, Vº I, Campo Grande, UFMS.

BÉJOINT, Henri; THOIRON, Philippe (eds.) (1996). *Les Dictionnaires Bilingues*. Aupelf-Uref - Editions Duculot.

BRANDÃO, Helena (2011). *Aprender e ensinar com textos didáticos*. 6ª ed. São Paulo.

CAMEIA, Domingas Rosa Tchimbica Duarte (2013). *Desenvolvimento da Competência Lexical na Aprendizagem da Língua Portuguesa: Um estudo com alunos angolanos*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Perturbações da Linguagem na Criança. Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal.

CARREIRA, Maria Helena Araújo (2010). *L’idiomaticité dans les langues romanes*. Saint-Denis, Université Paris.

COUTO, Mia, (1991). *Cronicando*. Lisboa, Editora Caminho.

DESMET, Isabel (2007). “Terminologie culturelle et société: éléments pour une théorie variationniste de la terminologie et de langue de spécialité”. *Cahiers du Rifal*, nº3, Paris.

FARIA, Isabel Hub (1996). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho.

FERNANDES, João; NTONDO, Zavoni (2002). *Angola: Povos e Línguas*. Luanda, Editora Nzila.

FIGUEIREDO, Olívia Maria (2011). “Ensino - Aprendizagem do léxico: orientações metodológicas”, in DUARTE, Isabel; FIGUEIREDO (orgs.). *Português, língua e ensino*. Universidade do Porto Editorial, pp. 345-362.

HERNÁNDEZ, Inés Pagola (2015). *Neologismos en la obra de Sabino Arana Goiri*. Euskaltzaindia, Editora Real Academia de La Lengua Vasca.

INTERNATIONAL STANDARD NORME INTERNATIONALE ISO (2000) - Norme1087-1. First edition.

LAJOLO, Marisa (1982). “Texto não é Pretexto”, in *Leitura em crise na Escola*. Porto Alegre, Mercado Aberto, p.15.

- LECOCQ, Pierre *et alii* (1989). *L'accès lexical*. Lille, Presses Universitaires.
- LYONS, John (1972). *Semântica estrutural*. Lisboa, Editorial Presença.
- MARRAFA, Palmira; MOTA, Maria Antónia (orgs.) (1999). *Linguística Computacional: Investigação Fundamental e Aplicações*. Lisboa, Edições Colibri.
- PILLA; Éda Heloisa (2002). *Os neologismos do Português e a Face Social da Língua*. Porto Alegre, Editora AGE.
- PLATERO, Juan Manuel García; CARBALLO, M.^a Auxiliadora Castillo (coords.) (2009). *Investigación lexicográfica para la enseñanza de lenguas*. Universidad de Málaga.
- PRETI, Dino (1984). *A gíria e outros temas*. São Paulo, EDUSP.
- SANROMÁN, Álvaro Iriarte (2001). *A Unidade lexicográfica, Palabras, Colocações, Frasemas, Pragmatemas*. Braga, Universidade do Minho.
- SILVA, Calane da (2002). *A Pedagogia do Léxico: O estiloso Craveirinha - As escolhas lexicais bantu, os neologismos luso-rongas e a sua função estilística e estético-nacionalista nas obras Xigubo e Karingana wa Karingana*. Maputo, Editora Imprensa Universitária.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar (2002). *Teoria da Literatura*, 8^a ed., Coimbra, Editora Almedina,
- VEIGA, Alexandre (ed.) (2003). *Gramática e Léxico em Sincronia e Diacronia: um contributo da Linguística Portuguesa*. Universidade de Santiago de Compostela, Editora Servicio de Publicacións.
- VILLALVA, Alina (2000). *Estruturas Morfológicas*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

GLOSSÁRIO DOS NEOLOGISMOS ENCONTRADOS

Nº	Neologismos	Tipo de neologia	Significado
1	<i>Acontecência audiovisuais:</i>	Expressão Idiomática	Entrevista concedida a vários programas de televisão.
2	Ai uê	Empréstimo	Expressão de lamentação ou dor por alguma coisa ou situação.
3	Alembamento	Empréstimo	Tributo que um homem paga à família da noiva; casamento tradicional.
4	Apenasmente	Derivação	Somente, unicamente.
5	Armado	Semântico	Achado; convencido.
6	Arranhar	Semântico	Falar ainda que mal uma determinada língua.
7	Arranque	Semântico	Ralhetes; chamada de atenção.
8	Arrastar alguém	Expressão Idiomática	Convencer alguém a ter relações sexuais ocasionais.
9	Arreiem o gajo	Expressão Idiomática	Bater em alguém.
10	Arte de patar	Expressão Idiomática	Procurar e participar de festas mesmo sem ser convidado.
11	Azazar	Derivação	Procurar por desgraça ou problemas.
12	Baba	Semântico	Esta criação lexical significa polícia, sobretudo, aqueles com atitudes corruptas, pistola, revólver.
13	Baicar	Gíria	Morrer.
14	Balázio	Gíria	Tiros; disparos com arma de fogo.
15	Banga	Empréstimo	Vaidade, estilo.
16	Barata	Semântico	Algo de pouco valor; preço baixo.
17	Bassula	Empréstimo	Queda; golpe em que o adversário é levado ao chão numa luta corporal.
18	Bazar	Empréstimo	Ir; partir.
19	Bidon	Empréstimo	Recipiente para armazenamento de água.
20	Bichinho	Semântico	Alguém que tenha o vírus do HIV Sida.
21	Bife	Empréstimo	Fatia de carne com corte diferente do habitual, temperada e grelhada ou cozida.
22	Biznar	Gíria	Roubar, apropriação indevida da coisa alheia; mentir; trapacear; aldrabar; desenvolver alguma atividade
23	Biutiful	Empréstimo	Linda, bonita.
24	Bizno	Empréstimo	Negócio; trato; combinado.
25			
26	Boataria	Derivação	Notícias falsas que circulam de forma incontrollável.

27	Bodar	Derivação	Farrar, celebrar, festejar, ir à festa
28	Boelo	Gíria	Pessoa pouco inteligente, burro, desatento, distraído, fraco, parvo, estúpido, lento.
29	Bósse	Empréstimo	O patrão; o chefe.
30	Bléque	Empréstimo	Indivíduo de pele negra.
31	Brinde	Semântico	Música de qualidade.
32	Bródueis	Empréstimo	Amigo; camarada; companheiro.
33	Bué	Empréstimo	Muito; abundância; fartura.
34	Bunda	Empréstimo	Bunda.
35	Bungula	Empréstimo	Dança tradicional de Angola praticada, sobretudo em rituais tradicionais.
36	Cabeças grandes	Expressão Idiomática	Nota de cem dólares americano.
37	Caldo está entornado	Expressão Idiomática	O problema está grave.
38	Calulu	Empréstimo	Molho feito à base de peixe, legumes e óleo de palma acompanhado geralmente com o funji.
39	Cacusso	Empréstimo	Nome dado ao peixe da família dos pércidas cujo nome científico é tilápia.
40	Camba	Empréstimo	Amigo.
41	Cambaia	Gíria	Com pernas arqueadas.
42	Camone	Gíria	Amigo; companheiro.
43	Candengue	Empréstimo	Miúdo; menor; irmão mais novo; filho
44	Candongá	Empréstimo	Transporte de passageiros e mercadorias; contrabando de gêneros alimentício e outros.
45	Candongueiro	Empréstimo	Alguém que exerça atividade de táxi; veículo destinado ao transporte de pessoas; táxi.
46	Catolotolo	Empréstimo	Doença que provoca febres e dores musculares.
47	Capurroto	Empréstimo	Bebida fermentada feita a partir da cana de açúcar.
48	Cara de limão	Expressão Idiomática	Fazer caretas; zangado.
49	Cartar	Corruptela de Acarretar	Acarretar água com baldes à cabeça.
50	Comba	Empréstimo	Reunião familiar realizada alguns dias ou meses depois do enterro de um ente querido.
51	Coro	Semântico	Agir disfarçadamente; mentira.
52	Cubico	Corruptela de cubículo	Casa, moradia, habitação.

53	Cuia	Gíria	Bom; agradável.
54	Cumbu	Empréstimo	Dinheiro, valor monetário.
55	Cumbuzito	Derivação	Pouco dinheiro.
56	Currículo feminino	Expressão Idiomática	Homem com várias namoradas.
57	Chutar	Semântico	Gerar muitos filhos sem qualquer planificação familiar.
58	Deixar Lembrança	Expressão Idiomática	Dar gorjeta.
59	Descaminho	Derivação	Maus caminhos; levar um estilo de vida fora dos padrões normais; delinquência.
60	Desconseguido	Derivação	Não conseguir fazer alguma coisa; Não ser capaz de realizar determinada tarefa.
61	Desenrascar	Derivação	Encontrar uma solução de qualquer forma.
62	desfuncionamento	Derivação	O que não funciona.
63	Desmotorizada	Derivação	Não ter uma motorizada para o exercício das funções laborais.
64	Desmunido	Derivação	Não ter alguma em posse.
65	Desoficiais	Derivação	O que não é oficial.
66	Desprometer	Derivação	Deixar de cumprir o que se prometeu.
67	Desqueci	Derivação	Não lembrar mais de alguma coisa; deixar de falar uma língua em detrimento de outra.
68	Desrepouso	Derivação	Sair do estado de repouso; semi ereto.
69	Desvisitar	Derivação	Cancelar a visita de um determinado sítio.
70	Desvisuais	Derivação	Alguém com deficiência visual; aquele que não enxerga.
71	Dikota	Empréstimo	Mais velho, idoso, adulto.
72	Dikelengo	Empréstimo	Assunto; capacidade de persuasão, conversa fiada.
73	Dipanda	Empréstimo	Independência nacional; dia de Angola; Libertação do jugo colonial; autonomia.
74	Dodós	Gíria	Moeda norte-americano, o dólar.
75	Enfiar o dedo no cu	Expressão Idiomática	Não reagir enquanto o governo maltrata as populações.
76	Ensaiaava	Semântico	Tocava.
77	Estagiar	Semântico	Alguém que pelo seu comportamento aparenta não estar em pleno uso das suas faculdades mentais.
78	Estigar	Gíria	Zombar; fazer troça de alguém.
79	Ferida nacional	Expressão Idiomática	A guerra civil angolana.
80	Fezada	Gíria	Oportunidade; sorte; algo obtido sem esforço; Boa coisa.

81	Ficar doce	Expressão Idiomática	Estar bom.
82	Filmes de malcriado	Expressão Idiomática	Filmes com conteúdo explícito, ou seja, pornográfico.
83	Flyer	Estrangeirismo	Panfletos publicitários.
84	Fritou miolagem	Expressão Idiomática	Alguém que não está no seu perfeito das suas faculdades mentais.
85	Fuba	Empréstimo	Farinha de mandioca ou de milho.
86	Funji	Empréstimo	Pasta feita à base de farinha de mandioca, prato típico da zona norte de Angola.
87	Furei o gajo	Empréstimo	Baleiar alguém, ferir alguém com arma de fogo.
88	Gajo	Gíria	Pessoa cujo nome não se sabe ou não se quer revelar; indivíduo.
89	Galar	Gíria	Ver; controlar algo por alguém; prestar atenção.
90	Galheta	Semântico	Bofetada.
91	Gamar	Gíria	Roubar; enganar.
92	Gasosa	Semântico	Suborno, gorjeta.
93	Gente graúda	Expressão Idiomática	Pessoas com poderio económico e social.
94	Gingão	Empréstimo	Vaidoso; alguém com estilo, aquele que dá passos de dança com sensualidade.
95	Gingongos	Empréstimo	Irmãos gémeos; Polícias e fiscais que trabalham em dupla.
96	Grande exemplar	Expressão Idiomática	Tamanho exagerado da hérnia testicular.
97	Hobby	Estrangeirismo	Passatempo.
98	Hojemente	Derivação	
99	Homem de costas largas	Expressão Idiomática	Alguém com poderio económico ou social.
100	jindungo	expressão	Fruto picante usado como condimento de molho.
101	Jovens têm velhos dentro deles	Expressão Idiomática	Expressão usada para designar alguém que apesar de jovem tem muita maturidade.
102	Ketchup	Empréstimo	Molho cremoso com sabor adocicado feito de polpa de tomate e outros condimentos
103	Kianda	Empréstimo	Sereia; figura mitológica africana.
104	Kilape	Empréstimo	Empréstimo de valores monetários ou outros bens; Negócio; Crédito, dívida.
105	Kínguilas	Empréstimo	Pessoas que se dedicam ao cambio de moeda de forma ilegal.
106	Kinjango	Empréstimo	Órgão genital masculino com tamanho fora do normal, Pénis avantajado.
107	Kitaba	Empréstimo	Pasta de amendoim.

108	Kizaka	Empréstimo	Comida feita de folhas da planta da mandioca.
109	Kizomba	Empréstimo	Dança e estilo musical angolano.
110	Kota	Empréstimo	Pessoa adulta; irmão mais velho; Pessoa idónea.
111	Levar nos cornos	Expressão Idiomática	Apanhar bofetadas de alguém.
112	Linha limpa	Expressão Idiomática	Chamada telefónica que não está sob escuta.
113	Machimbombo	Empréstimo	Autocarro público destinado ao transporte de pessoas e bens.
114	Magro salário	Expressão Idiomática	Salário que não compensa; salário muito baixo.
115	Maiuiado	Gíria	Falso; algo contrafeito; algo sem qualidade.
116	Maka	Empréstimo	Problema; assunto; confusão.
117	Maka crónica	Hibridismo	Problema grave.
118	Male		Bem; também serve para designar alguma coisa que esteja muito bom.
119	Mambo	Empréstimo	Coisa; assunto.
120	Maneiger	Empréstimo	Representante dos interesses profissionais de alguém; agente.
121	Marketing	Empréstimo	publicidade, divulgação.
122	Massa	Semântico	Dinheiro.
123	Matabichar	Composição	Tomar o pequeno almoço, ou seja, a primeira refeição do dia.
124	Matako	Empréstimo	Nádegas; glúteos.
125	Matako avariado	Hibridismo	Expressão usada para designar ferimentos na zona das nádegas.
126	Matar os micróbios	Expressão Idiomática	Saciar a sede.
127	Mauanas	Gíria	Óculos com armações enormes.
128	Mboa	Gíria	Rapariga, moça, namorada, esposa, mulher.
129	Mbumbi	Empréstimo	Hérnia; inflamação nos testículos.
130	Meia cabeça grande	Expressão Idiomática	Nota de cinquenta dólares americano.
131	Meu ciente	Expressão Idiomática	Expressão para designar pessoas que nos são próximas; amigos, etc.
132	Mil paus	Expressão Idiomática	Nota de mil kwanzas, dinheiro de Angola.
133	Motorola	Gíria	Sandes feito à base de pão, frango e salada de repolho, consumida

			normalmente nos mercados informais, sobretudo por vendedores ambulantes, lavadores de carro, engraxadores e até mesmo por funcionários públicos sem tempo de fazer o pequeno almoço em casa.
134	Muata	Empréstimo	Chefe; alguém financeiramente abastado.
135	Muito grosso	Expressão Idiomática	Alguém que esteja muito embriagado.
136	Mujimbo	Empréstimo	Boatos; informações cujas fontes são desconhecidas.
137	Muxima	Empréstimo	Coração.
138	Muxoxo	Empréstimo	Som agudo produzido pela boca por compreensão de ar, em sinal de desdém ou desprezo.
139	Muzonguê	Empréstimo	Caldo a base de peixe preparado com óleo de palma ou vegetal.
140	Ngala	Empréstimo	Garrafa.
141	Ngongoénha	Empréstimo	Preparado de farinha com açúcar.
142	Nokia maltratado	Expressão Idiomática	Expressão usada para designar um aparelho de telemóvel em mau estado de conservação em função do uso.
143	Os tugas não mamam desta vez	Expressão idiomática	Os Portugueses desta vez não farão parte do projeto.
144	Paneleiro	Semântico	Nome pejorativo atribuído às pessoas que têm uma orientação sexual diferente, ou seja, nome dado aos homossexuais.
145	Papo		Conversa, cuja finalidade é a persuasão.
146	Paracuca	Composição	Doce de amendoim torrado.
147	Pataria	Derivação	Grupo de pessoas que participam de uma festa sem sequer serem convidadas.
148	Pato	Semântico	Alguém que participa de festa sem ser convidado.
149	Patos profissionais	Expressão Idiomática	Pessoas que participam frequentemente de festas sem serem convidados.
150	Patrocínio da nocal	Expressão Idiomática	Expressão usada para se referir à cerveja garantida para a ocasião, uma vez que “nocal” é nome de uma fábrica de cerveja com o mesmo nome.
151	Peixe miúdo	Expressão Idiomática	Alguém sem poderio financeiro ou social.
152	Pessoas do fórum internacional	Expressão Idiomática	Expressão usada para se referir aos estrangeiros.
153	picture	Empréstimo	Ter uma ideia do comportamento de uma determinada pessoa.
154	Pincho	Gíria	Espetada de carne, geralmente vendida nas ruas de Luanda por vendedoras oriundas da República Democrática do Congo.

155	Piscinagem	Derivação	Água acumulada resultante de uma rotura de tubagem.
156	Pitar	Gíria	Comer.
157	Pitéu	Gíria	Comida.
158	Poder palavroso	Expressão idiomática	Capacidade de persuasão.
159	Pópila	Gíria	Exprimir indignação.
160	Puto	Gíria	Filho; menor de idade; criança.
161	Quitanda	Empréstimo	Mercado informal.
162	Quitandeira	Empréstimo	Vendedora dos mercados informais.
163	Quitetas	Empréstimo	Iguarias do mar, mariscos.
164	Quitutes	Empréstimo	Iguarias; comida típica de Angola.
165	Raiz	Semântico	Planta com efeito medicinal.
166	Rebita	Empréstimo	Dança tradicional angolana.
167	Regular bem	Expressão Idiomática	Não estar em pleno uso das faculdades mentais.
168	Remendo no matako	Hibridismo	Curativo nas nádegas.
169	Ruca	Gíria	Carro; viatura.
170	Saltar a pataria	Expressão Idiomática	Mandar embora todos os que não foram convidados a participar da festa.
171	Serviço de menina	Expressão Idiomática	Usufruir dos serviços das prostitutas.
172	Sniper	Empréstimo	Atirador.
173	Tentabilizar	Derivação	Encontrar solução para alguma coisa.
174	Técnica Kizombística	Hibridismo	Passos certos da dança kizomba.
175	Tickets	Empréstimo	Etiquetas.
176	Tournés	Empréstimo	Sair da zona de conforto, viajar; ir ao encontro de.
177	Troika	Gíria	Conversa, história, acerto.
178	T-shirts	Estrangeirismo	Camisola.
179	Tuga	Truncação	Cidadão de nacionalidade portuguesa; Portugal.
180	Tundem	Empréstimo	Sair; enxotar alguém.
181	Ungentos	Empréstimo	Pomada com efeito analgésico preparado à base de plantas medicinais.
182	Usar a cabeça	Expressão Idiomática	Usar as capacidades intelectuais para resolver determinado assunto.
183	Vijus	Gíria	Esperto; atento.
184	Vip	Empréstimo	Vip: importante, privilegiado.
185	Vuzumunados	Gíria	Mortos, abatidos, agredidos.
186	Xaxualhar	Empréstimo	Sussurrar das árvores por ação do vento.
187	Ximbicar	Empréstimo	Remar; orientar a vida.
188	Zona matakal	Hibridismo	Região das nádegas.
189	Zungueiro	Empréstimo	Vendedor ambulante.

ANEXO I — Vida e obra de Ondjaki

Considerado pela crítica literária como um dos nomes mais representativos da literatura angolana, Ondjaki é pseudónimo literário de Ndalú de Almeida, nascido na cidade de Luanda, aos 5 de Julho de 1977, dois anos depois da Independência de Angola. Nessa altura o país já não se encontrava mais sob o domínio da exploração portuguesa, entretanto, durante toda a sua juventude, o país estava mergulhado numa guerra civil, mas apesar dos conflitos, Ondjaki sempre afirmou nas suas entrevistas que teve uma infância tranquila, uma vez que o desenrolar da guerra não teve como palco a capital, Luanda¹⁶. Logo cedo, por volta dos 14 anos de idade, começa o seu interesse pela literatura, tendo como principais referências de leitura a banda desenhada francesa Asterix e também romances de autores como Graciliano Ramos e Gabriel García Márquez. O gosto pela escrita e pela leitura levou-o a fazer o curso de intensivo de escrita criativa no ano de 1996 em Lisboa. Na mesma cidade concluiu a licenciatura em Sociologia em 2002. Ondjaki é autor de uma vasta obra literária, tendo experimentado também o mundo cinematográfico, com a realização de um documentário sobre Luanda, numa co-realização de Kiluanje Liberdade, cujo título é *Oxalá cresçam pitangas — histórias de Luanda*. O autor, por ser natural de Luanda, utiliza a sociedade que o circunda como objeto de observação e estudo para construir as suas narrativas e melhor compreender a sua existência sociocultural.

Atualmente vive no Brasil, no Rio de Janeiro, mas continua a visitar a cidade de Luanda com alguma frequência, onde tem ministrado em parceria com a Mediateca de Luanda, cursos de escrita criativa. Ondjaki recebeu em 2000 uma menção honrosa no prémio António Jacinto em Angola pela obra *Actu Sanguíneo*; em 2013 recebeu em Portugal o prémio José Saramago pela obra *Os Transparentes*; participou em algumas antologias internacionais e portuguesas. Entre as várias obras publicadas destacam as seguintes: *O Assobiador*, novela publicada em 2002; *Yari, a menina das cinco tranças*, romance de 2004; *E se amanhã o medo*, publicado em 2004, tendo vencido com a mesma obra o prémio António Paulouro; *Os da minha rua, AvóDezanove e o segredo do soviético*, com o qual venceu o Prémio Jabuti no Brasil e o livro de poesia *Materiais para a confeção de um espanador de tristezas* publicado em 2009.

¹⁶ “Foi uma infância muito feliz, muito tranquila, apesar de algumas dificuldades. Uma coisa é a infância dentro de casa, outra é a infância fora de casa. Eu tive uma infância fora de casa, com todos os episódios que isso acarreta. Apesar de tudo, Luanda não estava propriamente dilacerada com a guerra, era uma cidade relativamente tranquila”. Confirma Ondjaki numa entrevista concedida a Ricardo Pelouro (<https://www.ueangola.com/entrevistas/item/851-entrevista-a-ondjaki-a-capacidade-de-sobrepoe-a-boa-disposi%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0s-dificuldades-em-angola>).